



ARTE, VIDA E EXPERIÊNCIA: A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DO ACONTECER

Jordana Belem Rodrigues

Dissertação de Mestrado/PPGArtes - UFPel

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado

Dissertação



Arte, Vida e Experiência: A Sala de Aula Como Espaço do Acontecer

Jordana Belem Rodrigues

Pelotas, 2024.

Jordana Belem Rodrigues

Arte, Vida e Experiência: A Sala de Aula Como Espaço do Acontecer

Dissertação apresentada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Artes do
Centro de Artes da Universidade Federal
de Pelotas como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva
Coorientador: Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza

Pelotas, 2024.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

R696a Rodrigues, Jordana Belem

Arte, vida e experiência [recurso eletrônico] : a sala de aula como espaço do acontecer / Jordana Belem Rodrigues ; Ursula Rosa da Silva, orientadora ; Marco Aurélio da Cruz Souza, coorientador. — Pelotas, 2024.

192 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Experiência estética. 2. Arte. 3. Vida. 4. Formação docente. 5. Formação discente. I. Silva, Ursula Rosa da, orient. II. Souza, Marco Aurélio da Cruz, coorient. III. Título.

CDD 700

Jordana Belem Rodrigues

Arte, vida e experiência: A sala de aula como espaço do acontecer

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes, Programa de Pós-graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 11/12/2024

Banca examinadora:

.....
Profª. Dra. Ursula Rosa da Silva (Orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (Coorientador)
Doutor em Motricidade Humana pela Faculdade de Motricidade Humana de Portugal

.....
Profª. Dra. Carla Carvalho
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná

.....
Profª. Dra. Cláudia Mariza Mattos Brandão
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente o suporte da minha família, principalmente aos meus pais (Luzia Belem Rodrigues e Marcos Antônio Rodrigues), madrinha (Zuleica Candia Belem) e companheiro (Gelson Wolfart Rodrigues). Aos meus filhotes de quatro patas Dexter e Sheik, que estavam sempre ao meu lado enquanto produzia esta escrita. Vocês são meus maiores incentivadores e o motivo pelo qual enfrento todas as batalhas da vida. Obrigada por estarem comigo e nunca soltarem minha mão, obrigada por serem porto seguro. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida.

Gostaria de agradecer minha orientadora, a professora Úrsula Rosa da Silva, a qual me guiou para concluir esta dissertação, assim como também meu coorientador, o professor Marco Aurélio Cruz Souza, por toda atenção à minha pesquisa. Sem o auxílio de vocês não teria chegado até aqui.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível superior) pelo apoio para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Agradeço também à professora Cláudia Mariza Mattos Brandão, por ceder espaço em suas aulas para que meu estágio docente pudesse ser realizado, por estar sempre disposta a contribuir e também por ter aceitado fazer parte da banca de avaliação.

Agradeço à professora Carla Carvalho (a qual tive o prazer de conhecer pessoalmente), por ter aceitado contribuir com esta pesquisa e por toda sua sensibilidade ao olhar esta escrita.

Por fim agradeço ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, por me proporcionar esta formação e transformação não só como docente, mas também como pessoa.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa fosse possível.

À todes, o meu muito obrigada de todo meu coração!

“É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou o que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma”.

Jorge Larrosa Bondía

RESUMO

RODRIGUES, Jordana Belem. **Arte, vida e experiência:** A sala de aula como espaço do acontecer. 2024. 190f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Esta escrita, como dissertação de mestrado vai dialogar com a arte e com as dimensões do sensível, se dedicando a pensar a importância da potência da experiência estética para os processos de formação e de subjetivação, que atravessam os educandos durante o percurso vivido em um curso de formação de professores em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa tem como problemática a seguinte questão: O que pode a experiência estética na formação de professores? Tendo como principal objetivo a proposta de um modo autoral de abordar o ensino de arte, a partir de experiências de caráter estético, como mais uma possibilidade de caminhar em direção a uma formação estética e crítica, fugindo dos modelos pré estabelecidos que permeiam este mesmo ambiente. A partir do objetivo geral se desdobram os objetivos específicos, sendo: problematizar novas maneiras de pensar, de ser e estar no mundo, por meio da arte; desenvolver o conceito profartista e o colocar em prática no estágio docente; compreender como o profartista reflete no processo de formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais; refletir sobre o meu próprio processo de formação em artes. O profartista acontece como uma proposição pedagógica, em um processo de formação que é artístico, mas também crítico, reflexivo, sensível, estético e auto-formativo, buscando desenvolver a autonomia nos estudantes, para que eles também sejam autores de sua própria docência, a partir das escolhas e caminhos que escolherem traçar. Buscar trazer à superfície a partir da A/R/Tografia, um “profartista” docente, transformando o espaço de sala de aula em um espaço do acontecer, em um espaço onde seja valorizada a vida, a arte, a educação, o sensível, e não só o inteligível. Um “profartista” que seja como uma obra de arte, que proporcione experiências, nos formem e nos transformem, que seja resistência e re-existência diante dos pensamentos já enraizados na sociedade. Um profartista sustentado por três tesselas que julgo ser importante dentro da formação de professores em artes visuais sendo elas: corpos em formação, aulas potência, formação sensível, a partir daí a sala de aula é experienciada como espaço do acontecer. Uma proposta baseada em autores que tratam de experiência, arte e educação, como Jorge Larrosa, Marcos Vilella Pereira, Paulo Freire, Sandra Mara Corazza e Miriam Celeste Martins. Os resultados se consolidaram em um processo de vivências artísticas e pedagógicas, com experiências práticas e teóricas, aliadas aos registros dos alunos nos diários de bordo artesanais (confeccionados por mim) distribuídos no início do semestre. Nossas vivências e partilhas de fato fizeram sentido e é possível perceber uma diversa produção/criação de significados. A experiência, a vivência e a patilha estética aconteceram, ancoradas em princípios da arte e da educação, abrindo um espaço de possibilidade para uma formação docente mais sensível, estética, integral, crítica, reflexiva e autoformativa.

Palavras-chave: Experiência estética; arte; vida; formação docente, formação discente.

RESUMEN

RODRIGUES, Jordana Belem. **Arte, vida y experiencia**: El aula como espacio del suceder. 2024. 190f. Disertación (Maestría en Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Este escrito, a modo de tesis de maestría, dialogará con el arte y las dimensiones de lo sensible, dedicándose a pensar en la importancia del poder de la experiencia estética para los procesos de formación y subjetivación, que los estudiantes experimentan durante el recorrido que emprenden. Curso de formación docente en la Licenciatura en Artes Visuales de la Universidad Federal de Pelotas. La investigación se centra en la siguiente pregunta: ¿Qué puede hacer la experiencia estética en la formación docente? Teniendo como objetivo principal proponer una manera autoral de abordar la enseñanza del arte, basada en experiencias de carácter estético, como una posibilidad más de avanzar hacia una formación estética y crítica, alejándose de los modelos preestablecidos que permean este mismo entorno. Del objetivo general se despliegan los objetivos específicos, siendo: problematizar nuevas formas de pensar, ser y estar en el mundo, a través del arte; desarrollar el concepto profartistar y ponerlo en práctica en la pasantía docente; comprender cómo reflexiona profartistar sobre el proceso de formación de los estudiantes de la Licenciatura en Artes Visuales; reflexionar sobre mi propio proceso de formación artística. Propartistar se desarrolla como propuesta pedagógica, en un proceso de formación artística, pero también crítica, reflexiva, sensible, estética y autoformativa, buscando desarrollar la autonomía en los estudiantes, para que sean también autores de su propia enseñanza, basada en las opciones y caminos que eligen seguir. Buscando sacar a la superficie desde la A/R/Tografía una enseñanza “profartistar”, transformando el espacio del aula en un espacio del suceder, en un espacio donde convivan la vida, el arte, la educación, lo sensible, y no sólo lo inteligible. Un “profartistar” que es como una obra de arte, que nos brinda experiencias, nos forma y transforma, que es resistencia y reexistencia frente a pensamientos ya arraigados en la sociedad. Un profartistar sustentado en tres teselas que creo importantes dentro de la formación del profesorado en artes visuales, a saber: cuerpos en formación, clases de poder, formación sensible, de ahí en adelante el aula se vive como un espacio de acontecer. Una propuesta basada en autores que abordan la experiencia, el arte y la educación, como Jorge Larrosa, Marcos Vilella Pereira, Paulo Freire, Sandra Mara Corazza y Miriam Celeste Martins. Los resultados se consolidaron en un proceso de experiencias artísticas y pedagógicas, con experiencias prácticas y teóricas, combinadas con registros de los estudiantes en cuadernos de bitácora hechos a mano (hecho por mí) distribuidos al inicio del semestre. Nuestras experiencias y el intercambio realmente tuvieron sentido y es posible percibir una producción/creación diversa de significados. La experiencia, experiencia y camino estético se desarrolló, anclado en principios del arte y la educación, abriendo un espacio de posibilidad para una formación docente más sensible, estética, integral, crítica, reflexiva y autoformativa.

Palabras llave: Experiencia estética; enseñanza del arte; formación docente; formación de estudiantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo de criação/construção do mosaico de azulejos	23
Figura 2 - Mosaico de Azulejos	24
Figura 3 - Ações de A/R/Tografar que também inspiraram o profartistar	62
Figura 4 - Processo de construção da obra mosaico de espelhos	65
Figura 5 - Mosaico de espelhos - Obra: Reflexo do Viver	66
Figura 6 - Mosaico de espelhos - Obra: Reflexo do Viver	66
Figura 7 - Mosaicos ao acaso	67
Figura 8 - Processo de confecção dos diários de bordo para as turmas	70
Figura 9 - Teste de carimbo colorido (1). Carimbo escolhido (2)	71
Figura 10 - Páginas do diário de bordo de uma profartista	73
Figura 11 - Páginas do diário de bordo de uma profartista	74
Figura 12 - Páginas do diário de bordo de uma profartista	74
Figura 13 - Páginas do diário de bordo de uma profartista	75
Figura 14 - Quadro sobre os temas e objetivos trabalhados nos encontros (aulas)	76
Figura 15 - Slides das aulas 1, 2 e 3	77
Figura 16 - Slides das aulas 4 e 5	77
Figura 17 - O que são tesselas?	87
Figura 18 - Rascunho de como seriam as tesselas base da proposição pedagógica	88
Figura 19 - Tesselas de um profartistar	89
Figura 20 - Tesselas de um profartistar	89
Figura 21 - Estrutura da disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais	99
Figura 22 - Estrutura da disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais	99

Figura 23 - Mosaico Intervenção na Praia do Laranjal, em Pelotas/RS	100
Figura 24 - Mosaico Intervenção na Praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas/RS	102
Figura 25 - Alguém sabe quem tá fazendo essas intervenções?.....	103
Figura 26 - Registros do primeiro encontro com as turmas	107
Figura 27 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna A	108
Figura 28 - Percepções A/R/Tográficas. Aluno B	109
Figura 29 - Percepções A/R/Tográficas. Aluno C	110
Figura 30 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna D	110
Figura 31 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna D	111
Figura 32 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna E	111
Figura 33 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna F	112
Figura 34 - Percepções A/R/Tográficas. Alunos G, H, I, J	114
Figura 35 - Exemplo de rachaduras que eles poderiam preencher com o mosaico	115
Figura 36 - Exemplo de rachaduras que eles poderiam preencher com o mosaico	115
Figura 37 - Preparação dos materiais para distribuir para as turmas	116
Figura 38 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna K	118
Figura 39 - Processo de construção dos mosaicos das turmas (1)	119
Figura 40 - Processo de construção dos mosaicos das turmas (2)	120
Figura 41- Mosaicos (1). Trabalhos das turmas da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais	121
Figura 42 - Mosaicos (2). Trabalhos das turmas da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais	122
Figura 43 - Mosaico desenvolvido pelo grupo <i>Alpha</i>	123

Figura 44 - Mosaico desenvolvido pelo grupo <i>Beta</i>	124
Figura 45 - Mosaico desenvolvido pelo grupo <i>Gama</i>	125
Figura 46 - Mosaico desenvolvido pelo grupo <i>Gama</i>	126
Figura 47 - Explorando novas possibilidades. Fotografia dos mosaicos desenvolvidos pelas turmas	126
Figura 48 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna L	128
Figura 49 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna M	129
Figura 50 - Percepções A/R/Tográficas. Aluno N	129
Figura 51 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna O	131
Figura 52 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna P	132
Figura 53 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna P	132
Figura 54 - Percepções A/R/Tográficas. Aluno Q	134
Figura 55 - Percepções A/R/Tográficas. Aluno R	135
Figura 56 - Percepções A/R/Tográficas. Aluna S	136
Figura 57 - Mural de relatos. Diários de bordo das turmas	137
Figura 58 - Atividade “Ser professor(a) é”	139
Figura 59 - Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema “Ser professor”	142
Figura 60 - Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema “Modos de vida contemporâneo e capitalismo”	143
Figura 61 - Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema “Ditadura Militar no Brasil”	144
Figura 62 - Fotografia representando a escola que temos	145
Figura 63 - Fotografia representando a escola que queremos	146
Figura 64 - Recadinhos. Aluna T	147
Figura 65 - Mural de Recadinhos	148
Figura 66 - Recadinhos. Aluno U	149

Figura 67 - Fotografia dos azulejos que uma aluna me presenteou	149
Figura 68 - Fotografia dos azulejos que uma aluna me presenteou	149
Figura 69 - Fotografia do diário de bordo do aluno 1	164
Figura 70 - Fotografia do diário de bordo da aluna 2	164
Figura 71 - Fotografia do diário de bordo da aluna 3	165
Figura 72 - Fotografia do diário de bordo da aluna 4	165
Figura 73 - Fotografia do diário de bordo da aluna 5	166
Figura 74 - Fotografia do diário de bordo da aluna 6	166
Figura 75 - Fotografia do diário de bordo da aluna 7	167
Figura 76 - Fotografia do diário de bordo da aluna 8	167
Figura 77 - Fotografia do diário de bordo do aluno 9	168
Figura 78 - Fotografia do diário de bordo da aluna 10	168
Figura 79 - Fotografia do diário de bordo da aluna 11	169
Figura 80 - Fotografia do diário de bordo do aluno 12	169
Figura 81 - Fotografia do diário de bordo da aluna 13	170
Figura 82 - Fotografia do diário de bordo da aluna 14	170
Figura 83 - Fotografia do diário de bordo da aluna 15	171
Figura 84 - Fotografia do diário de bordo da aluna 16	171
Figura 85 - Fotografia do diário de bordo do aluno 17	172
Figura 86 - Fotografia do diário de bordo do aluno 18	172
Figura 87 - Fotografia do diário de bordo do aluno 19	173
Figura 88 - Fotografia do diário de bordo da aluna 20	173
Figura 89 - Fotografia do diário de bordo da aluna 21	174
Figura 90 - Fotografia do diário de bordo da aluna 22	174
Figura 91 - Fotografia do diário de bordo do aluno 23	175

Figura 92 - Fotografia do diário de bordo da aluna 24	175
Figura 93 - Fotografia do diário de bordo da aluna 25	176
Figura 94 - Fotografia do diário de bordo da aluna 26	176
Figura 95 - Fotografia do diário de bordo da aluna 27	177
Figura 96 - Fotografia do diário de bordo da aluna 28	177
Figura 97 - Fotografia do diário de bordo da aluna 29	178
Figura 98 - Fotografia do diário de bordo da aluna 30	178
Figura 99 - Fotografia do diário de bordo do aluno 31	179
Figura 100 - Fotografia do diário de bordo da aluna 32	179
Figura 101 - Fotografia do diário de bordo da aluna 33	180
Figura 102 - Fotografia do diário de bordo da aluna 34	180
Figura 103 - Fotografia do diário de bordo do aluno 35	181
Figura 104 - Fotografia do diário de bordo da aluna 36	181
Figura 105 - Fotografia do diário de bordo do aluno 37	182
Figura 106 - Fotografia do diário de bordo da aluna 38	182
Figura 107 - Fotografia do diário de bordo da aluna 39	183
Figura 108 - Fotografia do diário de bordo do aluno 40	183
Figura 109 - Fotografia do diário de bordo do aluno 41	184
Figura 110 – Fotografia do diário de bordo do aluno 42	184
Figura 111 – Fotografia do diário de bordo da aluna 43	185
Figura 112 – Fotografia do diário de bordo da aluna 44	185
Figura 113 - Fotografia do diário de bordo da aluna 45	186
Figura 114 – Fotografia do diário de bordo da aluna 46	186
Figura 115 - QR CODE gerado para revelar alguns processos de criação ...	187

SUMÁRIO

1. A/R/TografiaS ENTRE VIDA, ARTE E EDUCAÇÃO: A ABERTURA PARA A CRIAÇÃO DE UM Profartistar.....	15
2. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM UM MUNDO CONTEMPORÂNEO, ANESTÉSICO, CAPITALISTA E CONSUMISTA.....	26
2.1. A Transfiguração da Experiência Estética.....	34
2.2. Arte, Vida e Experiência Estética.....	40
2.3. Experiência Estética e Educação: Contribuições para pensar uma Educação Sensível.....	43
3. A/R/Tografia COMO MÉTODO: OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA, DA PESQUISA E DO Profartistar.....	48
3.1. Profartistar e o Ensino de Arte.....	78
3.2. Proposição Pedagógica para o Ensino de Artes Visuais.....	86
4. Profartistando: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS BASEADAS EM ARTE NO ESTÁGIO DOCENTE.....	95
4.1. Profartistando a Docência em Artes: Percepções A/R/Tográficas.....	105
5. ÚLTIMAS REVERBERAÇÕES POR AQUI.....	152
6. REFERÊNCIAS.....	158
7. APÊNDICES.....	163

1. A/R/TografiaS ENTRE VIDA, ARTE E EDUCAÇÃO: A ABERTURA PARA A CRIAÇÃO DE UM Profartistar



1. A/R/TografiaS ENTRE VIDA, ARTE E EDUCAÇÃO: A ABERTURA PARA A CRIAÇÃO DE UM Profartistar

Há alguns anos atrás (2013) realizei o sonho de ingressar como discente em uma universidade pública, em um curso de Licenciatura em Artes Visuais. A arte já era uma paixão, fazia parte da minha vida desde a infância quando frequentava o ateliê de esculturas e outras gambiarras¹ que meu avô produzia, se estendendo por todo meu processo de formação humana e profissional. Porém, foi ao estar inserida no meio acadêmico, em um curso de licenciatura que descobri mais um amor: a educação. Ao frequentar e habitar aquele espaço (onde hoje me encontro novamente como mestrande em Artes) comecei a perceber que a arte me movia a experimentar e a vivenciar, assim como a educação. Este espaço entre docência/discência em que me encontro é um lugar de possibilidades com arte, um lugar de aprender com arte, de sentir a arte, de gerar novos pensamentos por meio da arte, de criar relações com a arte, entrecruzando outros saberes e diversas esferas da vida. Um lugar que pode ser transformador e acolhedor, um lugar onde experimentar, experienciar e vivenciar fazem parte da vida, dos processos de formação, mas também podem fazer parte do processo artístico.

Em meio a tantas possibilidades, percebi que nem todos os meus professores da graduação conseguiram apresentar e utilizar os conteúdos a serem ministrados para afetar os alunos a favor da aprendizagem por meio da experiência estética, e em algumas disciplinas o interesse não era despertado. As propostas de aulas eram quase sempre expositivas, aliadas a avaliações resumidas em provas que mediam somente a nossa capacidade de memorizar os conteúdos, ou seja, o aprendizado significativo não acontecia. Julgo ser importante fazer uma passagem sobre a história do ensino de arte no Brasil para melhor compreendermos os percursos já trilhados. De acordo com Ana Mae Barbosa (1975), até o fim do século XVIII, a arte e sua produção eram voltadas para o poder da igreja e para a religiosidade, sendo utilizadas como ferramentas poderosas para a catequização, por exemplo.

¹ Significado de Gambiarra: Substantivo feminino - Solução improvisada para resolver um problema ou para remediar uma situação de emergência; remendo. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/gambiarra/>>.

Um século mais tarde, em 1808 a Missão Francesa chega ao Brasil e alguns anos depois, em 1816 é inaugurada a Academia Imperial de Belas Artes. No país, a partir da vertente do século XIX, o ensino de artes está ligado ao ensino tradicional, que tem como meio a reprodução de modelos prontos com objetivo de aperfeiçoar as diversas técnicas. O professor como figura de maior conhecimento, e que transmite tal conhecimento aos alunos. A metodologia utilizada visava apenas questões de memorização e o ensino de arte não era valorizado. O racional predominava e durante muito tempo essa prática de ensino perdurou (Barbosa, 1975).

O século XX deu início a um movimento de reforma no ensino de modo geral, com ideias de propostas inovadoras para o ensino de arte em ambientes não formais, como os ateliês. As propostas do modelo da Escola Nova, não mais detém a atenção maior para a figura do professor, deslocando então, essa atenção para o aluno, e não só isso, deslocando também o pensamento racional para o emocional e o lógico para o psicológico, e por isso a livre expressão é adotada (Barbosa, 1975). Nessa tendência, o processo de aprendizagem valorizado tem um enfoque mais humanista.

Em 1970, a Lei 5.692/71 tornou obrigatória a Educação Artística nos currículos escolares de 1º e 2º graus, ou seja, o ensino de arte não iniciou com a mesma importância dada aos demais componentes curriculares, dado sua inserção tardia nos ambientes formais de educação. Nessa época o ensino de arte era tratado como atividade artística e não como componente do currículo. Ainda neste período (Ditadura Militar) a Educação Artística tinha uma abordagem voltada para a leitura e reprodução de imagens, sem levar em conta aspectos históricos, sociais, políticos ou culturais. Geralmente as atividades eram direcionadas para produções de ornamentação ou ilustração de datas comemorativas, como se o ensino de arte fosse baseado apenas em aspectos comemorativos e ornamentais. Isso acontecia principalmente pela falta de profissionais com uma formação qualificada para ministrar este componente.

Várias propostas foram difundidas no Brasil na passagem do século XX para o século XXI, e as que mais se destacam são aquelas que se afirmam por abranger e envolver ações, que visam a melhoria do ensino e da aprendizagem em arte. São estudos que englobam educação estética e estética do cotidiano, assuntos que complementam a formação dos educandos.

Surgiu então, a Proposta Triangular (1987-1993) desenvolvida pela protagonista do ensino de Arte no Brasil, Ana Mae Barbosa, sendo também colocada em prática. Nessa perspectiva é importante ressaltar a potencialidade do ensino de arte para estimular a capacidade crítica e reflexiva dos educandos dos diferentes níveis educacionais, por meio de uma proposta que se concretiza a partir de três pilares: o fruir (leitura da obra), o fazer artístico e o refletir/contextualizar (História da Arte), onde eles se relacionam, se atravessam e se movimentam. De acordo com a visão de Ana Mae:

Em arte-educação, a Proposta Triangular, que até pode ser considerada elementar se comparada com os parâmetros educacionais e estéticos sofisticados das nações centrais, tem correspondido à realidade do professor que temos e à necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento em que vivemos, respondendo ao valor fundamental a ser buscado em nossa educação: a leitura, a alfabetização (Barbosa, 1998, p. 35).

Logo, foram percebidas algumas transformações dentro do ensino de arte que foram protagonizadas pela Proposta Triangular de Ana Mae (1987-1993). No início do século XX, alguns professores interpretaram a proposta de maneira equivocada, colocando a releitura como uma simples cópia de imagens. Essa interpretação ocorreu por conta de que os professores aplicavam a proposta como uma receita de bolo, de maneira automática, sem uma reflexão prévia de tal abordagem. É importante ressaltar que as propostas não devem ser utilizadas de forma mecânica, pois isso engessa o conhecimento e a abertura ao desconhecido.

No ano de 1996 a arte se tornou componente curricular obrigatório, sendo guiada pela Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9.394/1996. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram elaborados após a aprovação desta lei para guiar e orientar as atividades em sala de aula. O PCN exclusivo do ensino de arte prevê práticas pedagógicas que incluam Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, visando um esquema metodológico em que os saberes dos alunos sejam valorizados e que sejam propostas reflexões e críticas a partir da arte, valorizando e ajudando na construção das identidades dos educandos, incluindo expressões individuais e regionais.

A partir desta pequena passagem, por parte da história do ensino de arte no Brasil, de acordo com Barbosa (1975), podemos observar que essa ampliação da visão de que a arte é fundamental na formação dos seres, para

torná-los mais conscientes, críticos e com poder de transformação social, é de grande importância. Porém, ainda hoje podemos perceber resquícios de propostas pedagógicas enraizadas no ensino mecânico e conteudista, que são afastadas do fazer artístico e da criação pedagógica. Assim como nos diz Mirian Celeste Martins:

[...] o que tenho chamado de “olhar de missão francesa”, preso a valores acadêmicos da arte, ainda está presente nas escolas como a melhor e verdadeira arte. Um exemplo disso é o modo como as releituras são muitas vezes traduzidas pela ação de cópia de originais [...] (Martins, 2011, p. 312).

Na contemporaneidade os professores atuam com as mais diversas tendências pedagógicas, porém os resquícios de um ensino tradicional racionalista, ainda aparecem – às vezes com muita força – dentro dos ambientes educativos. Algo que me deixava um pouco frustrada enquanto professora de arte, afinal essa é uma ideia de ensino ultrapassada que data do século XIX, e que tem por objetivo a transmissão de conteúdos e já não se encaixa para o ensino de arte no contexto contemporâneo em que vivemos. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire pondera sobre a questão de transmissão de conteúdos:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 1996, p. 21).

Freire salienta sobre criar possibilidades para a produção e a construção de um conhecimento que deve ser compartilhado entre docente e discentes, um conhecimento que se dá no processo, no encontro com os diferentes saberes que compõem a sala de aula. Em minha formação universitária faltou, em alguns professores, a utilização de metodologias que me afetassem como aluna e que me despertassem o desejo e a curiosidade para a aprendizagem a partir de experiências múltiplas e potentes. Experiência de caráter estético e subjetivo, que nos forma e nos transforma com o caminhar de nossa vida, mas também através do contato sensível com o mundo, especialmente na relação com a arte.

Essa questão metodológica que julgo ser ultrapassada, com modelos de aulas tradicionais, que eu considero retrógradas dentro de um campus da universidade, poderia ter frustrado completamente a minha busca por esta

formação docente. Talvez esse desejo por ser docente tenha atravessado o meu corpo, o meu ser, de uma maneira tão intensa que hoje me encontro em um mestrado em Artes na mesma universidade em que finalizei minha graduação, buscando trilhar um novo caminho, aflorar um novo olhar e perceber por novas perspectivas, para fazer diferente junto aos meus alunos. Por meio de um contato ainda mais potente com a arte, dentro da linha de pesquisa de Educação em Artes e Processos de Formação Estética do Mestrado em Artes da Universidade Federal de Pelotas, procurei novas possibilidades de abordar o ensino de artes. A partir daí, a questão principal desta pesquisa é: O que pode a experiência estética na formação docente/discente em Artes Visuais?

O objetivo geral então, é propor um modo autoral para o ensino de arte com professores em formação no curso de licenciatura em Artes Visuais, a partir de experiências de caráter estético e sensível. Este objetivo surge, não como uma maneira de fazer, mas como mais uma possibilidade de caminhar em direção a uma formação docente crítica e contextualizada, que fuja dos modelos pré-estabelecidos que permeiam os ambientes educacionais.

Atrelados ao objetivo geral, são desdobrados os seguintes objetivos específicos: problematizar novas maneiras de pensar, de ser e estar no mundo, por meio da arte; desenvolver o conceito profartista e o colocar em prática no estágio docente; compreender como o método autoral reflete no processo de formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais; refletir sobre o meu próprio processo de formação em artes.

Esse modo autoral seria o profartista como proposição pedagógica. Um modo autoral onde professoras(es) são autores de seu próprio conhecimento, de seu próprio processo de formação e de sua própria obra. Uma professora que assume uma postura de alguém que se abre para aprender com o outro. Uma construção que é coletiva. Um processo de formação que é artístico, mas também crítico, reflexivo, sensível, estético e auto-formativo. Proporcionar aulas como expressão artística, abertas à múltiplas interpretações e significados que vão surgindo ao caminarmos, mas também de acordo com as vivências e subjetividades de cada estudante/professor, pois cada ser percebe o mundo à sua maneira. Construção de práticas pedagógicas éticas e estéticas, onde na relação com os estudantes seja possível abrir espaço para que eles também

sejam autores de sua própria docência, a partir das escolhas e caminhos que escolherem traçar.

Destaco a importância de proporcionar experiências sensíveis aos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais, com propostas de trabalhos que sejam realmente significativos, contextualizados e que estejam ligadas ao cotidiano de cada um deles. A ideia é tentar fazer com que realmente as aulas os toquem de alguma maneira, para que através das experiências, provocações e propostas de trabalhos eles também produzam a sua própria maneira de pensar/ser/estar/atuar no mundo, ampliando a criticidade e significando a vida através de um olhar mais sensível e apurado para perceber por outras perspectivas, fazendo com que tudo isso reverbere em suas ações mundanas e atuações pedagógicas.

Nesse sentido, acredito que por meio da metodologia A/R/Tográfica, será possível olhar para minhas próprias vivências e experiências como artista-pesquisadora-professora-pesquisadora no processo de estágio supervisionado, refletindo sobre elas e as utilizando para dar luz a um “profartistar”.

Uma pesquisa que visa envolver os leitores, de forma a possibilitar uma experiência, uma pesquisa que poderá afetar (ou não), que se forma e também se transforma. Uma pesquisa feita para ser vivida.

Vivenciar a ação pesquisante, o olhar indagador, a vigília criativa e atenta ao mundo ao nosso redor, o estudo, a leitura, a constante formação cultural nos alimenta como profissionais da educação. Profissionais que aprendem seu ofício na convivência diária com a pesquisa de sua própria prática. Pessoas que, convivendo com a arte contemporânea, potencializam suas ações em trajetos propositores (Martins, 2006, p. 229).

Nesse sentido, esta é uma pesquisa que privilegia a educação estética a partir do ensino da arte na formação de professores. A arte na educação pode contribuir com o conhecimento sensível, mas também com a produção de sentido e de significado, provocando mudanças significativas na visão de mundo de todos aqueles que ali estão envolvidos.

Penso esta pesquisa como uma criação que vai adquirindo forma na sua própria escrita, no seu próprio caminhar. Penso esta dissertação como uma construção que vai se fazendo aos poucos, pedacinho por pedacinho, assim como os mosaicos também são construídos (aos poucos, com paciência). Uma arte em que devemos ter atenção com cada fragmento, com cada pecinha que

vai se encaixando para formar a composição desejada, algo que vai sendo construído aos poucos. A partir da arte do mosaico, então, é como penso metaforicamente esta pesquisa. Me constituo artista enquanto construo essa escrita, enquanto percorro este caminho de formação docente/discente – pois me coloco em um lugar que se dá entre aluna e professora - pensando em nossa formação inesgotável. Ao me reconhecer como A/R/Tógrafa senti a necessidade de criar meu próprio mosaico, algo que irá metaforizar a ideia de um conhecimento que vai acontecendo aula por aula, que vai sendo tecido e construído a cada encontro, um conhecimento que se desdobra sobre a vida e sobre as esferas que a ela pertencem. Como se cada uma das tesselas representasse alunos e professores, pois elas são únicas e diversas, assim como nós.

Uma arte que se desdobrou em fotografias do processo de construção do mosaico, que compõem esta dissertação na abertura dos capítulos, sendo os registros do próprio mosaico o casulo da dissertação.

Abaixo, na Figura 1, podemos observar as fotografias do processo de criação/construção do mosaico de azulejos. Foi utilizada um painel de fibra de densidade média como base, azulejos coloridos, a ferramenta torquês para que fosse possível cortar os azulejos, uma pinça para manusear as tesselas e também cola instantânea.

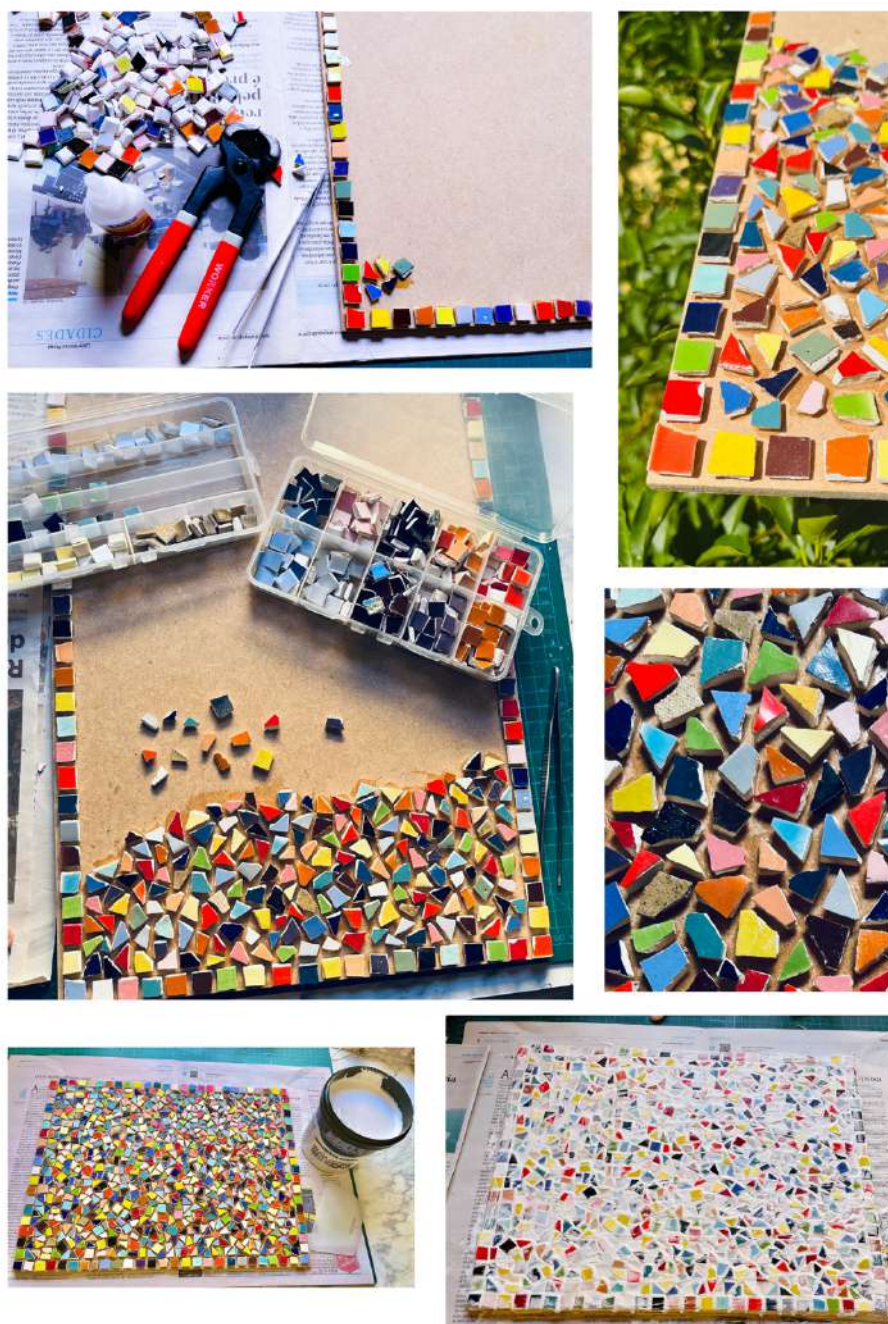


Figura 1. Processo de criação/construção do mosaico de azulejos. Acervo da autora, 2024.

E abaixo na Figura 2, podemos ver o mosaico já finalizado.

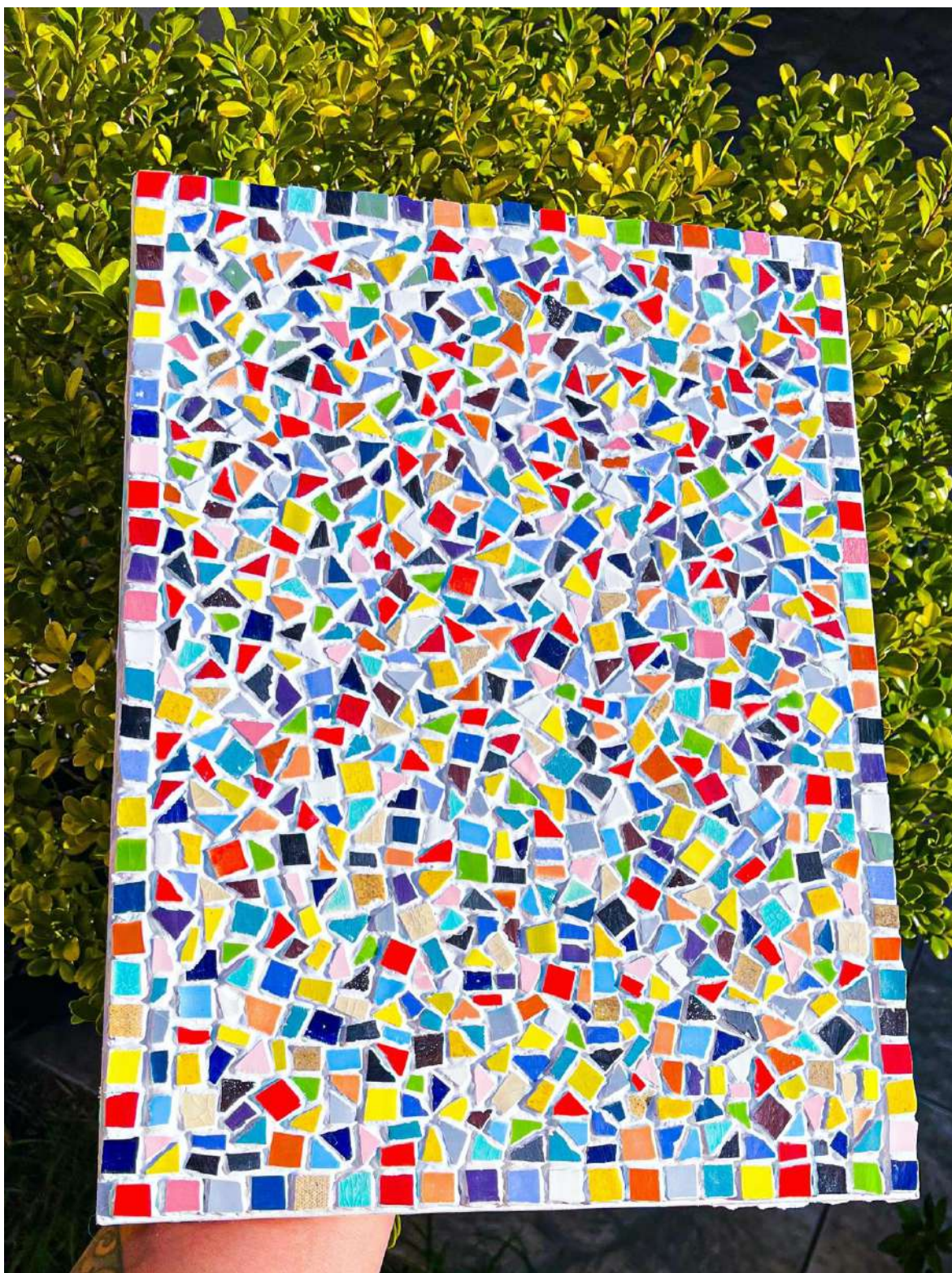


Figura 2. Mosaico de Azulejos. Acervo da autora, 2024

Nesse estudo, o mosaico também representa o entre. Há algo entre os caquinhos. Ele se compõe aos poucos, enquanto vamos colando os azulejos coloridos e de diferentes tamanhos um a um. Da mesma maneira que o

conhecimento nos espaços educativos, que também vai sendo construído aos poucos, por meio de conexões corporais sensíveis e metodologias apropriadas a cada grupo de trabalho. Assim penso a educação por meio da arte, onde em sala de aula cada um de nós é um mundo, com diferentes experiências e vivências que estão inscritas em nossos corpos. Através da conexão dos corpos é possível germinar trocas riquíssimas em potência na sala de aula, sendo possível construir um conhecimento sensível, sendo possível afetar e ser afetado.

Assim como colocam as autoras Pillotto e Meira:

Ao refletir sobre o sensível e o afeto nas práticas educacionais é importante compreender o conhecimento não como algo a ser dado, mas como algo a ser construído e sentido, capaz de tocar nosso ser profundamente (2022, p.60).

As fotografias do mosaico e de sua construção, tem um significado poético dentro da pesquisa, assim como nos desperta também o interesse e a curiosidade por meio do visual. Novas imagens surgiram e se desdobraram por meio da imagem de capa, e assim foi possível construir, significar e ressignificar.

Através de uma escrita que desloque o nosso olhar para outros lugares, proponho um A/R/Tografar com vida, arte e educação. Esta ideia será abordada com mais detalhes de procedimentos em capítulo próprio sobre a metodologia.

O primeiro capítulo acabamos de ler, onde o trabalho é apresentado, traçando um panorama geral do que se pretende trabalhar nesta pesquisa, colocando em jogo o problema de pesquisa e os objetivos, tentando criar e entrelaçar caminhos. Caminhos que mais cedo ou mais tarde irão se cruzar e se transformar. No segundo capítulo inicialmente, trago a contextualização do mundo em que vivemos hoje, um mundo anestésico, capitalista e consumista. Logo após abordo a experiência estética e a sua transfiguração, como ela se constitui e como ela atravessa nossas vidas. Logo na terceira parte avanço um pouco mais, falando sobre os atravessamentos entre arte, vida e experiência estética. O capítulo vai se findar em algumas contribuições sobre a experiência estética e o ensino de artes. No terceiro capítulo apresento a metodologia de pesquisa, os passos trilhados, as referências inspirações para a criação do profartista e também uma proposição pedagógica, pensando nesse mesmo conceito. No quarto capítulo trago o meu processo de profartista A/R/Tógrafa, apresentando o processo criativo de meu ser artista que acontece

simultaneamente às aulas desenvolvidas no estágio docente. Ainda no quarto capítulo trago as análises dos materiais recolhidos no estágio docente, fazendo uma costura com a A/R/Tografia, mas também com o profartistar.

Finalizo dizendo que não há fim. Esta é uma pesquisa aberta e que continuará a reverberar dentro do campo da arte, da educação, podendo também se estender ao campo da filosofia, dentre outros campos em que esta escrita poderá ser útil. Não como uma maneira de fazer, mas como mais uma possibilidade de pensar, ou como diversas possibilidades de pensar, de fazer, de ser e estar no mundo, de atuar nesse mundo, diversas maneiras de ser docente. Inventar, devanear, e continuar transformando pensamentos é também, um modo de resistir.



2. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM UM MUNDO CONTEMPORÂNEO, ANESTÉSICO, CAPITALISTA E CONSUMISTA

2. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM UM MUNDO CONTEMPORÂNEO, ANESTÉSICO, CAPITALISTA E CONSUMISTA

O excesso de informação tem nos adoecido. Diariamente somos bombardeados pela grande circulação de imagens e de informação de todos os tipos. Vivemos diante de uma configuração de sociedade contemporânea que se transforma constantemente. Ligados à mídia e também ao capitalismo, percebemos os padrões de todos os tipos que são impostos à sociedade. A mídia dita como devemos nos vestir, quais marcas devemos consumir, quais características físicas devemos ter para de fato nos tornarmos atraentes e impõe diversos outros modos de vida. Um modo de vida “perfeito” e que de fato iremos incansavelmente à busca, porém a perfeição não irá chegar. Tudo isso toma nossa vida e acabamos sufocados pela grande quantidade de informação e por conta da velocidade com que ela se propaga e se atualiza.

Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência (Larrosa, 2002, p. 21).

O mundo contemporâneo está em crise, e ela acontece por conta da mudança nos modos de vida que começam a se transformar mais drasticamente com o início da modernidade. Esse mundo contemporâneo não está em crise sozinho, ao atuarmos sobre ele, esse desequilíbrio também atinge nossos corpos deteriorando nossos sentidos. Assim como coloca Duarte Júnior (2000): “[...] o mundo de hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação [...]”. O mundo de hoje é um mundo fragmentado por conta das transformações do sujeito e dos modos de vida.

Vivemos de maneira automática, onde tudo o que importa é produzir até o esgotamento, o que pode desencadear diversos problemas psicológicos (assunto para outro momento). O ser humano já não consegue viver em harmonia com a natureza, e percebemos, por exemplo, os espaços públicos poluídos por conta do grande descarte irregular de lixo e também das fumaças tóxicas que são liberadas pelas “fabulosas” indústrias. Os equipamentos tecnológicos estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, e as relações sociais acabam se tornando mais frias, pois são mediadas pelas redes, sem a energia e a potência das trocas corporais.

É importante adentrar na História, para perceber e compreender alguns aspectos que nos levaram aos modos de vida contemporâneos. De acordo com Duarte Júnior (2000, p. 41) “é entre os séculos XI e XIV que iremos encontrar as bases e fundamentos da vida moderna”. Na passagem desses séculos (XI a XIV) teremos alguns marcos que são importantes de serem mencionados, pois facilitaram o caminho para chegarmos aos modos de vida modernos e posteriormente contemporâneos. Um deles é o aumento das cidades e em decorrência o aumento do comércio, tanto de produtores como também de consumidores.

Apesar destes marcos de acontecimentos fazerem parte das transformações dos modos de vida, é no século XV que teremos de fato um grande avanço da modernidade. Assim este século se torna um dos mais importantes para pensar em como se apoiam os novos tempos. De acordo com Gombrich (1999), com a chegada do Renascimento, surge também a necessidade de explorar ainda mais o mundo, que ainda era desconhecido.

São desenvolvidos também estudos de perspectiva por Leonardo da Vinci, que foram importantíssimos dentro da história das artes e que mudaram completamente as representações na pintura, fazendo com que uma superfície tridimensional pudesse ser representada sem muita distorção em uma superfície bidimensional; assim como estudos de arquitetura de Leon Battista Alberti e Filippo Brunelleschi, que também mudaram a configuração das cidades, Gombrich (1999). E isso tudo para dizer que a razão, a inteligência racional, eram super valorizados na época e toda a ideia de corpo era voltada para o cérebro, para o raciocínio, pois a Ciência era baseada na ideia de um conhecimento racional. Nesta passagem já podemos perceber o porquê de na contemporaneidade nossos sentidos estão sendo embrutecidos, esta já é uma ideia que se mantém por séculos.

No século XVII, adentraremos em uma época em que o conhecimento moderno será constituído por meio do pensamento e do fazer de duas figuras: René Descartes, que deu início à filosofia moderna e Galileu Galilei que iniciou experimentações científicas. Vamos nos deparar mais uma vez com a questão de que a razão estaria focada somente no órgão cerebral, e na inteligência humana. Descartes (2001), faz considerações sobre a “dicotomia cartesiana”, sendo esta sua ideia de separação entre o corpo e a mente, através do “Penso,

logo existo (*cogito ergo sum*)”, publicado em 1637 no livro *O discurso do método*, reafirmando priorizar o racional (razão lógica) em relação ao sensível (aquilo que é corporal). Mais uma vez o saber dos corpos é negado, é colocado de lado, não é valorizado, parece não conseguir alcançar a importância do saber racional. Galileu transformou radicalmente aquilo que era tido como conhecimento, através da genialidade de seus estudos matemáticos e científicos, mais uma vez afirmando para a visão mundana que a razão lógica está acima do saber sensível.

Logo em seguida, no século XVIII, vamos perceber a importância de definir e firmar a modernidade, fazendo com que essa ideia de pensamento fosse espalhada pela vida cotidiana dos povos que existiam até então. Este século também é chamado de “século das luzes”, por conta de dois acontecimentos marcos que vão dar ainda mais base e precisão para a modernidade: o Iluminismo e a Revolução Industrial.

A Revolução Industrial (1760-1840) então, começa a caminhar em direção à transformação do mundo, principalmente dentro do âmbito da vida cotidiana. Tendo como características marcantes neste tempo, a supervalorização da racionalidade e o uso de novas técnicas produtivistas a partir dos conhecimentos científicos já desenvolvidos anteriormente. Os modos de vida então, começam a mudar drasticamente, e em uma velocidade acelerada.

Com a implementação das indústrias, o ser humano vai se transformar em operário, seguindo as regras e horários impostos pelas mesmas, ou seja, visando a lógica da nova produção industrial. Podemos partir dessas ideias para perceber como o capitalismo já começa a aparecer, controlando e disciplinando nossos corpos. Podemos dizer também que:

[...] a Revolução Industrial significou um radical processo de reeducação do corpo humano. Corpo esse que, de maneira acelerada, precisou adaptar-se a um esquema produtivo que se mostrava indiferente às suas necessidades e ritmos vitais, os quais até então eram obedecidos pelos antigos lavradores e artesãos (Duarte Júnior, 2000, p.51).

Assim como aponta Duarte Júnior (2000), os corpos que atuavam na sociedade anteriormente, tinham um modo de vida baseado nos ritmos vitais que eles mesmos consideravam necessários, visando seus próprios interesses. A partir da Revolução Industrial teremos um novo corpo, voltado para obedecer a

ordens, visando sempre um alto rendimento de produtividade no mundo do trabalho industrial.

Com a passagem do século XVIII ao século XIX, e com os grandes avanços industriais, científicos e tecnológicos, a ciência era ainda mais venerada pelos seres humanos, que acreditavam que grandes evoluções chegariam para facilitar e satisfazer seus desejos de vida, já consumistas. Teremos então, neste período, uma sociedade industrial, moderna e tecnológica, que se mantinha e crescia cada vez mais rápido. A ideia filosófica na época pregava que a razão científica era soberana a todas as outras formas de conhecimento, incluindo o saber sensível/corporal.

Essas passagens entre séculos foram mencionadas, pois são de extrema importância para percebermos como nosso corpo foi disciplinado e capturado pelo capitalismo.

Dando continuidade ao recorte e às passagens temporais, adentramos agora no século XX. no século XX, grandes filósofos e pensadores começaram a diagnosticar sintomas de que uma crise viria a se formar sobre essa ideia de conhecimento racional que era característico da modernidade, trazendo à tona pensamentos de que já não dariam mais conta da compreensão da vida humana como um todo complexo.

Os séculos que sustentam a modernidade, são baseados em uma razão “instrumental”, ou seja: um tipo de raciocínio que se ocupa do funcionamento dos processos em detrimento de qualquer reflexão acerca de valores humanos e éticos neles contidos (Duarte Júnior, 2002, p. 59).

Ainda de acordo com Duarte Júnior (2000), o século XX traz toda uma evolução tecnológica, mas traz junto com ela o temor. Anteriormente o futuro era desejado, era almejado. Aqui o futuro é incerto, cheio de preocupações com questões ambientais, com o crescimento da pobreza, da violência e da poluição.

Na segunda metade do século XX, há um desejo avassalador de lucro, e então é capaz de transformar até mesmo quem se opõe a este sistema em um consumidor ativo. Dentro da lógica mercantilista, não há preocupação com os desastres naturais ou com o aumento da violência e da pobreza, aqui a única preocupação é o lucro e o acúmulo de bens materiais, ou seja, a qualidade de vida social das pessoas não é importante. Já não há preocupação com o natural, mas sim com aquilo que é artificial (o dinheiro, por exemplo).

Ao não valorizarmos habitat em que vivemos, estamos desvalorizando o saber sensível dos corpos, descartando também o fato de que o viver é complexo e está imbricado em fatores emocionais, físicos, sensíveis, ambientais, sociais e culturais, e o que resta é um humano desumanizado, apenas racionalizado.

Ainda neste século a expressão Indústria Cultural teve origem nos estudos filosóficos de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Os pensamentos voltados para esta nova expressão foram reunidos na obra filosófica de 1947 intitulada *Dialética do Esclarecimento*, e ela viria então, a contrapor o conceito de *cultura de massa*. A cultura de massa nasce instintivamente através das próprias massas, ou seja, surge da arte popular - das comunidades, por exemplo - e ela se diferencia completamente da Indústria Cultural.

O termo Indústria Cultural ressalta a estrutura pela qual a sociedade é constituída, sob a lógica do capital. Essa indústria engole as artes populares, fazendo com que elas acabem virando produção de mercadorias e lucro para o capital. Se estuda o consumidor para o qual vai se vender, para que assim seja criada uma nova necessidade e para cada nova necessidade, são produzidos diversos produtos que serão lançados no mercado, distribuindo status social e representando personalidades características dos seres consumistas. “A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 113). O que puder ser transformado em venda será então objeto desta indústria. Então ela acaba criando novas necessidades, mesmo que superficiais, para despertar o desejo do consumidor.

Assim como o autor Duarte Júnior (2000) fala sobre a anestesia e o embrutecimento de nossos sentidos, Adorno e Horkheimer (1985) defendem que aquele indivíduo que está vivendo de maneira automática, que somente aceita o que lhe é imposto, e não problematiza nem questiona a sociedade em que vive nem aquilo que consome, está paralisado e é insensível à experiência. Esse mesmo indivíduo, portanto, não será capaz de participar ou agir em prol de mudanças sociais, estando fadado a reproduzir sempre o mesmo ciclo vicioso da alienação e do consumo. Logo, a capacidade do sujeito de elaborar um pensamento crítico sobre o mundo em que vive é reduzida.

No século XX, o mercado estaria voltado para a comercialização da cultura. Uma cultura que é produzida e padronizada pela indústria, sendo

baseada no gosto de um público que não tem tempo de questionar aquilo que consome, e então, acaba consumindo reproduções do mesmo (obsolescência programada). Adorno e Horkheimer (2006), nos falam sobre a ideia de diversão dentro da perspectiva da indústria cultural:

[...] a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir (Adorno; Horkheimer 2006, p. 119).

A indústria cultural seduz e oferta sua grande quantidade de produtos a um número cada vez maior de consumidores, oferecendo diversão e alienação, ou seja, “[...] com falsa unção a indústria cultural proclama orientar-se pelos consumidores e lhes oferecer aquilo que desejam para si” (Adorno, 2008b, p. 196).

A indústria cultural é resultado da grande expansão da lógica do capital sobre a cultura. Transformação da arte em mercadoria. Ela também faz parte do sistema de lucros, ela é absorvida pelo mercado. Assim também trabalham sobre esta ideia os autores Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) no livro *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. O sistema capitalista é tão poderoso que é capaz de multiplicar tudo: o consumo, os comportamentos, os sonhos, a vida cotidiana e até mesmo a própria arte. Ainda de acordo com os autores, o capitalismo é chamado de “capitalismo artista”, pois é estético, e então é capaz de mexer com nossas percepções, sensibilidades e emoções, podendo até mesmo desestabilizar o ser.

O capitalismo artista não só desenvolveu uma oferta proliferante de produtos estéticos, como criou um consumidor faminto de novidades, de animações, de espetáculos, de evasões turísticas, de experiências emocionais, de fruções sensíveis: em outras palavras, um consumidor estético ou, mais exatamente, transestético (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 62).

O pensamento dos autores sobre o capitalismo transestético, é de que não se vende apenas a mercadoria, mas sim o *status*, a personalidade, os modos de vida, o prazer. A mescla entre arte, cultura e consumo é a principal

característica deste capitalismo. O consumidor é também, transestético, pois é hipnotizado pelas experiências estéticas multissensoriais que visam apenas a venda dos produtos, ou seja, visam apenas o lucro para o capital. Essas experiências podem atingir o ser esteticamente, de maneira superficial, sendo assim, somente despertando ainda mais o interesse pela compra, ou pelo desejo de consumir.

Percorremos entre os séculos para que fosse possível compreender com um pouco mais de clareza do porquê na contemporaneidade nossos sentidos e corpos encontram-se embrutecidos, em estado de anestesia. Em um passado próximo, as formas sensíveis de saber não eram valorizadas, nem sequer mencionadas nos estudos científicos, o racional sempre esteve acima do sensível. Ainda hoje, temos uma visão fragmentada do corpo (separação corpo X mente), que embasa os processos educacionais e a maneira como percebemos o mundo. Adentramos no século XXI, na contemporaneidade, na era da internet, das redes sociais, da inteligência artificial e nos modos de vida baseados no capitalismo, na correria, na produtividade e no consumo desenfreado. É o capitalismo atuando no seu máximo.

Por conta desse contexto contemporâneo ocidental estamos cada vez mais perdendo nossa característica de sermos seres sensíveis e estamos anestesiados por uma sociedade capitalista totalmente desenfreada e extremamente informada. Estamos diante de uma quantidade enorme de estímulos que nos atacam de todos os lados. Esse excesso faz com que tudo se torne superficial, pois já não temos (e não podemos perder) tempo para aguçar nosso saber sensível. Quanto mais bombardeados de informações, menos sensível a elas nos tornamos. Essas ideias atravessam o pensamento de Farina (2010, p.1) quando ela aponta:

As grandes transformações nos modos de vida da atualidade solicitam experimentações rigorosas e consistentes com sua sensibilidade e modos de saber. A velocidade e a radicalidade dessas transformações nos solicitam a produção de novas referências conceituais, estéticas e políticas para as ciências da educação.

De acordo com Duarte Júnior (2000), a anestesia como perda da sensibilidade estética, como perda de um saber sensível que habita em nós, um saber que precisa ser explorado por meio do corpo e através de experiências de caráter estético. Vivemos em uma sociedade que mercantiliza até mesmo o

sensível, e dentro dessa sociedade educamos em nossas escolas (universidades) para o trabalho, para a mão de obra, para dar lucro ao capital e não propriamente para a vida.

O conhecimento, tal e qual outra mercadoria qualquer, passa a ser comprado e vendido de acordo com a demanda do mercado e adota-se a visão da concorrência, que visa eficiência e produtividade. Esta visão da educação faz com que se perca a dimensão humana pois, ao privilegiar a competitividade, conduz-se a uma sociedade cada vez mais individualista, na qual o ser humano busca, nas relações práticas, atender a interesses pessoais (Mende; Salomé, 2020, p. 371).

A importância que é dada ao consumo é tanta, que até mesmo a educação que é prestada aos estudantes pelas escolas acaba tendo o foco voltado para prepará-los apenas para o mercado de trabalho (de acordo com a Base Nacional Comum Curricular²), ou seja, a eficácia dos jovens no mercado e o lucro do capital acabam sendo mais importantes do que uma formação mais humana e mais sensível. A partir dessas ideias, proponho um percurso voltado para a experiência estética. Traçar um novo caminho, abrir uma nova via de passagem, trilhar pelo desconhecido, abrir brechas, rachaduras... e tecer novas possibilidades.

Experiências de caráter estético dentro do âmbito da arte, irão tocar nossos corpos mais profundamente, despertando a percepção, o sensível e o inteligível, potencializando o pensamento a problematizar e questionar sobre questões pessoais, sociais, artísticas, políticas, inclusive sobre o consumo desenfreado. Experiências estéticas produzem sentido, significado e conhecimento, abrindo o espaço para possibilidades de criação, e re(criação), por meio da arte e de tantos outros assuntos que se conectam a ela.

2.1 A TRANSFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Quando falamos ou pensamos sobre estética é comum prolongar este conceito até a abordagem da arte, ou da filosofia, por exemplo. O conceito de estética é de origem grega: “*aisthetiké*”, que significa sensação, sensível, “se refere a tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos” (Cotrim, 2006,

² A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que reúne os conteúdos mínimos a serem trabalhados ao longo das etapas da educação básica. Além de ser um norteador dos profissionais da educação, ela contribui para estimular a qualidade do ensino, pois estabelece os níveis de desenvolvimento que devem ser disponibilizados a todos os estudantes. Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/o-que-e-a-bncc>.

p.287). Ou então, como nos diz Miriam Celeste Martins, "o termo estética origina-se etimologicamente do grego clássico *"aisthesis"*, referindo-se ao conhecimento sensível, através dos sentidos, das sensações" (2011, p.312). É um conceito que relacionado com a experiência, torna-se amplo, e envolve acontecimentos de caráter sensível e de um saber que ainda está por vir. A estética aparece dentro da Filosofia, e visa estudar a natureza da beleza e os fundamentos da arte. O conceito de "Beleza", dentro da estética vai obedecer aos padrões culturais de cada época, de cada sociedade e de acordo com as transformações temporais. O conceito de estética é aberto e também vai se transformando com o passar do tempo, é um conceito predisposto à evolução, um conceito vivo. Na contemporaneidade, por exemplo,

[...] a palavra estética cada vez mais se relaciona à beleza do corpo, com tratamentos e cirurgias, com esteticistas cada vez mais especializados, o termo parece distanciar-se de sua ligação com a educação ou com a experiência estética (Martins, 2011, p. 312).

Os estudos sobre estética, tem origem na Grécia Antiga, mesmo sem utilizar essa nomenclatura, e até hoje, reverberam dentro do campo da filosofia e da arte. Em meados dos anos 1750 o filósofo Alexander Baumgarten (1714 - 1762) conceituou o termo "estética" como sendo uma área do conhecimento obtida através dos sentidos (conhecimento sensível). Aqui é possível mencionar também os autores Jimenez (1996) e Silva & Loreto (2003), que abordam a história, conceitos e elementos sobre estética.

Logo a estética passou a ser entendida então, como uma forma de conhecer e perceber o mundo através do sensível, através do corpo. Um mundo que nos desperta e nos instiga de diversas maneiras, inclusive afetando nossas emoções, nossos sentidos, nos causando sensações e produzindo conhecimento. Ela se transforma ao longo do tempo e outros autores começam a problematizar seu conceito e suas ideias. As teorias estéticas são produzidas visando também a união entre a prática e a teoria na produção do conhecimento. A estética e as experiências que surgem a partir dela, tem uma relação direta com os processos de formação e de educação dos indivíduos (do saber comum ao conhecimento específico). O campo da estética na contemporaneidade dentro de diversos âmbitos das nossas vidas é de extrema importância para que seja possível construir um conhecimento através do sensível. Transformação de

ideias e concepções categorizadas pelo senso comum, possibilitando novos modos de pensar, novos agenciamentos, novas trajetórias, deslocando ao já dado para algo novo. Possibilitar através da arte, da filosofia e da educação um processo formativo integral do ser.

Após esta breve introdução sobre a Estética (*aesthesis*), podemos então nos debruçarmos sobre a configuração e sobre o conceito de experiência estética. Para que tenhamos de fato uma experiência devemos suspender os juízos (de valor, de julgamento), para que possamos perceber sem a interferência dos pré-julgamentos. A percepção não é um julgamento, mas sim, “apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 63). A partir desta concepção, podemos partir para a ideia de atitude estética, como coloca Marcos Villela Pereira, ou percepção estética como coloca Merleau-Ponty. Essa atitude é mais como uma abertura, uma suspensão de todo julgamento e de todo pensamento pré-estabelecido, uma entrega do sujeito a um mundo que é sensível e que nos convida a experimentá-lo e a senti-lo.

Para que se possa viver uma experiência estética, antes de tudo, é preciso assumir uma atitude estética, ou seja, assumir uma posição, uma postura que constitua e configure a nossa percepção. Não como uma intencionalidade, uma premeditação, uma antecipação racional do que está por vir, mas como uma disposição contingente, uma abertura circunstancial ao mundo (Pereira, 2012, p.186).

Na experiência estética percebemos a partir de uma sensibilidade fértil e que conduz o sujeito a penetrar e pensar em outros mundos possíveis. Essa experiência sensível “nos abre para aquilo que não somos” (Merleau-Ponty, 2005, p. 156), colocando-nos em contato com o diferente, com o novo, com o único, que “exige de nós criação para dele termos experiência” (Merleau-Ponty, 2005, p. 187), fazendo nascer assim novas formas de pensar, de ser e estar no mundo. Desta maneira, essa experiência de caráter estético proporciona aos indivíduos uma expansão do olhar perante a realidade em que se vive, um olhar sensível que vai além de nosso olhar e percepção cotidianos, que muitas vezes são mediados por pensamentos coloniais e endurecidos acrescidos de preconceitos e limites.

A arte nos lança diversas problematizações e nos desafia a olhar e perceber as coisas (o mundo, a arte, a nós mesmos, a natureza...) por diversas perspectivas, fazendo com que esse olhar mais sensível e atento, potencialize a

criatividade e que ela se estenda aos âmbitos da vida pessoal (pensamentos e ações) e compreenda também a vida em sociedade. Essa abertura a novas perspectivas do olhar é importante para que os indivíduos reconheçam que qualquer mudança e transformação social são possíveis, e para que a potência de criação seja aquilo que nos move para novos significados e novos modos de ser, para novas transmutações. O autor Duarte Júnior (1988) coloca a ideia de que a “arte é uma forma de conhecimento humano, dimensão estética na educação”.

Esta educação através da arte, que nos desloca e nos transforma, é essencial para a nossa constituição integral como indivíduos, pois através da educação estética e de experiências estéticas apreendemos o mundo em que vivemos, produzimos sentidos e significados.

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido – do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos (Duarte Júnior, 1991, p. 74).

Ou seja, podemos falar tranquilamente de arte, educação e estética, o que também engloba a filosofia. É de extrema importância buscar proporcionar atravessamentos potentes e despertar um mundo de possibilidades através da união de tais campos do conhecimento. A ressignificação do mundo vai acontecer a partir da união dos pensamentos dentro de tais campos, mas também a partir do olhar sensível, do olhar demorado que direcionamos para as coisas à nossa volta, até mesmo para o nosso cotidiano. Aprender a ver com um olhar sensível pode ser uma fuga dessa anestesia que por muitas vezes permanecemos.

Podemos nos debruçar ainda mais sobre o conceito de experiência estética, percebendo que ela envolve uma abertura para o diferente, ela nos proporciona adentrar em terrenos ainda desconhecidos e percorrer mundos possíveis. Ela nos forma e nos transforma. É uma experiência perceptiva, onde nossos corpos participam ativamente do processo, juntamente com nossa sensibilidade, nossos afetos, imaginação e criatividade. Logo podemos perceber o que se evidencia de fato na experiência estética: primordialmente o corpo e sua relação sensível com o mundo. Através do corpo percebemos, aprendemos,

sentimos, experimentamos, descobrimos e exploramos diferentes territórios mundanos.

A experiência estética vai surgir exatamente deste encontro potente e sensível entre o corpo do sujeito e um objeto. O corpo então, é o meio através do qual o mundo nos atravessa, assim como aponta Merleau-Ponty (2006), o corpo é o sujeito da percepção. Tudo o que percebemos nos chega através dele. Somos corpo. É importante enfatizar que a experiência do corpo é criadora de sentidos, pois ela acontece na corporeidade e na existência, reconhecendo os espaços como expressivos, podendo produzir novas maneiras de pensar, de ser e estar no mundo.

A experiência é corporal e sinestésica, ela pode ser e se tornar um mundo de sensações, pode nos potencializar a criar, e, é totalmente o contrário da anestesia que se apodera dos nossos corpos e paralisa nossos sentidos. Logo, Merleau-Ponty (2006), afirma que “a percepção sinestésica é a regra para perceber, e se não notamos isso é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, ouvir, e em geral, a sentir” (p.308). Desaprendemos viver com a nossa realidade corpórea e com a experiência sinestésica que provém de nossos sentidos, pois privilegiamos uma racionalidade incorporeal. Algo que pode ser revertido a partir da educação sensível, abrindo possibilidades para experiências de caráter estético que deem conta de toda nossa corporeidade. Em seu livro inacabado com título *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty (2005) traz a ideia de “percepção como uma ação corporal, que não nasce em outro lugar, mas emerge do corpo” (p. 21).

A sensibilidade estética considera aspectos corporais, como o movimento e o sensível, configurando a corporeidade e a percepção como criação. O olhar sensível desdobra possibilidades. O *logos* estético envolve a corporeidade, a sensibilidade, os afetos, as experiências mundanas, a cultura, o cotidiano, fazendo com que seja possível criar e re-criar, resistir e reinventar. Merleau-Ponty (2006), também se posiciona sobre as apreensões mundanas e explana: “A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal” (p. 212).

A estesia do corpo é proposta dentro das questões fenomenológicas de Merleau-Ponty, apoiando-se em uma compreensão sensível da vida e do

conhecimento que ultrapassa o racionalismo. Já não separamos corpo X mente ou corpo X espírito. Essa perspectiva estética proporciona novos caminhos dentro da própria fenomenologia. Maturana e Varela (1995), em seus estudos também vão ao encontro e atravessam o pensamento de Merleau-Ponty:

Percepção e pensamento são o mesmo no sistema nervoso; por isso não tem sentido falar de espírito versus matéria, ou ideias versus corpo: todas essas dimensões da experiência são o mesmo no sistema nervoso; noutras palavras, são operacionalmente indiferenciáveis (pp. 43-44).

Não temos um corpo, somos corpo! Um corpo que sente e pensa, que experimenta e vivencia, um corpo inacabado, que se transforma e se forma, a partir de movimentos e criação de sentidos, criação de outras formas, de outras possibilidades. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte aberta e inacabada, pois, estamos imersos em diversos contextos que abrem uma infinidade de possibilidades sensoriais, que incorporam o conhecimento e a transformação do ser, que assim como uma obra de arte, mesmo em diferentes contextos, não se esgota de novas possibilidades. Os estudos sobre estética e percepção contribuem para a ampliação da compreensão da cognição, ou seja, podemos perceber como se realiza o aprender, o conhecer. A experiência estética vai ampliar as questões corpóreas (expressão, percepção, sensível), afinando e aguçando a sensibilidade para experienciar e mobilizar os significados e sentidos que foram construídos através dos modos de subjetivação dentro da contemporaneidade e da educação como um processo de aprendizagem. A potência de criação está no corpo.

Uma experiência que seja para além do interpretar, para além de um simples olhar, mas “uma experiência onde nos demoramos nos detalhes, onde vamos com calma e damos tempo e espaço”, assim como diz Larrosa (2010, p.24). Uma experiência que nos desloque do lugar em que estamos para outro lugar que é ainda desconhecido, um movimentar, um bailar.

2.2 ARTE, VIDA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Viver é experimentar, e experimentar pode nos levar a criar. A criação faz parte da vida, e também faz parte da arte. Atravessamentos entre arte, vida e experiência, entrelaçamentos entre viver e criar, entre vivenciar e experimentar. A arte potencializa nossas vidas através da experiência estética. A partir dela, conhecemos e compreendemos o mundo em que vivemos como seres ativos, que participam de uma construção social e cultural. A partir dela transformamos nossa maneira de pensar, saímos da famosa “caixinha” que nos endurece e nos molda, a partir de pensamentos já dados, e vamos em busca no desconhecido, do diferente, de algo que nos metamorfoseia e nos faz pensar diferente, e nos leva a criar novos sentidos, novos significados.

Não consigo fazer a separação entre essas três esferas. A vida caminha ao lado da arte, e a arte caminha de mãos dadas com a experiência estética. A estética é uma peculiaridade essencial à experiência, que habita na profundidade e no desfecho dos encontros com as coisas da vida. A arte então, é um modo de fazer acontecer, se tornando um espaço do possível. É preciso explorar as possibilidades de existência através da arte para perceber a riqueza e dar à luz novas ideias e novos modos de pensar, de ser e de estar no mundo, ressignificando os pensamentos enraizados na sociedade, buscando quebrar esses paradigmas. Fazer com que a arte seja suporte e possibilite experiências de caráter estético, que essas experiências atravessem e marquem nossos corpos, que sejam inesquecíveis em nossas vidas e que nos potencializa para significar, ressignificar, resistir, recriar.

Experiências que perduram por uma vida e que deixam marcas em nossos corpos, que deixam vestígios e rastros de que ela (experiência estética) realmente aconteceu. Esse acontecimento abrupto, que nos pega de surpresa e nos toma por inteiro, que nos desloca para outros lugares. Hilda Hilst, nos fala sobre a potência da arte (nesse caso um poema) para a experiência:

Um poema é como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e, se for em cheio, faz cair a tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar (Hilst, 1998, p. 53).

A potência das artes de todas as linguagens é indiscutível. Arte é potência, é experiência, é vida, é diferença. As experiências de caráter estético

quando se apoderam de nossos corpos nos alimentam por toda a vida (assim como na escrita de Hilst -1998), pois nos transformam fazendo com que a gente seja diferente daquilo que um dia fomos.

O saber sensível faz parte da experiência, ele é efeito dessa experiência. O saber que provém da sensibilidade está diretamente ligado às nossas vidas, e integra nossas percepções, movimentos, sensibilidades e também a maneira que nos relacionamos com o mundo. Assim como ressalta Duarte Júnior (2012), é preciso “educar nossos sentidos para que eles nos permitam mais e mais saborear as sutilezas do mundo, creio ser o primeiro passo para uma vida mais feliz e autocentrada” (p.365).

Podemos percorrer o caminho da estética como estudo da arte e da beleza, como filosofia da arte, chegando até os estudos na contemporaneidade, englobando diversos âmbitos da vida. O que há entre as experiências de caráter estético e a vida? Essa questão é apenas para refletirmos sobre as nossas vivências e experiências, e até onde elas se encontram com a arte. Há um vínculo entre as experiências de vida e a recepção estética que nos leva a experiência. É exatamente o que vai ser evidenciado por Dewey (2010), quando ele enfatiza que ao proporcionar sentido na ação, as estruturas presentes são muito parecidas com as da experiência artística, fazendo vibrar sensações ou emoções vividas em experiências anteriores. O efeito da experiência (estética ou artística) em nossos corpos vai atravessar toda nossa bagagem de pensamento (produção de sentido), fazendo com que surja algo novo a partir do que já está dado.

Uma experiência estética mais próxima de nossas vidas, afinal a experiência se dá nos corpos que vivem, nos cotidianos, nas vivências. Experiências que envolvem a arte e envolvem a vida, experiências com arte e vida, “a vida se dá em um meio ambiente; não apenas nele, mas por causa dele, pela interação com ele” (Dewey, 2010, p. 74). A experiência estética também se dá na relação entre a arte, e entre os espaços do viver que fazem parte do mundo que experimentamos. A arte vai contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos consigo e com o mundo ao nosso redor, e também pode ser considerada um fluxo da experiência estética, um mecanismo para a formação integral do ser. Assim como ela nos possibilita transformar o caos da sociedade contemporânea

em que vivemos, através das próprias experiências estéticas significativas. A arte é política, é estética, é resistência.

Viver é um aprendizado constante. A experiência faz parte deste aprendizado, faz parte do viver. Inventar outros modos possíveis de viver. Deixar que a experiência nos tome por inteiro, nos atravesse, e então, que com os efeitos dela seja possível produzir novos significados, buscando criticidade, autonomia, e criação de sentido. Penetramos num universo e dele conseguimos extrair saberes. A integração entre arte e vida é possível porque a sensação estética é um sentir genuíno, aberto à natureza e à arte.

John Dewey (2010) vai nos dizer que a arte deveria estar mais próxima da experiência comum da vida, inserida em nossos contextos e realidades, e não somente habitar os espaços de galerias e museus. Espaços esses que afastam a arte da vida, que colocam a arte em um lugar de genialidade, onde apenas pessoas geniais poderiam apreciar, e produzir artisticamente. A arte como experiência é um fragmento da vida. Garimpar e extrair desses fragmentos experiências de vida e de caráter estético, ampliando e aprimorando as questões humanas. Dela extraíndo conhecimentos riquíssimos que são gerados a partir de encontros potentes com arte e vida. Viviane Mosé, em seu livro *Nietzsche Hoje: Sobre os desafios da vida contemporânea* (2018; p.22) também fala sobre a potência da arte: “Somente a arte nos torna capazes de afirmar a vida com todas as suas contradições e desconhecimentos”.

A arte está viva e acesa, e então podemos perceber a grande importância aproximá-la da vida cotidiana. Poetizar o cotidiano, observando e experimentando este lugar de potência do viver, em busca de novas maneiras de pensar, de ser e estar no mundo. Precisamos educar os indivíduos através de novos modos de percepção. Os espaços da educação são próprios para se começar a pensar sobre essa aproximação, tentando alcançar experiências de caráter estético e assim, proporcionar deslocamentos que ajudem nas transformações na sociedade. Enxergar a vida e o cotidiano como matéria de poesia.

2.3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL

Sabemos que a aproximação e a relação entre a arte e a educação é fundamental dentro dos ambientes educacionais, pois a aprendizagem se torna significativa se voltada para experiências estéticas, pois:

[...] a experiência estética pode ser compreendida como a primeira forma de conhecimento do mundo. Nossas percepções sensíveis captam a realidade que nos cerca, desperta emoções e sentimentos no sujeito da percepção e também pode nos levar a outras formas de produção de conhecimentos configurados como científicos, filosóficos e artísticos (Betlinski, 2016, p.121).

Ou seja, as vivências e experiências em sala de aula, resultam em um aprender integral, significativo e sensível. Educar através da arte e de todas as possibilidades que ela nos proporciona. Educar o sensível através de experiências de caráter estético que reverberam nos corpos dos seres. Afetar e ser afetado, transformar e ser transformado por uma experiência, tornar-se um corpo sensível. Voltar a experimentar e experienciar estésias e sair desse estado automático de anestesia, que se encontra a maioria dos seres de nossa sociedade contemporânea. O sensível é também uma zona de conhecimento e saber.

Em suma, o sensível não é apenas um momento que se poderia ou deveria superar, no quadro de um saber que progressivamente se depura. É preciso considerá-lo como elemento central no ato de conhecimento (Maffesoli, 1998, p. 189).

Nossos sentidos estão rígidos, endurecidos, deseducados, e tudo isso como resultado de uma sociedade em crise e fragmentada, que cada vez mais está indo em direção a um modo automático (programado) de vida. Um modo de vida onde é muito difícil considerar o sensível como algo que tem a mesma importância do inteligível, do racional. O sensível é como uma porta de entrada para o conhecimento, para o saber do corpo. É a partir dessa sensibilidade que vamos percebendo e experimentando o mundo em que vivemos. É preciso explorar o saber sensível do corpo através de práticas educativas que despertem sentido, para que seja possível proporcionar experiências estéticas que sejam realmente significativas. Experiências que vão além do ambiente educacional e nos transformam como seres, transformam nossos modos de pensar, e ativam outras novas maneiras de pensar, de ser e de estar vivos, outras formas de

pertencer ao mundo. Logo, este pensamento atravessa diretamente os estudos de Duarte Júnior (2004) que vai nos dizer que “o mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível” (p.14).

Anteriormente falamos sobre arte, vida e experiência, e dentro da educação ainda nos encontramos com essas instâncias. A vida nos possibilita diversos modos de sentir e de expressar, a arte e a experiência, atreladas a ela, nos possibilita sentir, conhecer, e assim como diz Larrosa (2011) “parar para pensar”, refletir criticamente, produzir sentidos e significados e produzir algo que pode nos levar ao caminho da criação.

Os pensamentos enraizados na sociedade e dados como “verdade absoluta”, são pensamentos, muitas vezes, ultrapassados, preconceituosos, que priorizam sempre o racional, o inteligível, mas nunca o sensível. Duarte Júnior (2004) complementa essa ideia sobre as ditas verdades universais: “A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento verdadeiro” (p. 24).

Para tentar fugir dessas ideias enraizadas em nossa sociedade, podemos começar a pensar através da arte e da educação. É possível construir outros tipos de pensamentos, desbravar outros caminhos, é possível dar vida a novos modos de pensar, de fazer, de ser e de estar nesse mundo anestésico e caótico contemporâneo em que vivemos. Deste modo:

[...] a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (Duarte Júnior, 2004, pp. 25-26).

Proporcionar a abertura de espaços que potencializem o sensível e as experiências. Que sejam espaços de arte, mas também de vida, espaços que valorizem a nossa percepção sensível, que valorizem a potência da arte para com a educação, visando proporcionar encontros e afetar os corpos, com o objetivo de produzir efeitos sobre esses mesmos corpos, os fazendo problematizar os pensamentos enraizados e a partir deles, construir algo novo.

A educação do sensível começa pela vida, antes de nos jogarmos no mundo das belas artes, ou seja:

[...] a educação do sensível, antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os

olhos e ouvidos dos educandos, deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia (Duarte Júnior, 2004, pp. 27-28).

Se não conseguirmos refletir e pensar sobre nosso cotidiano e sobre nossas vidas, como poderemos pensar criticamente sobre a história da arte e sobre os acontecimentos que transformaram os modos de vida? É preciso aguçar nossos sentidos, nossa sensibilidade e até mesmo fazer movimentar nosso pensamento enraizado, para que possamos então adentrar no mundo da arte como componente curricular. É preciso movimentar nosso pensamento. Movimentá-lo em busca de uma educação mais sensível, que seja voltada para ela própria e para os processos de formação do ser integral e menos voltada para a quantidade de informação que será transmitida, ou pela maior produtividade dos educandos. Não somos máquinas de reproduzir pensamentos em série. Dentro do âmbito educacional é preciso valorizar o sensível e o corpo, em busca de uma quebra do cogito de Descartes: “Penso, logo existo”, pois assim como argumenta Rubem Alves (1998, *apud* Duarte Júnior, p.137) “o nosso ser não se encontra no nosso pensamento. O nosso corpo sabe infinitamente mais que a nossa cabeça. O corpo é sábio, mesmo sem pensar sobre a sua sabedoria”.

O corpo é um ser de camadas sensíveis, em que se inscrevem os acontecimentos. Um corpo vivo e vibrátil, que está sempre em movimento e transformação. Um corpo que precisa ser estimulado, que precisa ser provocado. Provocar saberes que não estão prontos e produzi-los. Provocar o corpo em todas as suas intensidades. Provocar o corpo a experimentar. Estar atento ao que se passa e que ao passar, pulsa. Tensionar constantemente os corpos para criar novas possibilidades, ativar a força do imaginário para gerar impactos transformadores. Fortalecer o sensível, enriquecer a subjetividade, através de experiências de vida e de arte. Sensibilidade e saber se constroem e caminham juntos. Viviane Mosé (2018, p.34) fala sobre a potência da arte, mas também fala sobre a potência do corpo: “O corpo é uma fonte inesgotável de experiências sensoriais e estéticas que desconhecemos”, e se formos atravessar o pensamento dela ao de Espinoza, chegaremos a questão de que realmente

não sabemos o que pode um corpo. A autora ainda nos traz uma consideração importante sobre a anestesia que toma conta de nossos corpos e afirma:

[...] mais do que um ser que pensa, somos um ser que sente e precisa expressar o que sente. O humano é um ser com uma imensa capacidade de sentir e uma limitada capacidade de elaborar o que sente (Mosé, 2018, p. 34).

Ou seja, somos um corpo que nos possibilita infinitas conexões para que possamos criar, pensar de novas maneiras, olhar por outras perspectivas, porém são qualidades não exploradas no viver. Temos a consciência de que o pensar faz parte somente do racional, mas pensar é se conectar ao mundo através de nossos corpos, experimentar esse mundo e, a partir dele, inventar outros mundos, novas possibilidades.

A arte é capaz de envolver os seres em todos os aspectos de existência, por isso ela é tão potente para a produção de subjetividade e de sentido como efeito de experiências estéticas. Ela nos possibilita outras maneiras de relação com o mundo, um mundo que é apenas um, dos vários mundos que são possíveis. Não há barreiras para o fazer artístico. Logo, o ensino de arte na educação (em outros níveis de ensino) atrelado a arte contemporânea e não só a ela, mas também a todos os outros tipos de arte nos dá suporte para fazer com que o espaço da sala de aula seja transformado em espaço do acontecer, e a partir deste espaço proporcionar experiências de caráter estético que possibilite aos alunos apreender, significar, sentir e conhecer. Só podemos transformar a realidade que conhecemos, por isso devemos aprender a olhar essa realidade de outras maneiras, olhar por diversas perspectivas, ser sensível a esta realidade e então potencializar a transformação.

Continuamos a tecer movimentos do pesquisar, continuamos a desbravar as possibilidades. Percorremos pela esfera educacional e encontramos experiências em arte que também são educativas, e que atravessam nossas vidas. Assim, a importância da arte está nas marcas que ela pode deixar em nós, na inscrição de nossos corpos pelo acontecimento (experiência), e por nos proporcionar processos de subjetivação transformadores. Provocar os educandos a experiências que gerem afecções, sensibilidade e potência para a criação. Que os docentes da arte se envolvam sensivelmente com os conteúdos, e mais do que isso, que façam sempre a relação com o cotidiano, com a vida, com as diferentes realidades, que o docente consiga desencadear discussões

importantes para resistir em uma sociedade cheia de preconceitos e que está em crise. Que o espaço educacional da sala de aula se transforme em um espaço do acontecer, que seja possível a experiência e a produção de subjetividade, que seja um espaço de criação de novos universos e de novas maneiras de vida, de novas maneiras de pensar, de fazer, de ser e de habitar esse mundo.

A arte provoca o ser humano a se expressar, deixar fluir suas emoções, sua história, sua cultura, proporcionando outras vivências, transformando-o em um ser mais sensível que transmuta, que transborda... que se emociona (Fuhrmann; Junge, 2020, p.114).

Que sejamos docentes de artes que transbordam vivência e experiência. Que sejamos puro disparador de experimentações com arte, de possibilidades através da arte. Que o sensível seja despertado dessa anestesia contemporânea. Que a gente se emocione com a vida, e que ela se torne potência. Potência para criar, potência para vivenciar... estar aberto aos acasos e aos encontros. Aguçar a sensibilidade e o sensível que habita em nosso corpo. Que através da arte e da educação sejamos resistência e re-existência.



3. A/R/Tografia COMO MÉTODO: OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA, DA PESQUISA E DO PROFARTISTAR



3. A/R/Tografia COMO MÉTODO: OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA, DA PESQUISA E DO Profartistar

Este capítulo visa apresentar os caminhos metodológicos que foram percorridos nesta pesquisa. O método foi sendo encaminhado e estruturado à medida em que o estudo foi sendo desenvolvido. A cada passo dado na pesquisa íamos percebendo qual o melhor caminho a ser trilhado, conforme sugere Fervenza (2022, p. 67):

[...] percebo que um dos significados de método, talvez o mais importante, é o de caminho: 'caminho pelo qual se atinge um objetivo', nos diz o dicionário. [...] O caminho está indissoluvelmente ligado ao caminhar e a seu andar. Resumindo: os caminhos em questão se fazem à medida que caminhamos. Daí a dificuldade de traçá-los inteiramente a priori, sem que esse trajeto inicial não seja revisto, alterado, modificado a todo instante.

O método de investigação bem delineado, nesse sentido, se tornou essencial para que seja possível construir conhecimentos em artes visuais e educação. Nesse sentido, foi necessário para a realização desta pesquisa o uso de instrumentos e procedimentos teóricos-práticos que contribuíssem com a investigação do professor-artista-pesquisador, base da metodologia da A/R/Tografia aqui utilizada.

A escolha pela A/R/Tografia se deu inicialmente diante de uma paixão intensa pelos campos da arte e da educação. Meu processo formativo, profissional e reflexivo me move a tratar do ensino de arte como uma prática poética e artística em sala de aula, mais precisamente vivenciando, experimentando junto com os educandos, permitindo tecer relações e reflexões enquanto professora-artista-pesquisadora.

Fazer pesquisa sobre arte, mais especificamente sobre o ensino de arte, é abrir espaço para que criações pedagógicas surjam e potencializem os corpos aprendentes³. É transitar por diversas áreas e perceber que a arte as atravessa o tempo inteiro; é perceber a vida por outros modos de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos. Para Irwin (2013, p.28) a "A/R/Tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais. Nesse sentido, o sujeito e a forma da

³ Corpos que estão inseridos na universidade em busca de uma formação docente. Interesse em aprender, em conhecer.

investigação estão em um estado constante de tornar-se” (Springgay et al., 2008).

Nessa pesquisa durante minha atuação no estágio docente proponho um “profartistar” docente. O “profartistar” é um conceito que se constituiu a partir da minha própria prática como professora, mas também da relação entre outros dois conceitos: o conceito de artistagem de Sandra Corazza e o conceito de professor propositor abordado pela artista e professora Lygia Clark.

O conceito de artistagem foi criado por Sandra Mara Corazza. A partir dele, ela se refere a uma estética, uma ética e uma política - que funcionam juntas – que estão por vir, que estão por ser inventadas. É uma prática que se trata de fazer arte sem ser artista, uma prática que junto à educação, procura “o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito” (Corazza, 2006, p. 15), ou seja, a artistagem é uma experimentação artística, mas também filosófica, e que está ao alcance de todos (professores, alunos, artistas, etc). De acordo com Sandra Corazza (2006), o conceito de artistagem é um misto entre o conceitual e o sensível, uma proposta para que os educandos possam experimentar com o corpo inteiro, a partir de seus sentidos e sensações. Um conceito que tem a possibilidade de ir além daquilo que é experimentado e vivenciado apenas no pensamento. “Como em todo desenvolvimento de uma arte, artistar a educação implica entregar-se ao caos para extrair dali matérias para criações” (Corazza, 2006, p.15). Criar, experienciar e vivenciar a artistagem nos ambientes educativos tem se tornado uma prática satisfatória, pois abre novas possibilidades para que os alunos aprendam por meio de seus corpos. Corpos que pensam, mas também sentem.

O conceito de professor propositor, que foi pensado a partir das ideias da importantíssima artista mineira Lygia Clark, através da concepção da arte para ela:

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora (Lygia Clark, 1968, Obra Literária).

Inspiradas pelas concepções de arte pensadas por Lygia Clark, as educadoras Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins criaram materiais

educativos para o ensino de artes, destinado a todos os professores que se dispusessem a ser propositores. Estes materiais foram escritos por educadores de todo o Brasil, e por meio dele podemos nos aprofundar sobre a ideia de professor propositor e também sobre percursos estéticos, artísticos, poéticos e educativos.

A partir do conceito de artistagem e do conceito de professor propositor, proponho o termo profartistar, como sendo referido ao professor que é artista na feitura de sua prática docente. Professor autor de sua aula, que transforma o espaço da sala de aula em sua própria expressão artística, enunciando e elaborando signos como potentes disparadores de uma possível experiência de caráter estético. Essas experiências atravessam e aproximam a arte e a vida. Proponho nesta pesquisa, que o professor não precisa ter necessariamente uma produção artística para que seja possível adentrar e explorar o mundo do ensino de Arte e da A/R/Tografia enquanto proposta metodológica. Mas sim, uma prática que é transformada em arte, propostas artísticas que estejam intrinsecamente conectadas às nossas vidas. Proposições pedagógicas que geram outros significados e outros sentidos, propostas que geram arte, que geram obras de arte, que geram transformação. Inspirações de um profartistar docente, de uma artista-pesquisadora-professora e autora de sua aula. Proposições abrem portas, abrem formas diferentes de pensar, e através delas podemos construir também outras formas de fazer, outros modos de ser e estar no mundo.

Um profartistar que engloba a teoria, a prática e a criação de forma intrínseca, indissociáveis, fazendo com que o professor-artista se dedique e se envolva com essas três esferas (pesquisador-professor-artista), e a partir delas crie sua obra que aqui chamo de "espaço do acontecer". Quando conseguimos integrar três ou mais formas de pensamento, e também englobar o sensível, temos experiências de caráter estético. O A/R/Tógrafo (artista-pesquisador-professor) compreende e reconhece que arte, pesquisa e ensino são vividos e não apenas executados "[...] enquanto integram teoria, prática e criação através de suas experiências estéticas passam significado no lugar de fatos." (Irwin, 2008, p 98). Esse envolvimento, faz com que seja possível que o professor crie uma aula mais sensível, mais acessível, procurando aguçar as sensibilidades

dos estudantes através da arte e de temas que atravessam as artes, sendo um dos objetivos, despertar experiências que marquem seus corpos.

A preparação das aulas e produção de materiais demanda também um tempo de dedicação e concentração para que a professora consiga fazer o recorte do conteúdo e a maneira como irá abordar tal conteúdo, analisando também os receptores desta aula, ou seja, os alunos. Assim, através desse processo de criação da aula, temos um produto que é a própria aula como acontecimento, aquilo que é efêmero e que só acontece naquele espaço, naquele tempo. Uma aula que se proponha a transformação, que se torna uma obra-aula e que faz com que a minha prática docente se torne uma prática autoral: Um “profartistar”. A A/R/Tografia nesse sentido, “vai além de metodologia de pesquisa baseada em arte ou metodologia de ensino, mas uma ação de forma complexa em estar no mundo e que pode ser transposta para o espaço da sala de aula” (Valim, 2016, p.26).

Esse profartistar docente toma corpo através da paixão pela vida e pela arte. Ele se move e se transforma constantemente, não é estático, pois os seres são diferentes e se transformam o tempo inteiro, são mutantes. A cada caminhada encontraremos novos desafios, e esses mesmos desafios farão com que o nosso profartistar se transforme, se recrie. É preciso que ele se ressignifique, e que seja sempre vivo e pulsante de potências artísticas. Que ele reflita em diversas esferas da vida dos alunos de uma maneira positiva, aguçando suas sensibilidades para questões artísticas e mundanas. E que por um lado a gente também consiga enxergar a vida como obra de arte, assim como propõe Nietzsche (1988, p.107) “Por meio da arte, nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno”. Por meio da arte tomamos consciência do mundo em que vivemos com um olhar sensível, político, crítico, reflexivo, transformador e também curioso à procura de descobrir novos mundos. Somos seres experimentadores da vida, de nós mesmos e do mundo. A vida é um conjunto de experimentações, é um território móvel em que pisamos, um lugar movediço, onde vamos construindo a nós mesmos a partir de nossas vivências, desconstruindo conceitos tradicionais e assim produzindo a nós mesmos como obra de arte.

A arte nos oferece infinitas possibilidades do fazer, do criar, do imaginar... A partir daí, podemos buscar outras alternativas de educar com arte e através

da arte, criar nossa própria maneira de fazer docência com/em arte. Buscar novas possibilidades que façam a aula realmente acontecer, que façam com que os alunos sejam afetados. Fazer com que eles produzam sentido através dos conteúdos e das propostas práticas, que sejam proporcionadas experiências de caráter estético que nos formam e os transformam. De acordo com Marcos Villela Pereira:

Podemos ter experiências estéticas com relação a qualquer objeto ou acontecimento, independentemente de ser arte ou não, de ser belo ou não, de existir concretamente ou não. Qualquer coisa pode ser um objeto estético se estabelecermos ante ele uma atitude estética. Podemos ter experiências estéticas ao entrar em jogo com uma música erudita, uma música popular, um som da natureza, um ruído urbano ou, mesmo, com o silêncio. Podemos ter experiências estéticas com uma pintura clássica, uma imagem sagrada, um desenho na parede de uma caverna, uma fotografia, um filme, um desenho na areia do chão, uma paisagem, uma cena urbana ou, mesmo, com uma imagem apenas imaginada ou sonhada (Pereira, 2012, p.187).

Seguindo essa ideia de que podemos ter experiências estéticas a partir de nossas próprias vivências, proponho então fazer com que nasça uma outra maneira de trabalhar com o ensino de arte, proporcionando algumas dessas experiências a partir dos temas e das práticas desenvolvidas em sala de aula, fazendo com que a aula se torne a própria experiência estética, fazendo com que ela realmente signifique algo, um “algo” que é subjetivo para cada ser, em cada corpo.

Entre os períodos em que realizei a minha graduação e o agora - período em que estou finalizando o mestrado em Artes -, tenho percebido que há uma vivência, uma experiência e também afetos⁴ que me movem intensamente, assim como a arte: a docência. Um viver docente, um experienciar docente, um afeto docente, uma invenção docente, uma constituição docente. Inventar e reinventar a si mesmo em busca de proporcionar aulas significativas e produção de sentido sobre si e sobre o mundo em que vivemos. Buscar novas maneiras de ser, estar e habitar o caos. Esse caos que nos bombardeia diariamente de informações e imagens, que por vezes anestesia (Duarte Júnior, 2000) nossos sentidos, que pode nos paralisar e nos fazer agir como robôs, programados para

⁴ Os afetos podem ser ditos sentimentos, se referem mais diretamente ao espírito e indicam uma passagem ou transição de um estado a outro em nós (DELEUZE, 2002, p.56).

repetir um ciclo vicioso. Estamos diante de um mundo extremamente desenvolvido tecnologicamente, que se expande e se transforma cada vez mais rápido. Toda essa dureza tecnológica vai afetando nossos corpos e embrutecendo o nosso sensível, logo Duarte Júnior afirma:

O fato é que o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida (Duarte Júnior, 2000, p.73).

O excesso de algumas tecnologias (e de conteúdos alienantes que consumimos a partir dela) em nossas vidas, assim como coloca Duarte Júnior (2000) faz com que o sensível do corpo seja embrutecido, seja calcificado, de forma que acabamos não sentindo uma música, por exemplo, com o corpo inteiro, mas apenas utilizando o sentido da audição. É como se nossos sentidos estivessem separados.

Apesar de não me debruçar sobre uma produção artística própria, passei por uma formação de vida que me potencializou a criar. Inventar aulas de arte e propostas artísticas que dessem conta de um conhecimento que se encontra entre a arte e a vida, algo que nos passa e que nos toma, algo que nos forma e nos transforma. Este algo é a experiência como acontecimento, o sentir na pele, que é o sentir do corpo. Ao invés de uma obra artística, uma docência artística (profartistar), trazendo mais uma possibilidade de educar para a vida através da arte, fazendo com que os estudantes no espaço de aula, experienciem a arte e a vida. Transformando esse espaço em um possível espaço de acontecimento e de afecções⁵ que irão afetar os corpos, tanto docente como discentes em uma troca potente (troca que poderá levá-los a criação artística e de sentido, de novos sentidos).

Olhar para a própria prática docente de forma crítica, mas também artística e poética, buscando aprimorar os saberes e as experiências. Deixar-me afetar por elas e transformar o caminho que estou percorrendo, perceber a importância de olhar atentamente para meu “profartistar” é um dos objetivos desta dissertação. De acordo com Paulo Freire esse olhar sobre a própria prática no processo de formação é preciso:

⁵ As afecções são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre o outro quando de um encontro (DELEUZE, 1997, p. 156).

[...] o que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. Por isso, na formação permanente dos professores, o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática (Freire, 1996, p. 43).

Escrevo observando e refletindo atentamente sobre minha prática, sobre as reações dos estudantes que me acompanharam no estágio docente, mas também a partir do meu corpo e de todos os afetos que o atravessaram, e ainda o atravessam. Escrevo refletindo a partir de toda potencialidade que a arte e o ensino da arte me possibilitaram... milhares de possibilidades, diferentes perspectivas. Acredito que começo minha dissertação pelo meio, pela dobra. Esse percurso teve início no ano de 2021, onde estávamos ainda em meio a uma crise mundial: a pandemia de COVID-19. Nesse meio, tive encontros (atuei como professora substituta nos cursos de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense/Campus Pelotas) movidos por afetos de um “profartista” que estava por ser inventado e por se re-inventar.

Minha relação com a arte do viver é intrínseca, é própria, é única; assim como minha relação com a arte e com a educação. Através dessa relação, surgem ainda mais inquietações sobre meu percurso e processo formativo docente. E sim, acredito que nosso percurso docente também é um processo formativo que não cessa, pois o professor é aquele que está em constante transformação, sempre estudando e se reinventando.

[...] re(encontrar) espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das histórias de vida. A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de re(construção) permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa; 1992; p.25).

Inventar, criar e re-criar. Uma artista-pesquisadora-professora que seja capaz de relacionar e dialogar os conteúdos com as diversas esferas da vida, estimulando a potência de criação. Essa potência criativa é atravessada por referências mundanas, e pode assim, transformar nossa maneira de pensar, ser e estar no mundo.

Através do ensino da arte e imersa a esse meio sensível e artístico, vivi experiências incríveis, únicas e muitas delas de caráter estético. Caminhando e tecendo minha formação, obtive diversos questionamentos sobre a arte e a vida, sobre esse mundo capitalista fervoroso que nos atravessa constantemente. Como sobreviver em um mundo caótico sem arte? Como ter tempo para pensar sobre a arte, se nossas vidas estão cada vez mais corridas? O que podemos fazer com arte e através da arte para formar pessoas mais sensíveis atravessadas por experiências de caráter estético? Já não temos tempo. Jorge Larrosa, professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona, problematiza nossa falta de tempo que resulta na diminuição de experiências:

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos (Larrosa, 2002, p.23).

A experiência estética requer um olhar minucioso, requer tempo, pois tudo é em excesso. Somos corpos atarefados, cansados e sem tempo. Esse excesso de estímulos acaba nos causando um tipo de cegueira e uma certa distração. Como um vazio contemporâneo. Já não temos tempo pra pensar sobre as imagens e sobre tudo o que circula nas mídias, tudo é superficial. Vivemos em um mundo extremamente acelerado, que nos faz entrar em um tipo de “modo automático”. Este modo faz com que a gente não consiga perceber os detalhes, faz com que a gente não consiga observar com atenção, pois ela (nossa atenção) está totalmente voltada para a grande circulação de informação e pela busca de padrões que elevem nosso status perante a sociedade. Então comecei a pensar: Como o ensino de arte de forma sensível pode contribuir para a transformação de atividades práticas em sala de aula em experiências estéticas? E continuei a divagar: O que pode a experiência estética quando atravessa os corpos aprendentes em tempos de anestesia? Esses questionamentos me levaram ao coração desta pesquisa.

Só afeta um corpo que está afetado e por isso a questão principal dessa pesquisa é: O que pode a experiência estética na formação docente/discente em Artes Visuais?

A partir desse questionamento a pesquisa nasce e toma um corpo. Um corpo que se constrói junto com meu percurso docente, junto com meu processo formativo, e, portanto, sempre inserida em sala de aula. Uma sala de aula que aqui será tratada como espaço do acontecer (um espaço onde podemos construir novos mundo, novas possibilidades, olhar por outras lentes, dar novos significados).

A metodologia A/R/Tográfica cresce como um rizoma⁶, tem um corpo rizomático, um corpo que se conecta em um fluxo de ser, de ser e estar no mundo, de inventar novos mundos, buscando também outras formas de pensar, de vasculhar o pensamento. Logo:

[...] a teoria é entendida como um intercâmbio crítico que é reflexivo, responsivo e relacional que está em contínuo estado de reconstrução e conversão em outra coisa. Assim a teoria como prática se converte em espaço vivo e corporificado de pesquisa (Meskimmon *apud* Irwin, 2013, p. 139).

O corpo da pesquisa que é rizoma vai favorecer e possibilitar a criação e invenção dos lugares de fronteira, “do entre, da dobra”, que assim como coloca Rita Irwin (2013, p.139) “são espaços intersticiais da criação artística, da pesquisa e do ensino”. Miriam Celeste Martins também traz considerações acerca de uma pesquisa que vai sendo tecida rizomaticamente:

Pensar por um 'método rizomático impele o mergulho na potencialidade da experiência, nas multiplicidades que se oferecem à invenção, em deslocamentos e escolhas em trajetórias que se descobrem no próprio trajeto, em um movimento que é típico da arte (Martins, 2006, p. 232).

Pensar e aprender com arte amplia as possibilidades educativas, por isso ela é tão importante dentro dos processos formativos. Por meio da arte é possível explorar a potência da experiência estética. Estamos em constante transformação e é por isso que não podemos parar de inventar, de criar, de dar novos significados, de ressignificar, de olhar por novas perspectivas ainda não exploradas.

⁶ Rizoma é um termo originado da botânica, utilizado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, para descrever uma maneira de encarar o indivíduo, o conhecimento e as relações entre as pessoas, ideias e espaços, a partir de uma perspectiva de fluxos e multiplicidades, que não possui uma raiz ou centro. Fonte: <https://www.ex-isto.com/2020/07/rizoma-esquizoanalise.html>

Meu processo formativo se encheu de características estéticas e impulsionou uma produção sensível, sendo de suma importância para esta pesquisa e para a minha constituição como docente. A ideia é refletir sobre esta prática e sobre essa vivência, pensando na formação de professores em Artes Visuais. Assim, foi construído o conceito profartistar, que encontra forças junto à vida, junto ao ensino de arte e junto à educação, assim como nos diz Corazza (2011, p.16): "Penso que é por meio da pesquisa - docência, artistadora de variações múltiplas, que a educação pode produzir ondas e espirais; compor linhas de vida e devires reais [...]".

Através dessa experiência docente e também estética, esta pesquisa resultou de inquietações sobre o espaço do acontecer da sala de aula, possibilitando atravessamentos com nossas vidas, com experiências de caráter estético, mas também com tudo aquilo que pode potencializar encontros com a arte, através de vivências e experiências singulares (cada aluno aprende à sua maneira, por meio de sua própria visão de mundo). Isso possibilita uma abertura para outros olhares e para outras perspectivas sobre a realidade e o mundo em que vivemos. Larrosa e Kohan (2014), contribuem com esta ideia de sentido, dentro do âmbito educacional, por meio das experiências estéticas e explanam o seguinte pensamento:

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (Larrosa; Kohan, 2014, p. 5).

A partir desse contexto, a pesquisa se expande em muitas direções, abrindo um espaço de muitas possibilidades, não somente a partir do ensino da arte, mas também, e principalmente de proporcionar experiências de caráter estético no ensino superior, mais precisamente na formação de professores.

Experiências que passam pelo nosso corpo inteiro, que passam pelo pensar, pelo sentir e pelo fazer, onde retiramos dela algo a mais do que uma sensação, mas recolhemos aprendizados, conhecimentos. Algo fica em nós, algo altera nossa percepção. Proporcionar um espaço sensível em sala de aula, e atividades que possam atravessar os corpos discentes (e também docente) fazendo com que algo aconteça nesses corpos, levando-os a experienciar e

experimental. Um ensino que explore a concepção de arte que não é pensada somente para os seres geniais, pensar que ela não é afastada do cotidiano e das formas de existência que compõem o mundo em que vivemos.

Aqui a arte será tratada como possibilidade, como abertura para transformar, como experiências para afetar. Assim como toda pesquisa esta, também passou por um processo de amadurecimento, em que busquei estudar diversas referências de diferentes autores(as), juntamente com os seminários do Mestrado em Artes, que possibilitaram uma abertura ainda maior para o desenvolvimento dessa escrita. Uma escrita que se faz junto com o fazer profartista, junto com o fazer docente. Da mesma maneira que nos diz Corazza:

Ensinar (fazendo pesquisa) e pesquisar (ensinando) consistem, dessa maneira, em criar soluções e, ao mesmo tempo, enigmas. Numa frase pronunciada ou escrita; no olhar ou no sorriso de alguém; num raio de luz; numa hora do dia, alguma coisa se passa, que não existia antes; e um novo, um inédito se faz, mesmo que não consigamos apreendê-lo (2011, p.14).

Acredito ser pertinente mencionar também, as disciplinas que cursei como aluna especial no Mestrado em Educação, na linha de Arte e Filosofia, no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, em Pelotas. Elas foram de suma importância para o desenvolvimento deste projeto e desta pesquisa. A partir de diferentes olhares continuei tramando, tecendo e corporificando ainda mais minha escrita, tendo como base o método A/R/Tográfico proposto por Irwin (2013), onde nos transformamos ao caminhar como docentes, e também como discentes. Transformamos o espaço que estamos inseridos. Transformamos a sala de aula em um espaço do acontecer. Algo se passou. Alguma coisa mudou.

Sou muitas e componho este corpo através de muitas vozes. Essas vozes ajudam a articular meu pensamento sobre o ensino de arte e sobre a educação, sobre como podemos formar sujeitos para a vida, para enfrentar o caos do viver e não apenas uma formação superficial para o mercado de trabalho. O método utilizado inicialmente foi uma revisão bibliográfica, na qual me apropriei de algumas vozes que irão me ajudar a pensar e também a compor esta escrita. Entre estas vozes estão Jorge Larrosa Bondía, Rita Irwin, Marcos Villela Pereira, Paulo Freire, entre outros que possam surgir enquanto me desloco como artista/pesquisadora/professora. Estas vozes estão atreladas ao meu

pensamento e a minha prática em sala de aula. Elas compõem junto comigo algo novo, algo que está por vir. Elas se articulam com minha escrita e ajudam a criar/construir minha prática. Vozes que por vezes gritam e imploram por uma educação mais sensível e significativa, por um ensino de arte que seja mais voltado para as vivências dos alunos, buscando integrá-las a este meio, fazendo assim, com que os alunos possam significar e ressignificar a arte e o cotidiano através de suas próprias experiências.

A revisão bibliográfica aparece, porém quem dá corpo e espaço à pesquisa numa perspectiva A/R/Tográfica, em um movimento de devir⁷, onde encontro-me inserida em meu campo de pesquisa e afeto e me deixo afetar por ele, por este espaço. Espaços livres que permitem explorar novos territórios e lugares, possibilitando um aprendizado para todos (alunos e professora). Para conseguir sustentar ainda melhor este corpo A/R/Tográfico de pesquisa me proponho a fazer o estágio docente na graduação em Artes Visuais, mais precisamente no curso de Licenciatura, pois acredito que aqueles que formamos para a prática docente precisam passar por experiências que reverberem nos corpos. Que seja possível perceber e refletir sobre a raridade da experiência de caráter estético em uma sociedade que já não tem tempo, em uma sociedade que não pode parar, que está sempre em um fluxo contínuo e superficial.

Nessa dissertação, proponho o profartistar como um termo criado para tratar a ação do professor em sala de aula, como sendo a docência uma prática em arte, mas também sua própria expressão artística, sua própria obra de arte. Procurei perceber e analisar de que maneira as experiências de caráter estético potencializaram o sensível, fazendo com que algo acontecesse, com que algo atravessasse nossos corpos durante o nosso processo de formação. E que com este *algo*, fosse possível produzir conhecimento, significar e ressignificar vivências, experiências, pensamentos, etc. Que os efeitos da experiência intensifiquem e revigorem nossa potência de vida, de criação, de existência, tanto dos estudantes, quanto da artista-pesquisadora-professora. “A/R/Tográficos estão, invariavelmente, preocupados sobre como suas intervenções afetam os outros e a si mesmos (Irwin, 2013, p. 23)”.

⁷ [Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa. Passar a ser; fazer existir; tornar-se ou transformar-se. Fonte: <https://www.dicio.com.br/devir/>.

A A/R/Tografia, como uma pesquisa educacional baseada em arte, também motivou, estimulou e inspirou a criação do profartistar (Figura 3). Este é um conceito aberto, que trata da prática do professor em sala de aula como sendo sua própria produção e expressão artística. A aliança entre as ações de artistar, pesquisar e professorar, que integram a metodologia A/R/Tográfica também integram o ser (professor-artista-pesquisador) que profartistará no espaço da sala de aula. Logo, “Pesquisa, docência e experiência estética podem se imbricar de tal forma que se torna impossível dizer onde começa uma e termina outra (Tourinho, 2013, p.64)”.

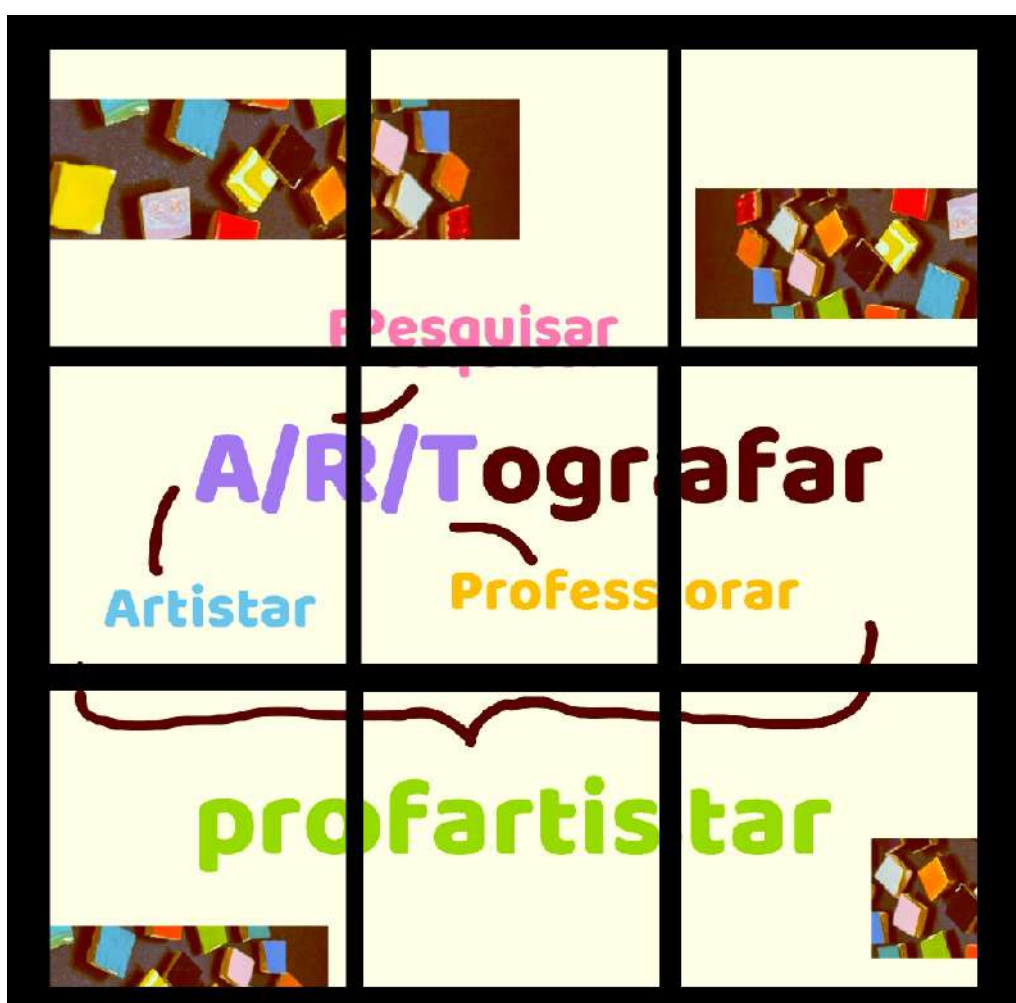


Figura 3. Ações de A/R/Tografar que também inspiraram o profartistar. Acervo da autora, 2024.

A metodologia A/R/Tográfica visa provocar o professor-artista-pesquisador a pensar e repensar sobre os modelos metodológicos de pesquisa padronizados, mas também nos provoca a pensar sobre a nossa própria maneira

de ser/estar/atuar/pensar em sala de aula. Nos abre possibilidades não só dentro da pesquisa, mas também na maneira de profartistar nos espaços educativos, indo de encontro à nossas vidas.

Dias (2013, p. 25) diz que a A/R/Tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e dos formatos de pesquisa alternativos, para provocar entendimentos e saberes que as maneiras tradicionais de fazer pesquisa não dão conta de suprir. Propõe ainda que como provocação artística, além da investigação teórica, que o professor-artista-pesquisador produza alguma matéria artística, fazendo uma ligação entre a escrita científica e o fazer artístico. No caso desta dissertação podemos citar os mosaicos construídos, os esquemas visuais feitos no papel e nos próprios azulejos (tesselas), sendo algo que dialoga também com a própria prática de profartistar.

A pesquisa vai tomar corpo a partir da relação dos campos da arte e da educação, resultando na prática artística em sala de aula que é o profartistar, ao mesmo tempo que a metodologia torna a pesquisa possível, ela também inspira a criação do conceito. A ideia principal do conceito de A/R/Tografia é a ação de conexão entre o artista, o pesquisador e o professor, num mesmo ser. Ao desenvolver a pesquisa, começo a me perceber não só como professora e pesquisadora, mas também como artista. Enquanto escrevo componho produções artísticas (meu diário de artista-pesquisadora-professora, mosaicos, diários de bordo artesanais, carimbo, *frottages*, fotografias, esquemas coloridos, intervenções com mosaicos na rua) que também me constituem e me potencializam como artista-pesquisadora-professora em formação. Essas experiências aguçaram o sensível em meu corpo, o fazendo potência para afetar outros corpos e potencializando ainda mais o profartistar docente.

Esta percepção de mim mesma como artista se mostrou tardia. Até então me percebia apenas como uma professora apaixonada por seu fazer em sala de aula. Porém, a A/R/Tografia me fez enxergar minha ação em sala de aula como sendo a minha própria expressão artística. Me peguei experimentando técnicas e escritas em/na arte para que, por meio dessas experimentações e vivências sensibilizasse e aflorassem ainda mais o meu corpo, para que a partir dos meus afetos fosse possível também afetar.

O pesquisar e o professorar exigiram uma poética que pudesse englobar, potencializar e avivar o ser artista que habita em meu corpo. Segundo Dias

(2013, p.25), o A/R/Tógrafo incorpora estes múltiplos e flexíveis papéis à sua vida profissional. Vive em um estado de abertura e atenção, vive e experimenta espaços, adentra naquilo que está no *entre*. Potencializa a vida e a criação por meio de seu profartista. Quando fazemos pesquisa e junto a ela experimentamos, vivenciamos e habitamos diferentes espaços. Esse corpo que experiência é o próprio corpo do pesquisador, ou seja, os acontecimentos estão imbricados com a própria vida deste ser: “quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz” (Sumara; Carson, 1997, p. 27).

O envolvimento com a escrita e com os processos artísticos começaram a latejar em meu corpo. Enquanto me deslocava e caminhava em um estado de abertura para que pudessem surgir possibilidades de experimentar e vivenciar experiências de caráter estético. O processo é lindo e apaixonante. Inventar e re-inventar a pesquisa, buscar novos rumos e novos caminhos para serem trilhados e experimentados. Em um domingo pela manhã, por um acaso, me deparei com um espelho descartado por um vizinho da quadra ao lado de onde moro. Na hora pensei: Nossa, esse espelho pode fazer parte da minha pesquisa, posso ressignificá-lo e transformá-lo em um mosaico de espelhos. Imaginei o espelho virando um mosaico e o relaciono com a ideia que proponho, de que o conhecimento se faz aos poucos, vai sendo construído, é um processo. Mas também reflete aquilo que somos, nossos modos de ser/estar/pensar/atuar em nosso cotidiano, nas relações coletivas, no mundo em que vivemos.

O processo de construção começou com a quebra do espelho em várias tesselas (pedacinhos de espelho). Utilizei como base um pedaço de madeira um pouco maior do que o tamanho de uma folha A4, que foi pintada de preto com tinta spray. Logo após a secagem da tinta, comecei a colar as tesselas sobre a base. Eis que surge um mosaico de espelhos interativo. Abaixo (Figura 4), podemos observar as fotografias do processo de construção deste mosaico. Interativo, pois é possível tirar fotografias neste espelho, mesmo que ele esteja dividido em tesselas.



Figura 4. Processo de construção da obra mosaico de espelhos.
Acervo da autora, 2023.

A ideia principal do mosaico de espelhos (Figuras 5 e 6), é que os alunos em formação na área de artes visuais, interajam com a peça que será levada para a sala de aula. Há diversas possibilidades de interação, como tirar fotos “nos espelhos” (tesselas), tirar o decalque com a técnica de *frotage*, em folhas avulsas ou até mesmo nas páginas dos diários de bordo, entre outras

possibilidades que possam surgir. Acredito que é importante que eles tenham contato também com a produção artística que venho produzindo durante o fazer desta pesquisa. É interessante que possam interagir, tocar, perceber e conhecer um pouco mais dessa a/r/t que também move e inspira esta escrita.



Figuras 5 e 6. Mosaico de espelhos - Obra: Reflexo do Viver, 2023.
Acervo da autora.

Nesta pesquisa procurei me apropriar da hibridização entre uma professora, uma artista e uma pesquisadora. Busquei referências, fiz leituras, participei de eventos e exposições, experimentei o fazer artístico, e tudo isso me potencializou a buscar e experimentar sempre mais. Rita Irwin nos diz que “A/R/Tógrafos precisam ter uma vida criativa em meio à correria de suas vidas diárias, permitindo a si mesmos um tempo apropriado para o trabalho lento e importante da prática contemplativa e criativa” (2013, p.161). Começo então a observar o cotidiano por outras perspectivas, com outro olhar. O olhar de uma artista-pesquisadora-professora que se transforma e se torna mais apurado para

viver a pesquisa. Começo então a perceber que os mosaicos (ao acaso) começaram a aparecer e atravessaram meu cotidiano e meu caminhar (Figura 7).



Figura 7. Mosaicos ao acaso. Acervo da autora, 2024.

Esses são registros dos mosaicos que começaram a surgir ocasionalmente enquanto me deslocava durante o processo de fazer pesquisa. São registros dos buracos das ruas do bairro em que resido, com a tentativa frustrada de algum vizinho de tapá-los jogando pedaços de azulejos. Ao olhar para os buracos pensando em mosaico, pude perceber que só fiz esta relação por estar imersa e vivendo esta pesquisa também fora do espaço acadêmico.

Quanto mais caminho e me envolvo no processo, mais emaranhado fica o meu corpo junto a essas vivências e experiências. Meu corpo então, é

potencializado por tais experimentações que fazem com que tenhamos que nos dar tempo e espaço, para perceber os detalhes e desfrutar do processo.

É importante, desta forma, regressar ao ponto de reflexão desta pesquisa, que se dedica a pensar em como proporcionar uma formação estética sensível aos futuros professores de artes visuais, por meio de uma abordagem autoral, artística e expressiva, exercendo um profartistar docente, por meio da A/R/Tografia como metodologia.

Com base no objetivo deste estudo que é propor um modo autoral de criação de uma docência em arte, a partir de experiências de caráter estético e sensível, como mais uma possibilidade de ir em direção a uma formação crítica, contextualizada e criativa, fugindo de modelos pré-estabelecidos que ainda permeiam os ambientes educacionais. Foi proposto que na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais (estágio docente), fosse possível que professora e alunos vivessem e experienciassem o espaço da sala de aula juntos, abrindo possibilidades para a construção de algo que é coletivo (um conhecimento coletivo). E ao mesmo tempo em que é coletivo, também é singular de cada um, pois sentimos e experienciamos de maneiras únicas.

A proposta que busquei aplicar no estágio docente também foi atravessada por minha prática como professora e por vivências anteriores, onde, em meio a uma pandemia, sem contato com os corpos foi possível construir algo, foi possível trocar saberes e produzir conhecimento. No estágio docente, foram desenvolvidas aulas expositivas e lançadas propostas práticas que impulsionaram o despertar de experiências de caráter estético. Procuo sempre fazer a costura da teoria com a prática e relacionar os temas de todas as aulas, fazendo com que eles se atravessem e se complementem. Logo, resultam em novas descobertas e em efeitos potentes sobre os corpos dos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais, ou seja, futuros professores de Arte. Efeitos esses que vão efervescer e os fazer criar, produzir sentido e significado, não só para uma aprendizagem em sala de aula, mas também um aprender para a vida.

Esta é uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem e que se fez necessário ir a campo para a coleta dos dados, que são resultantes das aulas ministradas no estágio docente. Os participantes do estágio docente e desta pesquisa, são duas turmas (28 e 26 alunos) de primeiro semestre do curso de

Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada no estado do Rio Grande do Sul. Aqui é importante destacar que são alunos que acabaram de ingressar na universidade, que ainda estão em fase de adaptação com o meio acadêmico, com professores, colegas e também com as mudanças do ensino médio para a graduação.

No primeiro encontro que tive com eles, foram distribuídos diários de bordo aos 54 estudantes do curso (professores em formação), para que eles pudessem expressar suas reflexões das aulas, ideias em/na arte por meio destes, com uma maior intimidade. Comuniquei a eles que os diários seriam recolhidos, que serviram como dados para análise desta pesquisa, e expliquei também que seria mantido o anonimato de relatos e registros que eles produziram.

A proposta do diário de bordo é de que eles se envolvessem com este pequeno diário, que o levassem para a vida, para o cotidiano. Diários de bordo confeccionados por mim artesanalmente. Nas páginas internas foi utilizado papel do tipo reciclado de gramatura 90g. Na capa foi utilizado papel tipo color plus de gramatura 180g. As folhas costuradas com fio encerado preto, sendo este um fio resistente para que a costura se mantenha firme ao manusear. Além dos diários também foi criado um carimbo artesanal no estilo mosaico, como se este mosaico fosse a representação gráfica dessa pesquisa, como uma assinatura.

Reconectei-me à minha criança interior, sendo uma experiência que me tomou por inteiro e me levou a revisitar a infância, despertando muitas memórias e afetos. Tudo isso foi despertado quando participei do ateliê de peças artesanais, que a minha mãe produz, e pedi que ela me ensinasse a fazer a encadernação artesanal dos diários de bordo (Figura 8) que foram distribuídos para os futuros professores em formação. Nossa partilha entre arte e vida foi maravilhosa. Nesse tempo de confecção dos 70⁸ diários, fiquei imersa e algo atravessou meu corpo. Ele ainda ecoa, ressoa e reverbera a potência do processo e da ação pesquisar/artistar/professorar, potencializando ainda mais a ação de um profartistar.

⁸ Foram produzidos 70 diários, porém nem todos os alunos que estavam matriculados iniciaram o semestre. Outros deles desistiram no meio do semestre.



Figura: 8. Processo de confecção dos diários de bordo para as turmas. Acervo da autora, 2023.

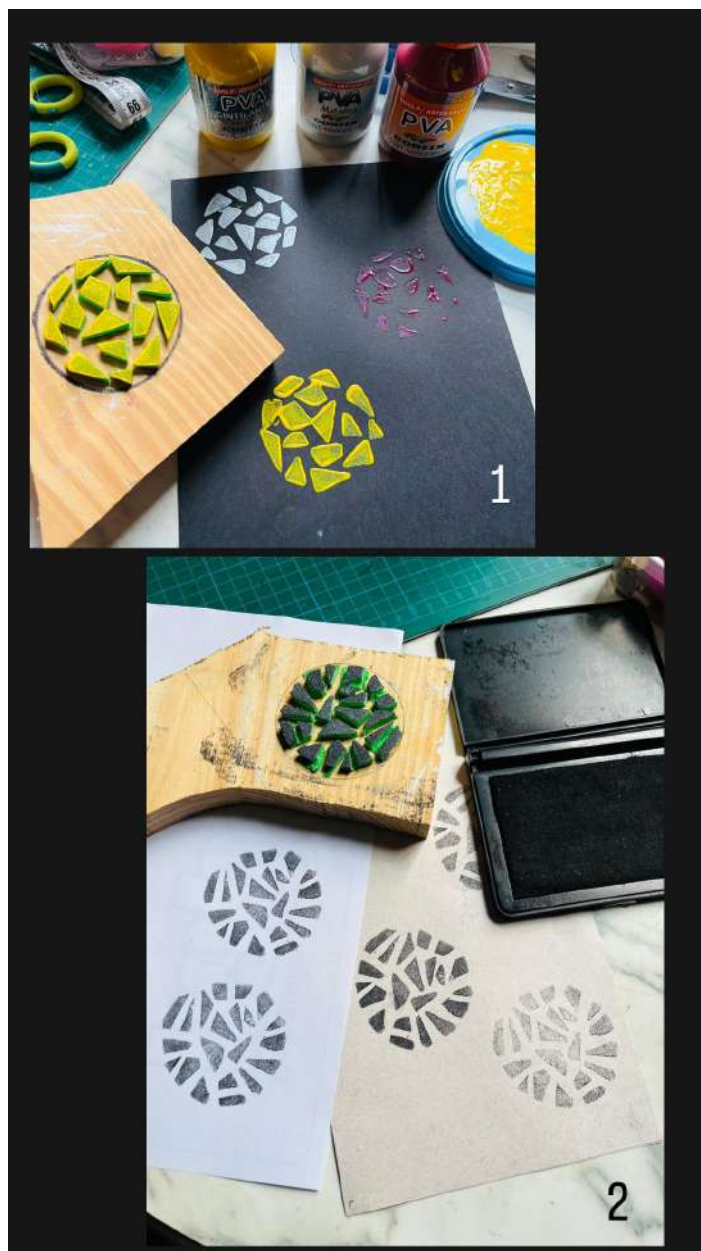


Figura 9. Teste de carimbo colorido (1). Carimbo escolhido (2).
Acervo da autora, 2023.

A ideia inicial do carimbo (Figura 9) seria utilizá-lo na capa dos diários, porém dei preferência por carimbar a primeira folha, deixando a capa como alternativa para uma possível intervenção dos alunos. Foram feitos dois carimbos e escolhido um deles para utilizar como a representação de um mosaico. Utilizei como base pedacinhos de madeira e na parte do desenho utilizei E.V.A. (materiais que já possuía em casa). O processo do carimbo é o recorte do E.V.A. no formato desejado e logo após colar o formato na base. No caso do “carimbo mosaico” fui colando um pedacinho (tessela) por vez. Foi proposto aos alunos que o diário fosse alimentado com elementos, com escritas,

com desenhos, com fotografias, com colagens, com letras de música e poesia, com todo o tipo de expressão que fosse possível experimentar. Que o diário seja um pequeno mundo construído e potencializado por meio das aulas, das discussões, das trocas de vivências e de experiências. Que eles se coloquem em um estado de abertura, de bisbilhotice. Assim como coloca o autor Marcos Vilella Pereira, é preciso assumir uma postura,

[...] uma condição de possibilidade para a experiência estética: a *atitude* estética. Para que se possa viver uma experiência estética, antes de tudo, é preciso assumir uma atitude estética, ou seja, assumir uma *posição*, uma postura que constitua e configure a nossa percepção. Não como uma intencionalidade, uma premeditação, uma antecipação racional do que está por vir, mas como uma disposição contingente, uma abertura circunstancial ao mundo (Pereira, 2012, p.186).

Essa abertura ao mundo é mais como uma disponibilidade. Colocar nossos corpos disponíveis para que algo os atravesse, para que algo os aconteça. Bisbilhotar, perceber, inventar, significar... entre tantas outras possibilidades. Que seja possível o envolvimento e a postura de abertura ao mundo. Que tanto as bisbilhotagens como as experiências, provoquem efeitos nos corpos, e que as possibilidades de expressão em arte consigam dar conta de transformá-los em potência de criação. Ainda de acordo com Pereira (2012, p. 188), uma experiência estética, assemelha-se ao estado de espírito daquele que se apaixona. A partir desse pensamento, é possível pensar em um profartista que busca despertar a paixão dos professores em formação. Despertar a paixão pela vida, pela arte, pela educação, fazendo com que a experiência estética atravesse os corpos e reverbere efeitos sobre os mesmos.

A pesquisa ainda se estende ao meu próprio processo de formação, então desenvolvi o meu próprio diário de bordo (Figuras 10, 11, 12 e 13) no decorrer do caminhar aprendente de uma profartista em formação. O diário de bordo conta com diversas anotações e estudos que foram surgindo durante este potente processo formativo em artes. Ele agrega registros como escrita, desenhos, fotografias, *frottages*, colagens, esquemas, entre outras experimentações, que foram sendo desenvolvidas e potencializadas por meio das trocas e observações feitas em sala de aula.

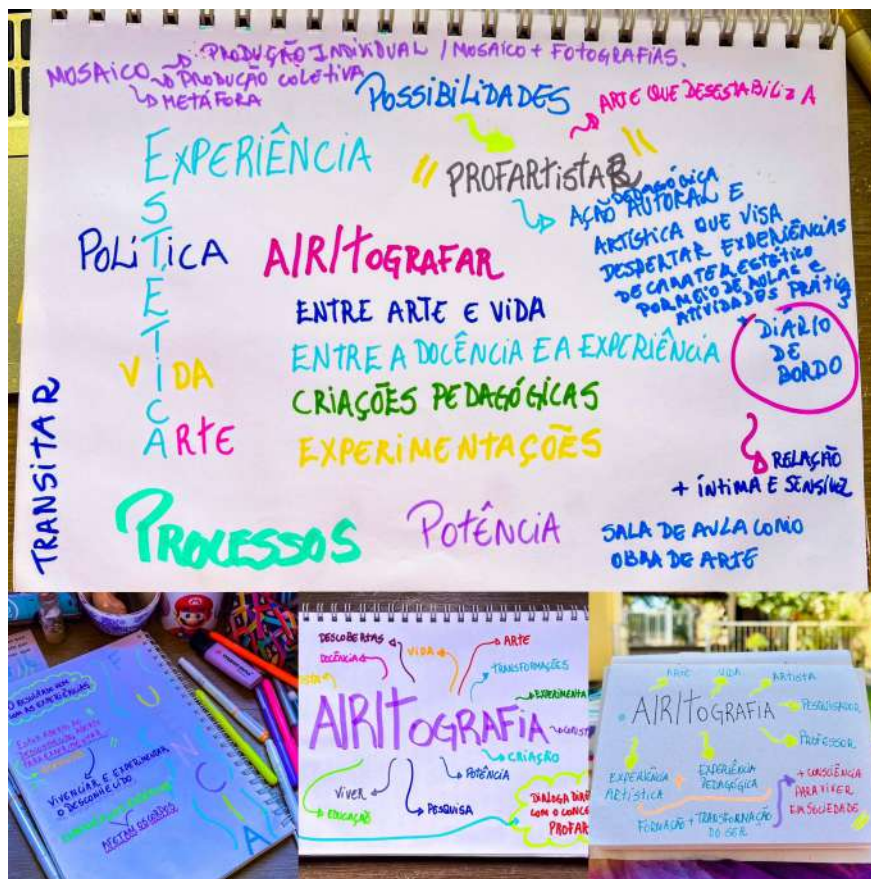


Figura 11. Páginas do diário de uma profartista. Acervo da autora, 2024.

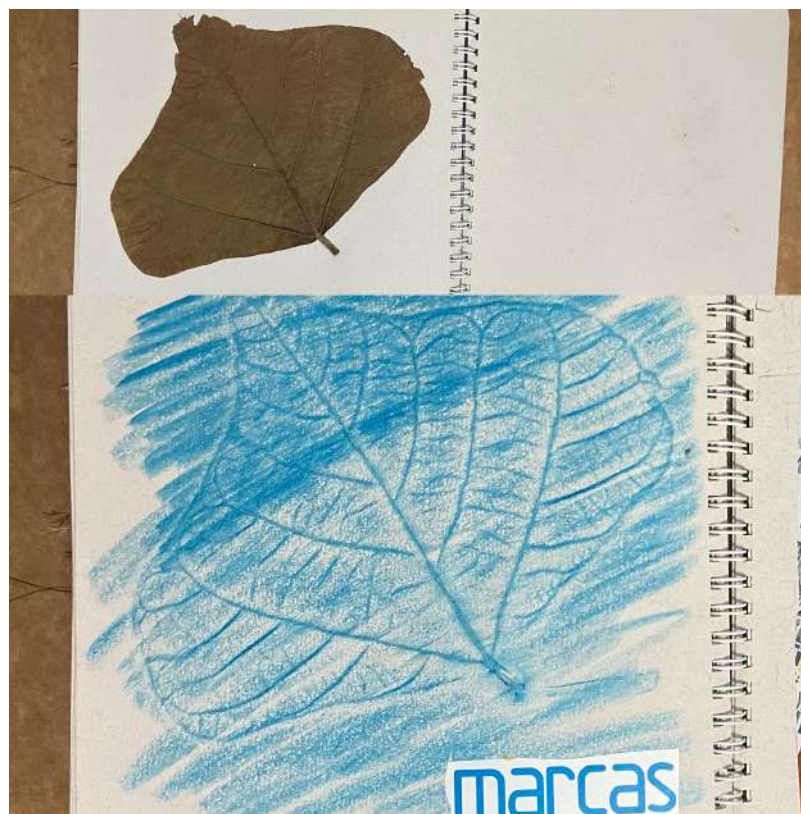


Figura 12. Páginas do diário de uma profartista. Acervo da autora, 2024.



Figura 13. Páginas do diário de uma profartista. Acervo da autora, 2024.

Essas páginas também impulsionaram meu processo de formação, onde pude experimentar diferentes técnicas, registrar pontos importantes de estudo e fazer reflexões sobre próximos passos. Diários de bordo que inspiram meu fazer artístico profartista, tanto em relação à criação, como também ao fazer em sala de aula. Além dos diários de bordo, paralelamente às aulas, desenvolvia também meu fazer artístico, que resultou em uma produção de mosaicos, se estendendo à intervenções urbanas com mosaico (ver capítulo 4).

A análise da aplicação das propostas em sala de aula, foram pensadas tendo a metodologia da A/R/Tografia como referência, a qual possibilitou a criação do conceito profartista, pois ele é o que move esta escrita e este corpo em formação.

Os planos de aula que foram preparados para o estágio docente na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais, abordaram temas de grande relevância para a formação de professores em artes visuais, como questões sobre experiência estética, por exemplo. Os objetivos e a maneira de

conduzir a aula, visam também, potencializar o pensamento, as discussões, as criações, e tudo aquilo que seja possível de ser inventado (Figura 14).

	TEMA	OBJETIVO
1º ENCONTRO	Processo de escrita da dissertação e processo criativo da produção artística desenvolvida.	Apresentar como se desenvolveu o processo de escrita e de produção artística da minha dissertação; Sensibilizar os alunos a partir do contato com esta produção.
2º ENCONTRO	A importância da arte e da experiência estética para a formação de professores.	Atividade Prática: Construir um mosaico em grupos, pensando na experiência artística, estética e pedagógica.
3º ENCONTRO	A importância da arte e da experiência estética para a formação de professores.	Conceituar questões sobre a formação de professores no ensino das artes visuais, visando despertar o interesse pelas experiências de caráter estético e a sua importância nos processos formativos e de subjetivação dentro dos ambientes educativos.
4º ENCONTRO	Discussão sobre a formação docente que ainda hoje está focada para o mercado de trabalho, visando mão de obra e o lucro para o capital, nos distanciando de uma formação para a vida, focada no saber sensível dos corpos.	Despertar novas maneiras de pensar por meio da arte, visando a importância de inventar outras maneiras de ser professor, de ser/estar/atuar no mundo em que vivemos.
5º ENCONTRO	Atravessando a ideia de experiência, de arte, de estética, de política e cotidiano, tudo isso fazendo uma abordagem histórica das artes brasileiras no contexto da ditadura militar. Mostrando obras e artistas de grande importância e aproximando dos dias atuais, onde em um passado muito próximo também passamos por tempos sombrios.	Despertar novas maneiras de resistir dentro do sistema em que vivemos por meio da arte, visando a abordagem do tema como uma estética que também é política e atravessando a ideia de que toda arte é política.

Figura 14. Quadro sobre os temas e objetivos trabalhados nos encontros (aulas).
Acervo da autora.

As discussões em sala de aula, as atividades avaliativas e práticas processuais, também foram pensadas para possibilitar a reverberação de experiências de caráter estético: foram pensadas por meio do profartistar e que poderiam ir para este diário de bordo. Foi possível observar os estudantes, a partir das propostas de atividades desenvolvidas, atentando-se às suas ações diante das discussões dentro da disciplina.

Também é importante observar alguns dos slides utilizados durante o momento expositivo da aula, para poder perceber se elas de fato, ajudam a potencializar o pensamento dos educandos. Abaixo podemos observar algumas delas (Figuras 15 e 16).



Figura 15. Slides das aulas 1, 2 e 3. Acervo da autora, 2024.



Figura 16. Slides das aulas 4 e 5. Acervo da autora, 2024.

Frente a toda esta contextualização metodológica do trabalho, me propus a desenvolver uma proposição pedagógica para as aulas no estágio docente.

3.1. profartistar E O ENSINO DE ARTE

O profartistar é um conceito criado dentro do campo da arte que se conecta diretamente ao campo da educação e que trata da prática (ação) do professor em sala de aula, como sendo sua própria maneira de expressão artística. Ele também se conecta a A/R/Tografia, e então é possível pensá-lo como uma prática construída por meio de trocas de experiências e vivências, por meio de experimentações e proposições, que a artista-pesquisadora-professora desenvolve ao trabalhar com os conteúdos do ensino de arte, fazendo atravessamentos e reflexões sobre arte, vida, política, cotidiano, entre outros âmbitos quando necessário.

Uma artista-pesquisadora-professora que procura transformar o espaço da sala de aula em um espaço de vida, de acontecimentos, de afecções⁹, de experiências estéticas e de discussões reflexivas. Que esta transformação do espaço educativo desperte a potência do pensamento e da criação dos educandos, que eles sejam afetados e transformados a partir de experiências com arte e vida. Que eles (futuros professores de arte), tenham a possibilidade de atuar nos diferentes níveis educacionais, com um olhar mais sensível, estético e crítico sobre a arte e sobre diversos assuntos que atravessam o campo da arte e que permeiam os modos de vida contemporâneos.

Que a sala de aula seja “uma obra de arte” (Mendes, 2019, p.61), e que assim como uma obra, está aberta à diversas interpretações, olhares e significados. Uma arte que toca e sensibiliza, mas que muitas vezes também desagrada e nos desestabiliza, e nos deixa em um estado de desconforto. Essa arte é capaz de nos despertar do estado de anestesia, provocando e impactando nossos corpos, por meio do nosso contato com produções artísticas, poéticas ou

⁹ As afecções são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre o outro quando de um encontro (DELEUZE, 1997, p. 156).

até mesmo por meio do contato com uma maneira profartista de propor o ensino de arte nos espaços educativos. Uma arte que pode nos afetar e nos desestabilizar, que nos faz refletir, colocar em dúvida e questionar nossas próprias maneiras de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos.

Precisamos de aventuras moventes que possam nos instigar para que nos arrisquemos no mundo, para que nos reinventemos a cada dia. A arte contemporânea nos faz provocações que contaminam um pensar/viver experiências [...] (Martins, 2006, p.236).

Esta arte que é sensível, mas também desconfortável, é capaz de atuar como uma potencialidade sobre nossas subjetividades, transformando assim, o nosso ser. Que ela seja vista como um espaço do possível, um espaço de possibilidades de/com arte, de fazer da vida e do viver poesia. Que em meio ao caos seja possível transformar.

O profartistar é um conceito que dá pistas e abre possibilidades, como mais uma maneira de fazer, dentro do ensino e arte. Um conceito traz uma ação executada com paixão e envolvimento e que se torna a própria arte. O profartistar é esta ação viva que pratico como artista-pesquisadora-professora, é buscar minha poética na construção do conhecimento e na troca de experiências e vivências em um espaço que poderá acontecer e transbordar, em um espaço de potência de vida.

Dentro de esquemas tradicionais, o professor apenas reproduz modelos de ensino, sem abrir espaço para a criação pedagógica e artística, para experimentações e experiências, para o pensamento crítico e reflexivo. O profartistar busca ir totalmente contra esse pensamento esquemático tradicional, em que apenas reproduzimos aquilo que já está dado, por meio de modelos prontos. O profartistar é uma ação que visa a potencialização da vida, da criação, de refletir sobre outros modos de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos. O profartistar não é um conceito fechado, mas um conceito aberto que está sempre em construção, que tem a possibilidade de se modificar, de se transformar, de metamorfosear...

Primeiramente foram feitos levantamentos bibliográficos sobre alguns conceitos que se referem a prática da docência, por exemplo, o conceito de artistagem de Sandra Corazza. O que pude perceber com esta busca, foi que não encontrei nenhum conceito que desse conta de tratar a própria prática do

professor em sala de aula como sua obra de arte, como sua produção artística. Por isso, penso o conceito de profartistar, que engloba a ideia de que a ação do professor em classe, suas aulas expositivas e práticas, o modo de abordar o ensino de arte e a abertura para a criação pedagógica, são a sua própria obra de arte, são a própria maneira de expressão artística do professor. O profartistar, sendo a própria obra de arte e a própria expressão artística do professor, pode então, levar os alunos a vivenciarem experiências de caráter estético e sensível (lembrando que o sensível toca, mas também desacomoda e desestabiliza).

O profartistar então é um modo autoral de abordar o ensino de arte por meio desta ação de expressividade do professor através de suas aulas. Logo, no estágio docente, em uma turma de professores de arte em formação, vivenciamos e experienciamos o profartistar. Abrimos possibilidades.

Com base em uma busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações disponibilizado no site da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)¹⁰, foi possível perceber que o termo “obra-aula” aparece em 844 teses e dissertações. Através de um refinamento da pesquisa, buscando teses e dissertações entre os anos de 2019 e 2023, foram garimpados dois trabalhos em que o termo obra-aula também aparece e é explorado pelos pesquisadores. A ideia é perceber de que maneira os autores trataram dos conceitos e assim poder refletir como outros autores desenvolveram as suas propostas e como estas se atravessam às minhas. Savio Damato Mendes, em sua tese de doutorado em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Acontecimento: A Aula como Obra de Arte”, defendida em 2019, trata da ideia do espaço de sala de aula como obra de arte. Um estudo que atravessa e auxilia a criação do conceito que desenvolvo nesta dissertação: profartistar. Sávio pensa os atravessamentos entre arte e vida que também aparecem dentro desta pesquisa, mas ele vai além e trabalha a reflexão sobre literatura, fazer artístico, arte, aula e vida. O autor expõe as ideias sobre o que ele pensa ser uma aula como obra de arte:

Pensar é criar. Criar novas conexões, novas possibilidades, novos devires. É neste ponto que reencontramos o tema central do presente estudo, o conceito de 'Acontecimento: a aula como obra de arte', uma vez que a aula, aquela que se efetua como verdadeira obra de arte, é, acima de tudo, criação de pensamentos e estes se dão no acontecimento do encontro das forças com o Fora, no afetar, com o

¹⁰ Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

inesperado do caos-acaso sempre por vir, em devir. A aula que advém como obra de arte é aquela em que o acontecimento surge como eixo central, não o conteúdo propriamente dito. A matéria (conteúdo) deve ser atravessada por correntes de forças que sejam capazes de produzir afetos, de afetarem e serem afetadas, de conectar-se às forças presentes e “ausentes” a fim de que o pensamento aconteça. É preciso encontrar e dispersar forças ativas capazes de ativar o pensamento. Essa função de provocador de incêndios epistemológicos, de ignição e estopim cabe muitas vezes ao professor. Professar não é repetir o já pensado, enumerar pensamento impotentes, mas forçar o pensamento a pensar, provocar conexões, abalar, mover as forças dos estudantes, e as suas próprias, de encontro ao Fora para que sejam capazes de estabelecer e criar novas conexões (Mendes, 2019, p. 61).

O conceito de profartistar que adotamos nesta dissertação é atravessado e provocado pelo pensamento de Sávio Mendes, acima. O profartistar, assim como a ideia de professor que o autor acima apresenta, também problematiza a ideia de reprodução daquilo que já está dado, visando proporcionar uma obra-aula que afete os estudantes despertando a potência de criação e outros modos de pensamento por meio da arte. É necessário que o professor afirme a potência do viver e elabore signos para despertar a potência do pensamento.

É preciso que o professor saiba passear no caos, ou antes, flunar. O conteudismo desenfreado, o frenesi enérgico linear em lançar matérias no quadro, em encher cadernos e cabeças com regras gramaticais que logo serão esquecidas, esvazia as almas, expulsa a vida e o devir da sala de aula. Mata o pensamento porque não produz afeto, apenas repetição estéril e histérica (Mendes, 2019, p. 137).

É preciso que seja feita uma educação em busca de um viver mais artístico, poético e consciente. Uma educação em arte que valorize o sensível dos corpos.

Outra escrita que potencializa e inspira este trabalho, onde o conceito profartistar também se apoia, é a dissertação do mestrado em Educação, intitulada *Obra-Aula: Processos, procedimentos e criação de uma docência passarinho* (2019) de Thiago Heinemann Rodeghiero, egresso da Universidade Federal de Pelotas. O autor se dedica a pensar uma Obra-aula em um dos fragmentos de sua dissertação, e inicia dizendo que: “uma Obra-Aula começa a se desenhar pelos encontros com a produção do pesquisador e a artistagem docente de Corazza, 2013” (Rodeghiero, 2019, p. 101). Ele ainda se conecta ao conceito de profartistar quando o desejo dentro desta pesquisa é de criar uma obra-aula que proporcione experiências de caráter estético, que toque e afete os educandos, que seja produção de sentidos, que os potencialize à

criação, que desperte outras maneiras de pensamento por meio do ensino da arte, em conexão com a vida e com a educação. De acordo com Rodeghiero, 2019:

[...] uma educação que dispensa os ditos bons modelos (Corazza, 2013), também inventando novas maneiras de se fazer. Ao criar uma aula como um artista cria sua arte, é urgente que o processo e os procedimentos também sejam como os da arte (Rodeghiero, 2019, p. 104).

O pensamento do autor contribui com a construção de um modo autoral de pensar a docência e de executar o profartistar. Esse experimento metodológico, ação de um professor-artista, me constitui enquanto docente e irá ainda se estender aos discentes em processo de formação que os tornará futuros professores, pois profartistarei em turmas do curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais. Assim, este fazer profartistar, tem relação direta com a ideia de Rodeghiero (2019, p. 109) que aponta que:

[...] uma Obra-Aula é criada pela sua própria prática. Observando e investindo nos procedimentos, delimita-se um território com diversas formas de criar. Os arranjos são proliferados, dispensando modos prontos e sem depender de modelos ou de organizações prévias.

Rodeghiero (2019), potencializa a escrita e o pensamento de criação do conceito profartistar e a ideia de obra-aula que menciono nesta pesquisa. Por isso, mencionar sobre o trabalho do autor se torna de extrema importância para o embasamento desta escrita e dos conceitos abordados dentro dela.

Encontro-me também, com uma tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista, defendida no ano de 2023, com o título Apropriações Arte Midiáticas: A sala de aula como obra de arte – Convergências Múltiplas, de autoria de Taisa Nogueira da Silva. As palavras-chave da pesquisa são: Artemídia; Percepção visual; Sala de aula; Educomunicação. Podemos perceber que ela já anuncia no título da tese sobre tratar o espaço da sala de aula como obra de arte, e ao adentrar na escrita ela deixa ainda mais explícito seu pensamento:

A proposta aqui está intimamente ligada à desmaterialização e ressignificação de ambientes em sala de aula, entendida como um acontecimento, uma conexão perceptiva e sensorial que pode ser independente do espaço em que se dá essa relação. Deste modo, a desmaterialização da sala de aula pode corresponder a um acontecimento imaterial, algo aproximado à contemplação da obra de arte. [...] Assim podemos compreender que a aula pode ser elaborada em ambientes diferentes, em formas diferentes de aprender, de se

comportar, de se mobilizar frente aos acontecimentos e estímulos que podem, em determinados momentos, colaborar para a tomada de resolução de problemas de forma criativa. [...] Assim, a sala de aula como obra de arte pode ser entendida como um processo e/ou um acontecimento que tem por consequência um alargamento perceptivo da relação (espaço-tempo) por meio da contemplação e/ou admiração (Silva, 2023, p.45).

A autora afirma, que o espaço da sala de aula pode ser ressignificado e transformado, através de um acontecimento imaterial, que ela diz ser aproximado à contemplação de uma obra de arte, podendo a aula acontecer em diferentes espaços e então, proporcionar aos educandos um processo de ampliação de suas percepções, por meio da contemplação e/ou admiração.

Já no conceito de profartistar, nesta pesquisa, a sala de aula como obra de arte se dá no encontro sensível de uma artista-pesquisadora-professora (sempre em formação) com os seus educandos. Uma professora que busca lecionar com afeto, paixão e comprometimento com as questões sobre arte e vida. Nesta escrita a obra-aula é o resultado de uma prática propositiva-artístico-pedagógica, em que a artista-pesquisadora-professora é um corpo afetado, que também é capaz de afetar seus educandos, de maneira a despertar experiência de caráter estético, e por meio delas, potencializar a criação de novos modos de pensar/ser/estar/atuar no mundo em que vivemos. Esta ação de transformar o espaço de sala de aula em uma obra-aula, é chamada de profartistar. Uma artista-pesquisadora-professora que se constitui enquanto artista em seu processo de formação, que torna a docência sua própria arte. Uma artista-pesquisadora-professora de sua obra-aula, artista-pesquisadora-professora de uma docência artística, que busca tocar, afetar, trocar vivências e experiências, que visa proporcionar uma educação mais sensível aos corpos engessados pelos modos de vida contemporâneos, que busca transformar a consciência dos seres diante de questões artísticas e educativas, mas também sensíveis, políticas, sociais, culturais, etc.

A tese de doutorado intitulada Arte e Potencialização de Sentidos: Atravessamentos no Ensino (2020), de Fabricio Agostinho Bagatini (Licenciado em História), dentro da instituição Função do Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (FUVATES), permeia esta escrita identificada em seu resumo, pois a tese na íntegra não possui sua divulgação autorizada na

Plataforma Sucupira. O autor evidencia a importância da arte atrelada às práticas pedagógicas, assim:

[...] considerando os resultados alcançados, é possível afirmar que esta tese comprovou que a arte pode e deve se fazer presente na práxis pedagógica, pois potencializa sentidos e permite olhares outros, diferentes dos existentes até então. A arte nos leva a pensar os inexistentes, à compreensão de quem somos e do meio no qual estamos inseridos. Ela permite que sejamos críticos, questionadores. Ela nos desafia a enfrentar nossos medos, a demonstrar os sentimentos que mantemos, muitas vezes, guardados em nosso ser. Enfim, no momento em que há uma experiência com a arte e a partir dela, há o processo criativo, há a possibilidade de **olhicriar**, há apropriação e potencialização de sentidos.

Porém através do resumo podemos perceber que é importante mencioná-la pelo conteúdo (tema), mas também por conta do termo “olhicriar” aparecer somente nesta pesquisa em específico dentro do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O “olhicriar” é um termo específico da pesquisa citada acima, assim como o “profartista” é um termo específico desta dissertação em construção.

No acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foi feita uma pesquisa com o seguinte assunto na barra de busca: A/R/Tografia e formação de professores de artes. Foi obtido como resultado da busca uma Tese do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, defendida em 2019 e intitulada: “Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas”, da autora Daniele de Sá Alves. Assim, para ela:

A tese tem como objeto de estudo a questão da experiência da arte, da experiência em arte e da experiência com a arte na formação de professores apostando na sua força para o aprendizado significativo em processos de pesquisa, criação e docência no âmbito das licenciaturas em artes visuais. O desenvolvimento da investigação acontece por vias que se entrecruzam, a primeira mergulha no conceito de experiência e sua potência no contexto da arte e da educação. A segunda encontra caminhos possíveis entre as metodologias e abordagens contemporâneas de ensino para a formação docente em artes visuais, destacando aquelas que contemplam a experiência da arte a partir dos saberes e fazeres próprios das identidades do professor, do pesquisador e do artista (Alves, 2019, p. 10).

Logo este estudo nos ajuda a perceber ainda mais a importância deste tema de pesquisa, penetrando no cerne desta dissertação, por meio da abordagem temática e metodológica. A A/R/Tografia no trabalho da autora aparece unida à Cartografia, permitindo outras tramas e possibilidades.

Nesta pesquisa a A/R/Tografia irá aparecer dando forma e abrindo espaço para novos caminhos e novas possibilidades para seguir tecendo uma pesquisa educacional baseada em arte. Outro ponto importante de ser destacado é que a autora Daniele Alves, também experimenta um modo autoral de ser docente através do seu próprio processo de formação, assim como nesta pesquisa.

Já em 2023, em uma pesquisa feita no google acadêmico, foi possível garimpar alguns trabalhos, e por meio da leitura do resumo dos textos, foi possível selecionar mais pesquisas desenvolvidas que atravessam este tema e que também são de grande importância para os estudos em arte, formação e educação. Destaco duas pesquisas de grande relevância para a construção do conceito profartista e para meu processo de formação docente em arte. A primeira, uma tese de doutorado do Programa Educação, Arte e História da Cultura, do Instituto Presbiteriano Mackenzie, orientada por Mirian Celeste Martins e intitulada “Formação docente e a potência das imagens como pensamento”, de autoria de Mario Fernandes Ramires.

Esta pesquisa engloba em suas palavras-chave a formação docente e a A/R/Tografia. Duas palavras importantes também, dentro deste trabalho. A escrita de Ramires é voltada para a questão de que, o uso das imagens em cursos de Pedagogia, ainda hoje são utilizadas de maneira pouco ou nada críticas, como meras ilustrações do texto que as acompanham. O autor da área da Pedagogia considera que as imagens são potência para pensar, produzir sentido e conhecimento. Neste trabalho, também acredito que as imagens são potência, mas vou além, e então, penso o espaço da sala de aula, um lugar onde o conhecimento vai sendo construído, através dos sentidos e significados que vão surgindo do contato com a arte, com as experiências e com a troca de vivências (e não só a partir da potência das imagens).

A segunda, um artigo publicado na Revista Palíndromo, também em 2023, de autoria de Silvia Sell Duarte Pillotto, Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon e Rita de Cássia Fraga da Costa, intitulado “A pesquisa A/R/Tográfica no território da pedagogia e das sensibilidades. Neste artigo as autoras trabalham com o objetivo de pensar a metodologia A/r/tográfica no contexto de um curso de Pedagogia, e é de grande importância destacar esta pesquisa, pois se trata de uma metodologia educacional baseada em arte, que se desloca do campo da arte e adentra em um outro campo de possibilidades. Foram desenvolvidas

“Oficinas Estéticas”, visando proporcionar a partilha de experiências com os acadêmicos em Pedagogia. As autoras ainda colocam que o que as moveu a pesquisar tal tema

[...] foi o entendimento de que em um processo formativo, as narrativas nos educam e nos movem a (re)inventar o já inventado. A arte em sua amplitude e complexidade possibilita a apropriação da realidade e a nossa potência imaginária (Costa; Pillotto; Strapazzon, 2023, p.32).

Podemos destacar a importância da arte atrelada a outros campos do saber, como sendo uma área que nos possibilita imaginar e dar vida a outros tipos de pensamento por meio de sua potencialidade artística e sensível, mas ao mesmo tempo crítica e reflexiva.

Estas foram algumas das pesquisas garimpadas nos acervos acadêmicos de pesquisa. São trabalhos que se conectam e auxiliam a construir o conceito profartistar, por meio de seus posicionamentos críticos e de suas referências bibliográficas, através dos relatos de experiência e de um conhecimento que se constrói e se faz aos poucos.

3.2. PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Perante da imensa gama de possibilidades de se trabalhar com o ensino de artes visuais, atrelado à educação, foi pensado um conceito autoral que desse conta de abordar a prática do professor de artes visuais em sala de aula como sendo sua própria expressão artística, pois partilha com os educandos sobre a arte, mas também sobre a vida. Um conceito que envolve o corpo artista-pesquisadora-professora-pesquisadora, mas também os corpos em formação, os corpos dos aprendentes. A própria ação de uma A/R/Tógrafa em sala de aula: Um profartistar que abraça todos os profissionais em arte que não possuem de fato uma produção artística reconhecida pelos grandes âmbitos da arte, mas que se dedicam ao ensino de/sobre arte como sendo a sua própria obra. Um profartistar que se desdobra em uma proposição pedagógica para o ensino de artes visuais na formação de professores, podendo se estender a outros espaços educativos, como mais uma possibilidade de trabalhar com este ensino. Não como uma receita de bolo (em que só repetimos o que já está dado), mas sim como mais uma possibilidade de experimentar, uma proposta que dá autonomia

ao professor para criar a partir dos princípios orientadores da proposta em questão.

Com base no conceito profartistar, desenvolvido enquanto caminhamos em busca do que pode a experiência estética quando atravessa os corpos discentes/docente, ou seja, quando atravessa os estudantes de artes visuais que no futuro atuarão como professores, indo em direção ao meu próprio corpo. Apresentarei uma proposição pedagógica para o ensino das artes visuais – e até mesmo para o ensino de temáticas que permeiam o campo da arte e da educação - nos diferentes ambientes educativos. Para realizar esta proposição pedagógica é importante destacar que ela se constrói a partir de três *tesselas* (*peças de mosaico* – *Figura 17*) que ao se conectarem contribuem para colocar em prática o conceito profartistar.



Figura 17. O que são tesselas?
Acervo da autora, 2023.



Figura 18. Rascunho de como seriam as tesselas base da proposição pedagógica. Acervo da autora, 2023.

Essas tesselas (Figuras 18, 19 e 20) são necessárias para que a metodologia possa fluir de maneira intrínseca por meio da vida, da arte e da educação: (1) corpos em formação que no futuro irão formar outros corpos; (2) formação sensível de professores em artes visuais ; (3) aulas com foco em um apreender para a vida e não só para atuar no mercado de trabalho, com discussões e práticas que sejam significativas e contextualizadas, visando proporcionar experiências de caráter estético, para potencializar outros modos de ser/estar/atuar/pensar/resistir no mundo em que vivemos.



Figura 19. Tesselas de um profartistar.
Acervo da autora, 2023.



Figura 20. Tesselas de um profartistar.
Acervo da autora, 2023.

Tessela 1: Corpos em processo de formação – Esta tessela é a base para que a proposição pedagógica seja possível de acontecer, pois são nestes corpos que estão em formação que a experiência estética acontecerá, e dos mesmos corpos então, será possível extrair e construir um conhecimento singular e coletivo. Coletivo, pois experienciamos juntos. Singular, pois cada um dos corpos experiencia e sente de maneira diferente e única.

Tessela 2: Formação sensível de professores em artes visuais – Esta tessela está relacionada e atravessa as demais, pois formar corpos sensíveis que no futuro irão formar outros corpos (1), utilizando uma abordagem em sala de aula que está focada em um apreender para a vida (3) e não somente para o mercado de trabalho, é de suma importância dentro do âmbito das artes e da educação.

Tessela 3: Aulas potência, experiências estéticas (experimental, vivenciar) – Essa tessela também se relaciona e atravessa as demais. Corpos formadores em formação (1) estão vivos e experimentando a vida o tempo inteiro. Que essa experiência e formação sensível em artes visuais (2), seja aquilo que potencializa os corpos dos aprendentes para uma aprendizagem mais sensível, crítica e significativa.

Essas tesselas são importantes para guiar a proposição pedagógica em busca de uma formação mais sensível e potente dentro do âmbito das artes, mais precisamente das artes visuais. Potencializar a vida, a arte, o corpo. Aproximar a arte de nossas vidas, perceber que ela se encontra também em nosso cotidiano. Aflorar o olhar para outras perspectivas, despertar a potência de criação. Um exemplo disso é quando caminhamos pela rua, ou então quando estamos exercendo ou vivenciando qualquer atividade cotidiana e parece que “do nada” nos vem uma ideia de criação em mente, um *insight* (que significa percepção). Estamos começando a perceber de outras maneiras, por outros olhares. Um desenho, um poema, uma rima, uma escrita, uma colagem, ou qualquer tipo de expressão artística pode surgir nos corpos dos educandos a qualquer momento. Que as aulas sejam esses momentos de potência que impulsionam a criação. Que a própria ação pedagógica, artística e expressiva em sala de aula, aqui chamada de profartistar, consiga tocar nos corpos em

formação, disparando experiências de caráter estético, que envolvam arte, vida e educação. Experiências, trocas e vivências. Construir um conhecimento, um saber sensível, consciente e aberto a diferentes possibilidades. Uma construção que vai se fazendo aos poucos, que vai se formando e se transformando, que potencializa e valoriza a vida, a arte e a educação. Que seja possível formar seres mais conscientes e preparados para viver e enfrentar o caos da sociedade contemporânea.

É preciso que o professor saiba passear no caos, ou antes, flunar. O conteudismo desenfreado, o frenesi enérgico em lançar matérias no quadro, em encher cadernos e cabeças com regras gramaticais que logo serão esquecidas, esvazia as almas, expulsa a vida e o devir da sala de aula. Mata o pensamento porque não produz afeto, apenas repetição estéril e histórica (Mendes; 2019; p.137).

Assim como afirma Sávio Mendes (2019), na citação acima, quando diz que o conteudismo desenfreado expulsa a vida e o devir da sala de aula, ou seja, apenas reproduzir aquilo que já está dado, não irá produzir afeto e potência, duas características que estão presentes quando a experiência estética acontece. É preciso que os professores de artes em geral (ou de qualquer área) sejam potencializadores, e não apenas transmissores de conteúdos. De acordo com Freire (2006), o professor-reflexivo é capaz de pensar sobre sua prática, sobre sua interação com os alunos, e não apenas transmitir conteúdos. Esta ideia de professor transmissor de conteúdos acontece com a Lei de Diretrizes e Bases (lei nº 5.692/1971), e se transforma quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei n.º 9.394/1996) entra em vigor. A partir daí, a concepção é de um professor que propõe e reflete sobre sua prática, ou seja, aquele que propõe a construção do conhecimento no coletivo, de forma crítica e reflexiva, em um contexto onde diálogo e interação se fazem presentes.

Podemos então dizer que o conteudismo, além de expulsar a vida e o devir da sala de aula, também não potencializa experiências estéticas, que são de suma importância para a formação docente em artes visuais.

A partir destas colocações é importante que a aula seja composta por momentos distintos, mas que se encaixam e se conectam como as tesselas de um mosaico. Logo, as aulas são estruturadas em:

- 1- Momento de escutar, de trocar;
- 2- Momento de experienciar, de criar; de trocar;
- 3- Momento de discutir, de trocar.

Na primeira parte da aula temos um momento de escuta, mas também de trocas. Este momento é quando a artista-pesquisadora-professora apresenta o tema a ser trabalhado e lança provocações elaborando signos (semiótica¹¹), ou seja, sempre tentando atravessar a vida, a arte, a educação, o sensível, entre outros âmbitos. É um momento de escuta, mas também de trocas, pois os alunos também são convidados e provocados a fazer colocações e questionamentos sobre o tema que está sendo trabalhado em sala de aula. Desde o primeiro momento já se busca o envolvimento dos alunos perante o tema desenvolvido, visando também que eles estejam abertos para experienciar e vivenciar experiências estéticas.

Na segunda parte da aula, temos o momento de experienciar, de criar. Um momento de viver uma experiência singular, porém pensando também na troca que temos no coletivo, pois experienciamos de maneiras únicas, mas estamos vivendo uma experiência compartilhada. Esse é um momento em que o estado de abertura e de bisbilhote deve ser ainda mais aguçado, possibilitando que uma experiência de caráter estético atravesse os corpos aprendentes.

Na terceira parte da aula temos o último momento, que visa discussão e trocas. Esta parte final visa revisitar os acontecimentos desde o início da aula, buscando fazer atravessamentos e reflexões sobre os temas desenvolvidos e ligações com diversas esferas da vida. Nessa última parte também é importante lançar provocações e questionamentos que sejam pertinentes, e que venham a potencializar ainda mais os corpos em formação. No coletivo discutimos e experienciamos, vivenciamos e criamos. A arte e a educação nos conectam por meio de um profartista docente.

Objetivo Geral da proposição pedagógica:

- Contribuir para uma formação mais humana e mais sensível, de professores em artes visuais, focando em aulas expositivas e práticas pedagógicas que

¹¹ Semiótica é o estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais. Os objetos de estudo da semiótica são extremamente amplos, consistindo em qualquer tipo de signo social, por exemplo, seja no âmbito das artes visuais, música, cinema, fotografia, gestos, religião, moda, etc. < <https://www.significados.com.br/semiوتica> >.

proporcionem experiências de caráter estético, a partir de um profartista que visa formar e transformar os corpos em formação.

Objetivos Específicos da proposição pedagógica:

- Despertar novas maneiras de pensamento por meio da arte, visando a importância de inventar outras maneiras de ser professor, mas também de ser/estar/atuar no mundo em que vivemos;
- Construir a ideia de que o espaço da sala de aula é um espaço de afetos, de partilha, de criação e de construção do conhecimento, e não um espaço de transmissão de conteúdos;
- Aproximar nossas vidas da produção e do ensino de arte, visando abrir possibilidades para a criação pedagógica, mas também artística;
- Educar os corpos em formação a partir de experiências de caráter estético que envolvam a arte, a educação, o sensível, a cultura e o mundo em que vivemos.

É preciso ir diretamente no cerne da formação para que seja possível acessar os ambientes educacionais e proporcionar mudanças nos espaços da sala de aula, transformar este espaço, fazer este espaço acontecer. Mirian Celeste Martins nos apresenta o conceito de professor-propositor, sendo ele um conceito que atravessa esta pesquisa e o modo de fazer em sala de aula:

Por acreditar na inventividade do educador e no seu olhar dirigido especialmente para os aprendizes que tem à sua frente na sua sala de aula, sejam crianças, jovens, adultos, professores em contínua formação, que ousamos ser também propositores. Não com um rol de atividades a serem seguidas, como numa sequência pré-estabelecida. Ao contrário, as proposições que oferecemos são como provocação ao olhar-pensar dos professores, por isso mesmo são muitas, diversas, complementares ou opostas, inusitadas ou velhas conhecidas, como um acervo de virtualidades, como proposições que alimentem as escolhas, as transformações, as investigações em campos conhecidos ou a conhecer, que convoquem para a inventividade e o contágio com a arte (Martins, 2005, p.4).

Uma proposição participativa dos estudantes nos processos artísticos e pedagógicos em sala de aula, fazendo com que os eles passem a significar os conteúdos, as discussões e práticas artísticas experimentadas. A partir daí surgem atravessamentos e conexões com suas vidas, e assim a aula passa a fazer sentido. Uma artista-pesquisadora-professora que abre possibilidades para tais acontecimentos, experiências e vivências. A participação ativa dos

estudantes pode provocar a transformação de olhares, de pensamentos, de perspectivas, tomando o ser por inteiro.

Quando trabalhamos com professores em formação é preciso disparar o interesse e contagiá-los pela arte e pela docência, por meio de experiências artísticas e estéticas, a partir da história da arte, de obras de arte, mas também a partir das vivências, da cotidianidade, respeitando o contexto e a visão de mundo de cada um dos educandos, mostrando a importância de valorizar as diferentes culturas e cotidianidades.

Acredito que há algo que nos move. Por meio de um envolvimento sensível e de uma postura aberta (atitude estética como coloca Marcos Vilella Pereira) é possível fazer conexões com os educandos através de suas vivências e experiências, e atravessar tudo isso com os conteúdos e temas a serem trabalhados em sala de aula. É importante mostrar aos alunos que a arte está mais perto de nós do que imaginamos, que ela não está fechada nas paredes dos museus, mas está imersa em nosso cotidiano e em nossas vidas. Naquilo que nos toca, nos afeta e nos toma por inteiro, que faz com que seja possível a criação de novas maneiras de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos. Que faz com que algo nos forme, mas também nos transforme. Que faz com que a gente estremeça aquilo que temos como verdade e que nos faça colocar em dúvida a nossa própria maneira de pensar, os modelos pré-estabelecidos e os pensamentos enraizados na sociedade. Que assim como nos diz Corazza (2011, p.15) “hoje, educar, por meio de certezas e de verdades verdadeiramente verdadeiras, não pode mais ser considerado educar”. Uma educação sensível, crítica e reflexiva, que nos faça questionar e problematizar sobre diversas questões, sendo elas políticas, sociais, culturais e ambientais, por exemplo, visando uma formação para a vida que não cessa. Que seja possível, dentro de um curso de formação de professores em artes visuais, formar, mas também transformar. Transformar para resistir. Fazer arte (dentro ou fora dos ambientes educativos) é também um modo de resistir. Formar para a vida e para a docência em arte um ser mais sensível e mais consciente sobre as questões mundanas. Um ser que esteja aberto à transformação, que questione, que problematize, e se posicione com criticidade.



4. Profartistando: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS BASEADAS EM ARTE NO ESTÁGIO DOCENTE

4. Profartistando: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS BASEADAS EM ARTE DURANTE O ESTÁGIO DOCENTE

A A/R/Tografia me proporcionou vivenciar um processo entre ser artista-pesquisadora-professora em um emaranhado que se conecta e funciona junto. Ao ensinar faço pesquisa e ao fazer pesquisa me reconheço como artista. Artista de minha própria prática docente, artista do meu próprio processo de formação. Esse foi um processo de formação, mas também de transformação.

O profartistar busca a composição de uma docência poética que vai ao encontro de uma construção coletiva do conhecimento, e que envolve trocas de vivências e experiências que transbordam, que vão além do espaço acadêmico. A sala de aula como um espaço de potência de vida, de poetizar, mas também de ressignificar a realidade, olhando por outras perspectivas. Assim, o conceito acontece e funciona por meio das experimentações e proposições desenvolvidas e conectadas aos conteúdos do ensino de arte, sempre refletindo e atravessando-os com as diversas esferas da vida. Estas possibilidades de fazer com arte, transformam o espaço educativo e despertam a potência de criação dos educandos, associada aos significados e aos sentidos que são despertados a partir das vivências subjetivas de cada um deles.

Esta ação/conceito foi introduzida em meu estágio docente logo no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, para que o sensível pudesse ser despertado. Sensibilizar os corpos em formação para que fosse possível refletir sobre o ser professor, sobre a importância das experiências estéticas na sala de aula e também sobre arte contemporânea (entre outros assuntos abordados). Tudo isso para que no futuro, os estudantes atuem nos diferentes níveis educacionais com um olhar mais sensível, mas também mais crítico. Para que possam ter uma visão ampla e integral sobre a arte, sobre os diversos assuntos que atravessam este campo, e que intervêm nos modos de vida contemporâneos, ou seja, sensibilizá-los para os caminhos que ainda serão percorridos dentro da universidade e fora dela.

O profartistar então, pode ser (pode ser muitas coisas, pois é aberto) uma ação que visa despertar potência de vida, por meio do ensino de arte, por meio da criação e da criticidade. Refletir e problematizar sobre os diferentes modos de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos, formando assim

professores de arte mais sensíveis, críticos, refletivos e abertos à transformação: tanto de sua prática, como também pessoal.

A aliança entre as ações de artistar, pesquisar e professorar, que integram a metodologia A/R/Tográfica também integram o ser (professor-artista-pesquisador) que profartistará no espaço da sala de aula. Logo, “Pesquisa, docência e experiência estética podem se imbricar de tal forma que se torna impossível dizer onde começa uma e termina outra (Tourinho, 2013, p.64)”.

Prática de pesquisa educacional baseada em arte (PEBA) são grandes potencializadoras de seres em formação, que enxergam a arte como potência para a construção de conhecimentos e saberes que vão além do ensino da arte e da sala de aula. Dias (2013, p.26) complementa esta ideia dizendo que PEBA são:

[...] excelentes possibilidades de envolver alunos, professores e pesquisadores em comunidades de práticas com grande potencial de beneficiar suas vidas acadêmicas ao ressaltar a arte como espaço, objeto e sujeito construtor de conhecimentos e saberes tanto para o campo das artes quanto para a área educacional.

A A/R/Tografia nos possibilita transitar e fazer funcionar a relação entre arte, pesquisa e educação. No processo de construção e criação desta pesquisa, transitei entre o artistar, o pesquisar e o educar. Enquanto escrevia produzia arte e também práticas pedagógicas que aconteceram no estágio docente. A conexão se faz ainda mais visível e presente com o andamento dos encontros (aulas), onde exploramos temas ligados à arte e à educação. Enquanto me desloco como pesquisadora, produzo uma série de mosaicos (produção + intervenções urbanas¹²) e trabalho essa poética em sala de aula, ou seja, a relação entre artista-pesquisadora-professora se faz sempre presente. Essa relação se dobra e se desdobra durante todo o processo, se fazendo presente nas vivências e experiências, mas também viva nas discussões do mundo que criamos e experienciamos em sala de aula. Os resultados que serão apresentados adiante podemos perceber ainda mais o envolvimento dos alunos

¹² Intervenção Urbana é o conceito usado para designar uma manifestação da arte contemporânea realizada em espaços públicos, com o objetivo de questionar e transformar a vida urbana cotidiana e envolver, geralmente, os transeuntes como seres ativos e participantes da obra de arte (Rocha; Moraes, 2019, p. 110).

com a minha produção, com as próprias produções e com os conteúdos desenvolvidos durante nossos encontros.

A experiência estética atravessou também o meu corpo e inseriu marcas em minha pele. Me transformou como profartista de uma educação sensível e estética. A/R/Tografando pude me perceber como artista de minha própria pesquisa, artista de minha docência, que se faz única, pois somos seres únicos. Ao fazer pesquisa me percebo como artista de minha própria prática, tanto na docência como no mundo da arte – um profartista. Os mosaicos que envolvem a pesquisa, se deslocaram para fora dela, adentrando em diversos mundos, e podendo afetar diversos corpos.

Começando pela produção artesanal dos diários de bordo e do carimbo (também artesanal) que foi utilizado como uma assinatura. Surgiu então o mosaico de azulejos colorido e também o mosaico de espelhos, cada um carregando seu sentido e significado (mas que podem ser transformados de acordo com a pessoa que interagir com eles). Os mosaicos se desdobraram em intervenções na cidade, e invadiram também as calçadas do Centro de Artes, a partir da atividade desenvolvida com as turmas no estágio docente.

Enquanto produzo arte, também produzo uma docência profartista. Esta práxis aconteceu em minha atuação no estágio docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPel, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais. Abaixo podemos visualizar (Figuras 21 e 22), a ementa, os objetivos geral, específicos e também os conteúdos que devem ser desenvolvidos durante o semestre.

Ementa: Pressupostos teórico-metodológicos da arte e da educação. A formação docente como exercício de auto-formação. Tendências pedagógicas e estéticas no ensino da arte: imbricações e consequências da visualidade contemporânea. O ensino da arte no currículo escolar: legislação e prática.

Objetivo geral: Possibilitar aos discentes do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura a construção de um conhecimento crítico sobre o trabalho docente e o ensino das Artes Visuais, contextualizando os processos de ensino-aprendizagem.

Objetivos específicos: Estimular a reflexão crítica sobre o ser professor/a como um exercício de formação experiencial;

Estudar os pressupostos teórico-metodológicos da Arte e da Educação, analisando objetivos, conteúdos e os processos de ensinar e aprender arte;

Identificar e discutir as relações entre Arte, Cultura e Sociedade, refletindo criticamente sobre as relações entre linguagem e ideologia, privilegiando o viés da Arte/Educação Ambiental;

Estimular o posicionamento crítico acerca da formação docente em Artes Visuais, a problemática da arte e seu ensino na realidade educacional brasileira.

CONTEÚDOS

UNIDADE I

1. O trabalho docente e as práticas pedagógicas em Artes;
2. Arte, Cultura e Sociedade: relações e implicações na/da produção cultural contemporânea;

UNIDADE II

3. Arte e Educação: inter-relações, conceitos e terminologias;
4. Arte como área do conhecimento: concepção de conhecimento, conhecimento acadêmico e saber cultural;

UNIDADE III

5. Histórico do ensino da Arte no Brasil e suas perspectivas: tendências pedagógicas e estéticas.
6. A Arte no currículo escolar: conteúdos, objetivos e legislação.
7. Escrita de ensaio autobiográfico.

Figuras 21 e 22. Estrutura da disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais. Acervo da autora.

A partir da estrutura da disciplina, pude construir aulas/encontro (5) que atravessassem os conteúdos e os objetivos, mas que também fizessem sentido e gerassem significado para os educandos. Então, foi possível transformar a sala de aula em um espaço onde a experiência estética se fez presente. Não em todos os momentos, não em todas as aulas, mas principalmente quando o fazer e a teoria caminharam juntos. Quando a abordagem está ao alcance das referências de vida que eles carregam, quando os temas abordados invadem seus corpos e inscrevem marcas, algo que podemos perceber como os registros e relatos feitos nos diários de bordo das turmas. Registros são marcas. Registramos aquilo que nos atravessa de alguma maneira.

Procuro desenvolver, construir, significar e se for preciso ressignificar uma práxis profartista que vai além dos “muros da universidade”, e que consegue alcançar memórias, afetos, fazer sentir e fazer sentido.

Um fazer pedagógico, mas também artístico, onde a artista-pesquisadora-professora produz, e também vive suas aulas como sendo sua própria expressão artística, visando que os estudantes vivenciem experiências de caráter estético, em um espaço educativo que pode transforma-se em um espaço do acontecer.

Ao profartistar, produzo enquanto professora/pesquisadora, mas também enquanto artista. O processo de ser A/R/Tógrafa se desdobrou também em intervenções que fiz no bairro onde moro e também no centro da cidade, comecei então, a explorar outras possibilidades e outros lugares a partir destas intervenções.

Procurei um espaço no calçadão da Praia do Laranjal, na Cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde resido em que pudesse intervir com o mosaico. Um grande significado para mim como artista, mas também como habitante pertencente a este espaço. Deixei minha marca, a partir de uma experiência que reverbera em meu corpo há aproximadamente um ano, desde que passei pelo processo de qualificação desta dissertação, algo que me abriu um mundo de significados e possibilidades.

O mosaico na praia (Figura 23) envolve arte, vida e experiência, está entre... arte pela técnica e significado, experiência pela ação do fazer artístico, experiência estética e vida, pois ali circulam vidas, diversos cotidianos.

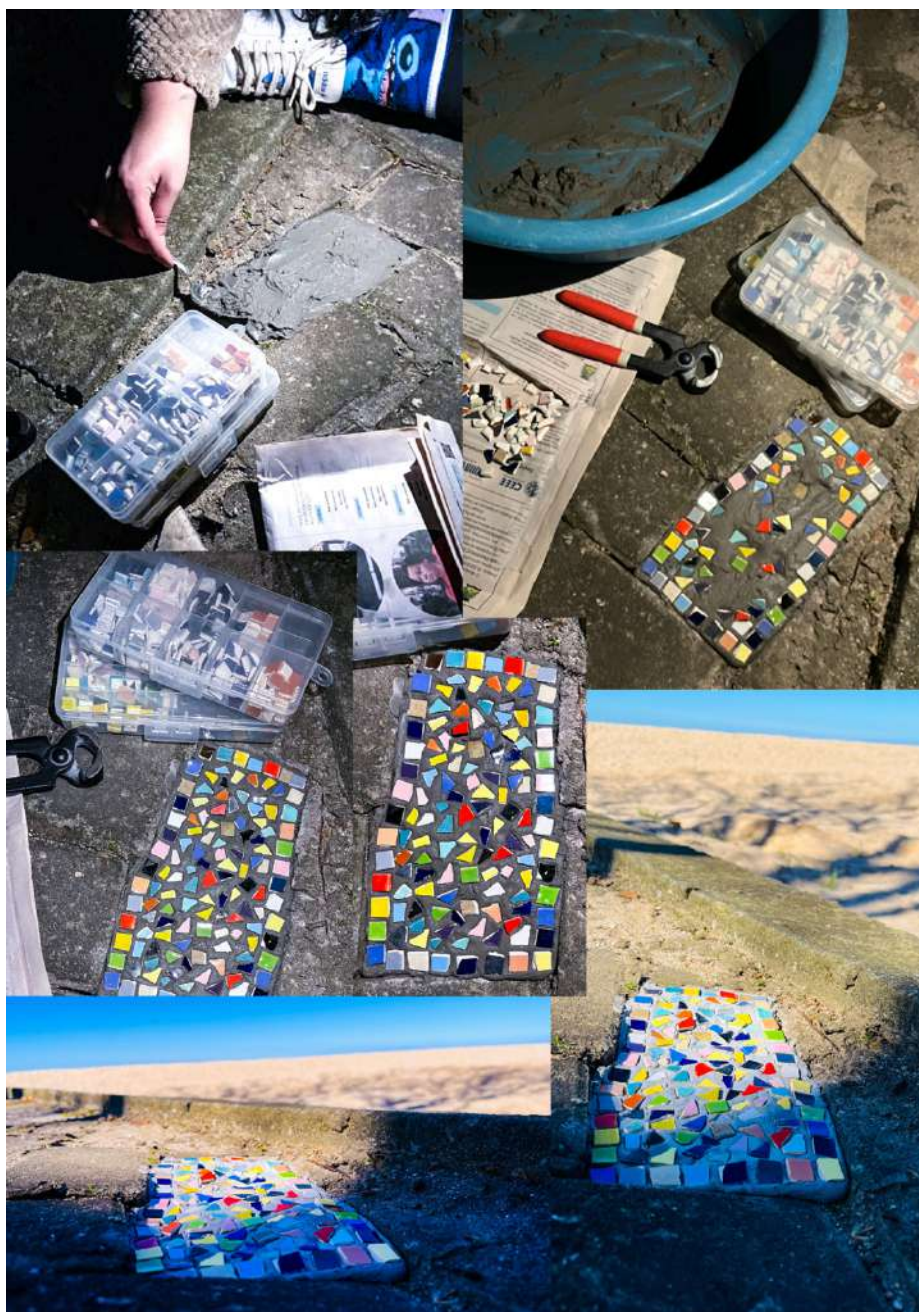


Figura 23. Mosaico Intervenção na Praia do Laranjal, em Pelotas/RS. Acervo da autora, 2024.

Ao preparar o material para a construção de mais um mosaico na cidade (Figura 24), lembrei do meu avô, e logo me vieram as histórias que ele me contava sobre a Praça Coronel Pedro Osório, que está localizada no centro da cidade de Pelotas (município onde habito). Então as conexões me levaram a construir este mosaico exatamente neste local. Mais uma vez revisei a infância, algo que me potencializa a criar, a inventar e devanear. Esta intervenção foi criada enquanto o estágio docente na graduação acontecia, ou seja, estava

totalmente imbricada em minha prática profartista, onde então o conceito potencializou as aulas, mas também, criações e intervenções artísticas.



Figura 24. Mosaico Intervenção na Praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas/RS. Acervo da autora, 2024.

Neste momento da escrita, acredito ser pertinente, fazer uma pequena passagem por este acontecido: Durante o andar trans(formador) desta pesquisa, me deparei com uma postagem no Instagram (Figura 25), em que uma ex-colega de graduação e uma das alunas que conheci no estágio docente do mestrado, marcaram meu @ (arroba). A postagem era a seguinte:

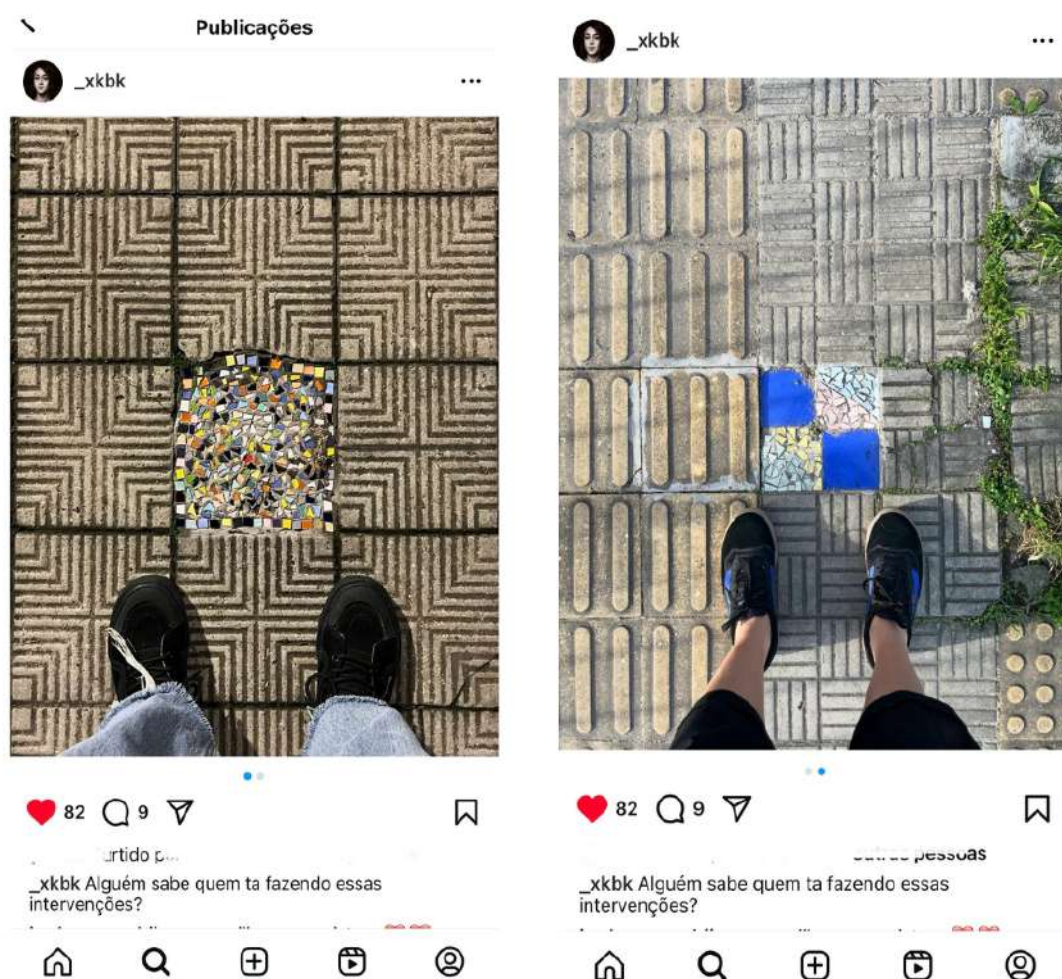


Figura 25. Alguém sabe quem tá fazendo essas intervenções? Postagem no Instagram da @_xkbk. Foto e identificação autorizadas. Arquivo do Instagram, 2024.

As intervenções dos mosaicos começam a sensibilizar o olhar e a percepção dos caminhantes que se deslocam pelo espaço da cidade de Pelotas. Então, as pequenas tesselas em conjunto, começam a reverberar nos cotidianos. Intervenções que adentram em corpos aleatórios que transitam por esses espaços. A arte como intervenção urbana, se aproxima da vida cotidiana, abrindo possibilidades para o contato com públicos diversos. Proporciona a este público e ao artista, a abertura para a ressignificação do local, que é transformado por tal ação.

Ao instalar a obra em espaço público, o artista tem uma nova relação com a própria fruição da mesma, pois, ao contrário do espaço da galeria ou do museu, onde o espectador está preparado para se relacionar com a arte, nas ruas, a arte se impõe como uma experiência, muitas vezes inesperada [...] (Silva, 2012, p.215).

O artista acaba tendo nova relação com o espaço, o que também gera a sensação de pertencimento ao local. Essa ideia se encaixa tanto para o meu processo como profartista, como também para a intervenção com mosaicos que os alunos fizeram nas calçadas em volta do Centro de Artes/UFPel. Mais adiante, poderemos perceber o sentimento de pertença nos registros que compõem os diários de bordo das turmas.

Experiências que acontecem por meio da arte, fora dos ambientes educacionais. Considero importante trazer o olhar da expectadora, que fica curiosa e atenta à produção dos mosaicos, pois o processo educativo também acontece por meio desta curiosidade. Mas também preciso dizer que foi gratificante que esta intervenção tenha tocado pelo menos uma pessoa – entre outros corpos que também podem ter sido provocados, mas que ainda não cruzaram meu caminho. Um dos mosaicos está localizado no centro da cidade de Pelotas, e o outro no bairro Porto, e é um dos quais construí com as turmas no estágio docente. Afecções manifestaram-se.

A experiência estética também atravessou meu corpo. Ao me deslocar como A/R/Tógrafa, experienciei, vivi e senti, atravessamentos diversos atingindo meu corpo, me potencializando a criar. Basta percorrermos esta escrita e perceber que a produção foi se expandindo desta dissertação para as calçadas da cidade.

4.1. Profartistando A DOCÊNCIA EM ARTES: PERCEPÇÕES A/R/Tográficas

O melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo por meio de hábitos cristalizados, mas o que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados. (...) Aprender é, antes de tudo, ser capaz de problematizar, ser sensível às variações materiais que têm lugar em nossa cognição presente.

Virgínia Kastrup (1999, p. 152-153).

Tive contato com as turmas logo no início do semestre (2024-1), porém as aulas que ministrei começaram depois do primeiro mês de aulas, pois nesse período a professora titular, fez uma introdução à disciplina. Logo que comecei a lecionar, e nos encontrávamos uma vez por semana, por um tempo de aproximadamente uma hora e trinta minutos (sempre há os contratempos).

Tivemos uma conversa inicial onde expliquei que este estágio docente teria atividades em sala de aula, e que estas, seriam dados para minha pesquisa de mestrado, e que iria precisar de autorização deles para poder utilizá-los. Os convidei a se colocarem em um estado de abertura para o desconhecido, para experimentar. Os alunos também precisam estar dispostos e abertos para adentrar no universo da arte. Precisavam se dispor a experienciar e a vivenciar de outras maneiras, precisavam estar abertos à fazer novas descobertas, inventar outros modos de ser/estar/pensar/atuar no mundo em que vivemos.

Na primeira aula (1) que ministrei, apresentei todo o processo criativo da minha dissertação. Apresentei a metodologia A/R/Tográfica, e também sobre como faço atravessamentos entre os mosaicos, a educação, a arte e a vida. Expliquei que penso o mosaico como se cada tessela fosse um de nós, como se cada pedacinho de azulejo fosse um mundo, e que em conexão somos capazes de construir um mundo nosso, pois “aprender não é adaptar-se a um meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a criação do próprio mundo (Kastrup, 2001, p 21). Construção de um conhecimento coletivo, que vai sendo tecido e construído aula por aula, a cada encontro. Elucidei também, como me inspiro nesta metodologia para fazer nascer um “profartista”, conceito que

proponho e desenvolvo nesta pesquisa. Para Irwin (2013, p.28) a “A A/R/Tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais. Fui A/R/Tógrafa, mas também fiz com que eles se aproximassem deste lugar, a partir das próprias representações artísticas e textuais que aparecem nos diários de bordo das turmas.

Nesta aula (Figura 26), distribuí os Diários de Bordo que construí artesanalmente para todos os alunos, pensando em criar um elo, criar uma conexão maior com os estudantes, afinal eles ganharam um pedacinho da produção que desenvolvi para esta dissertação. Ao final da parte expositivo-dialogada os convidei a interagir com a produção que estava disposta em cima das mesas da sala. As duas turmas demonstraram bastante interesse pelos materiais, pelo meu diário pessoal e pelas obras em si. A interação aconteceu. A experiência já latejava em seus corpos. Eles registraram os mosaicos, algumas páginas dos meus diários de bordo, tiraram fotos no mosaico de espelhos, fizeram publicações nas redes sociais (Instagram) pessoais, com fotos tiradas neste encontro. Novamente afirmo: registramos aquilo que nos atravessa, que nos toca de alguma maneira, aquilo que significa algo para nós.

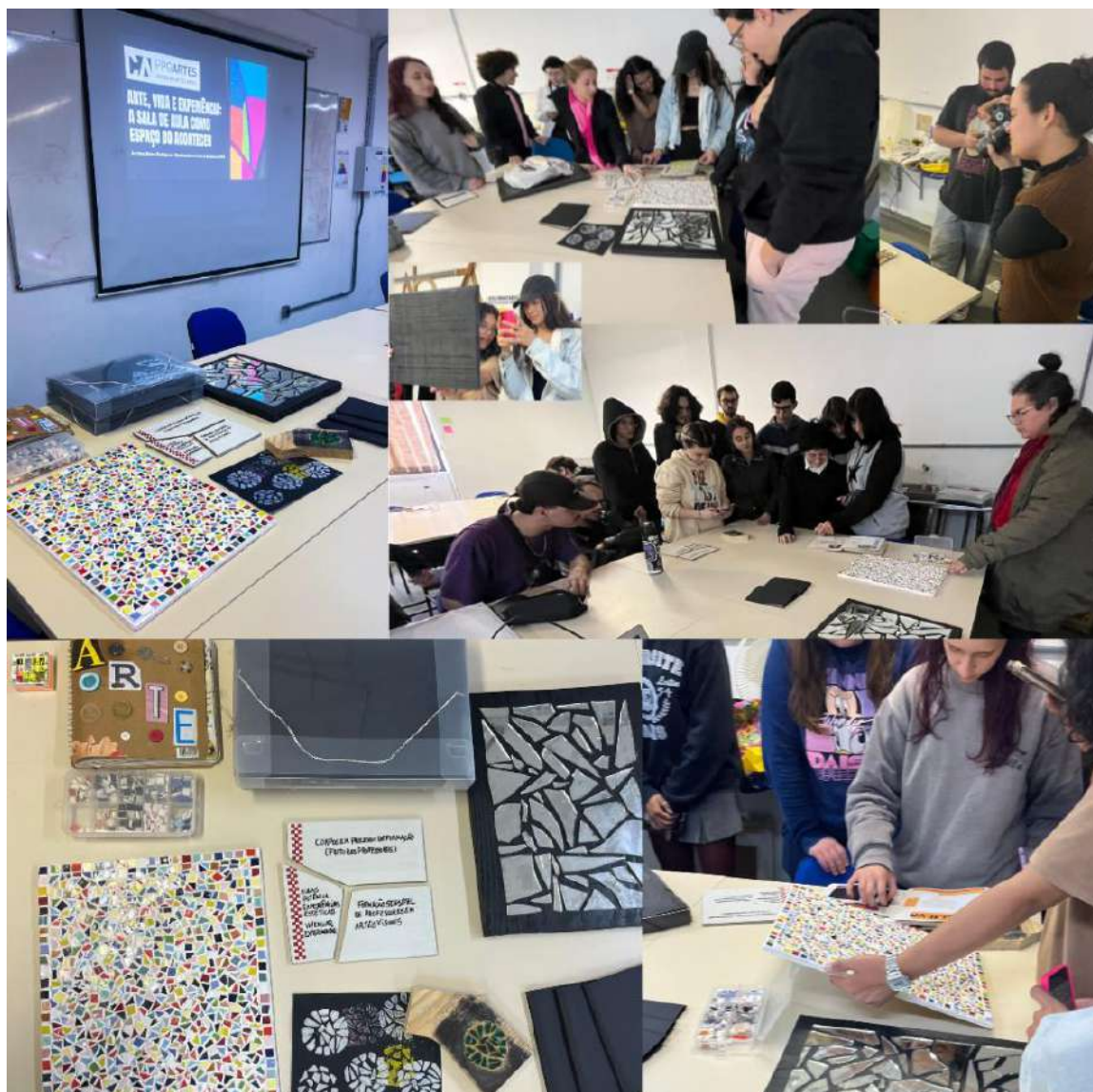


Figura 26. Registros do primeiro encontro com as turmas. Acervo da autora, 2024.

Essa aula reverberou nos diários de bordo das turmas e a partir dela, pude perceber o interesse pelo processo criativo, pela metodologia A/R/Tográfica e pelo conceito profartistar. Percepções A/R/Tográficas apareceram com bastante potência.

Abaixo podemos observar/perceber, por meio das fotografias, o envolvimento dos alunos, que no geral fizeram registros sobre a A/R/Tografia e o conceito profartistar, algo que de alguma maneira os atravessou e fez sentido para eles.

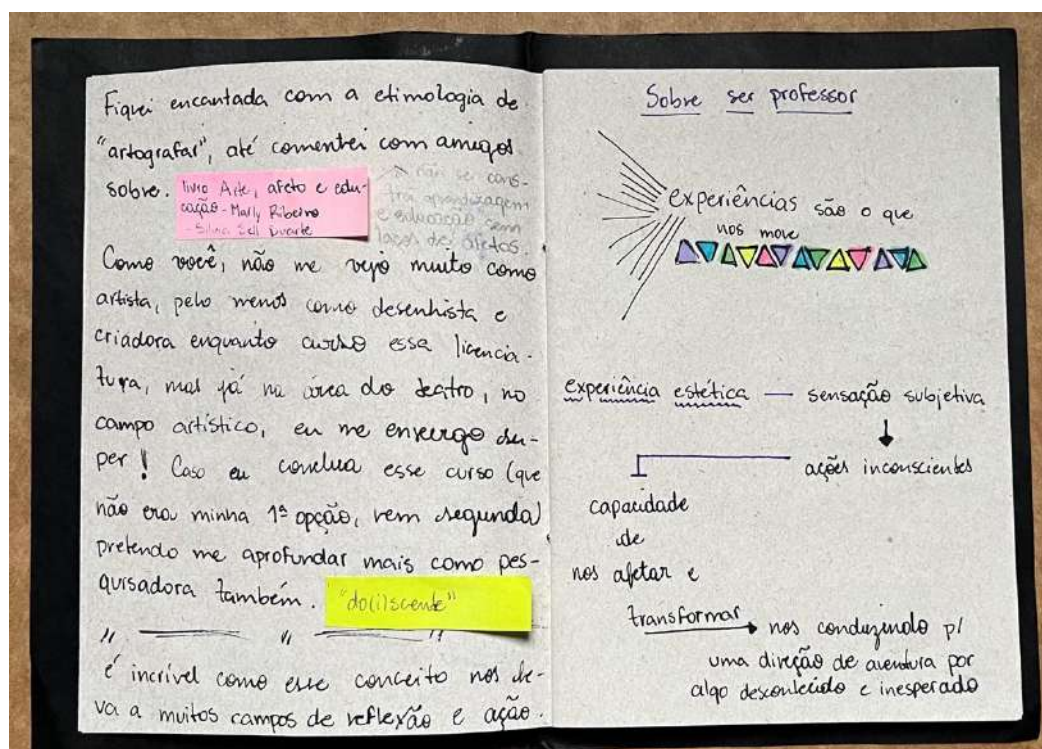


Figura 27. Percepções A/R/Tográficas. Aluna A. Fotografia do diário e bordo da aluna A. Acervo da autora, 2024.

A aluna “A” registrou (Figura 27): “Fiquei encantada com a etimologia de A/R/Tografar, até comentei com amigos sobre. Como você, não me vejo muito como artista, pelo menos como desenhista e criadora enquanto curso essa licenciatura, mas já na área do teatro, no campo artístico, eu me enxergo super! Caso eu conclua esse curso (que não era minha 1ª opção, tem segunda) pretendo me aprofundar mais como pesquisadora também. *do(i)scente*” “é incrível como esse conceito nos leva a muitos campos de reflexão e ação”. Ela destaca também em um post-it rosa uma referência utilizada na aula expositivo-dialogada, o livro *Arte, afeto e educação*, da Marly Ribeiro e da Silvia Pilotto (também referência para esta pesquisa).

Na página ao lado ela faz reflexões sobre ser professor, sobre experiência estética e diz que: “Experiências são o que nos movem. Experiência estética – sensação subjetiva – capacidade de nos afetar e transformar nos conduzindo para uma direção de aventura por algo desconhecido e inesperado”.

São registros que reverberaram a partir da primeira aula que conduzi, do primeiro contato que tive com as turmas. Neles começam a aparecer resquícios/rastros deixados pelo profartistar.

O aluno “B” (Figura 28), faz registros sobre a metodologia A/R/Tográfica, fazendo o desenho do rizoma e explora as conexões que essa metodologia

possibilita, como: “Transformar a educação, experimentar, potência, artista, consciência para viver em sociedade, outros olhares, perspectivas entre a arte e a vida, formação para a vida”. Na página ao lado o aluno “B” utiliza a ideia das tesselas que apresentei nesta pesquisa e as transforma em “Várias perspectivas de si mesmo: tornar um professor, estudar para passar conhecimento, ser um bom professor”. Ele começa a enxergar a docência e consegue perceber que nos tornamos professores, a partir dos caminhos que escolhemos trilhar.

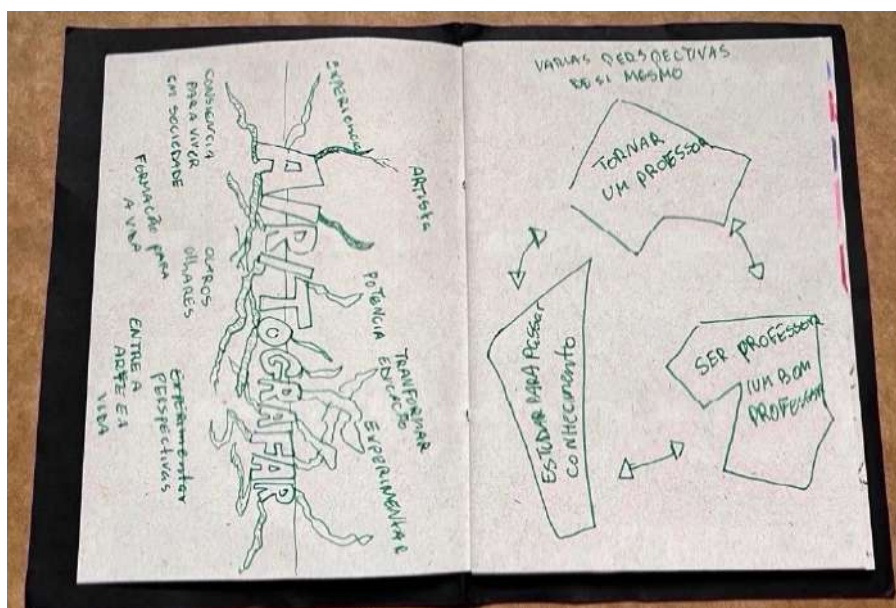


Figura 28. Percepções A/R/Tográficas. Aluno B. Fotografia do diário de bordo do aluno B. Acervo da autora 2024.

O aluno “C” (Figura 29), faz uma colagem a partir da abordagem da primeira aula e do seu entendimento sobre o conceito que proponho nesta pesquisa. Ele percebe o profartistar como um conceito que une tudo: educação, ser professor, experiências, pesquisa, sujeito plural, arte e vida.



Figura 29. Percepções A/R/Tográficas. Aluno C. Fotografia do diário e bordo do aluno C. Acervo da autora, 2024.

O significado deste conceito realmente engloba todas essas questões, conexões e envolvimento, mas vai além. E por meio dele é possível (ou não), transformar a sala de aula em um espaço que vai além dos muros da universidade e adentra em nossas vidas.

As alunas “D” e “E” (Figuras 30 e 31), também registram o conceito, e entendem que ele atravessa a vida, a arte e a educação.

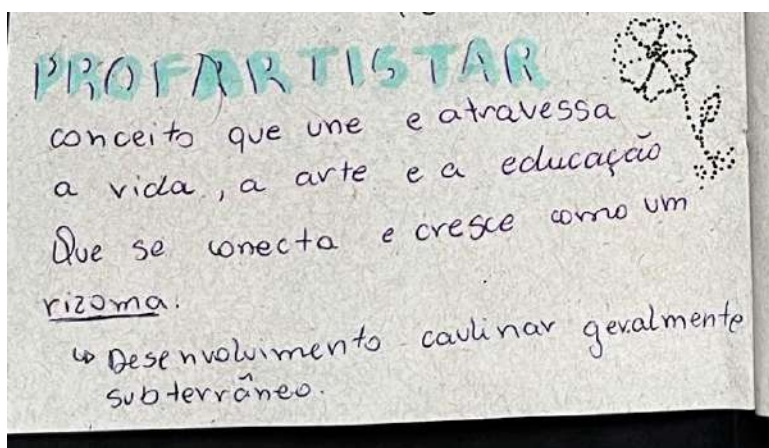


Figura 30. Percepções A/R/Tográficas. Aluna D. Fotografia do diário e bordo da aluna D. Acervo da autora 2024.

A aluna “D”, também imprime a fotografia do mosaico de azulejos que foi produzido por mim e abaixo deixa suas reflexões: “*Todos somos diferentes (como cada pedacinho que forma o mosaico). Reflexão: A construção do*

conhecimento é como construir o mosaico, aos poucos e com pedacinhos, vai se formando algo completo e cheio”.

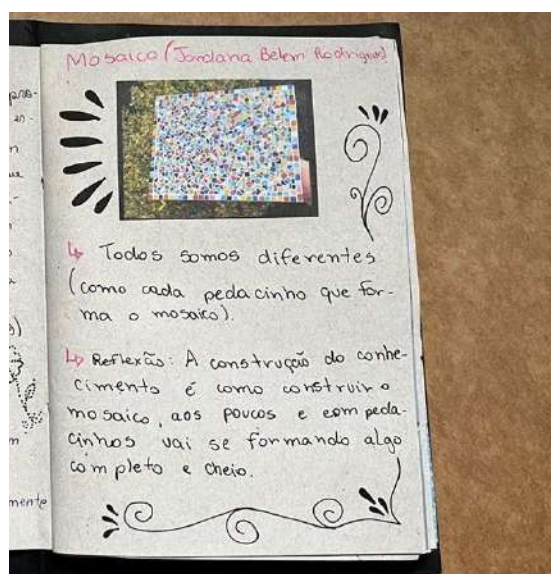


Figura 31. Percepções A/R/Tográficas. Aluna D. Fotografia do diário de bordo da aluna D. Acervo da autora, 2024.

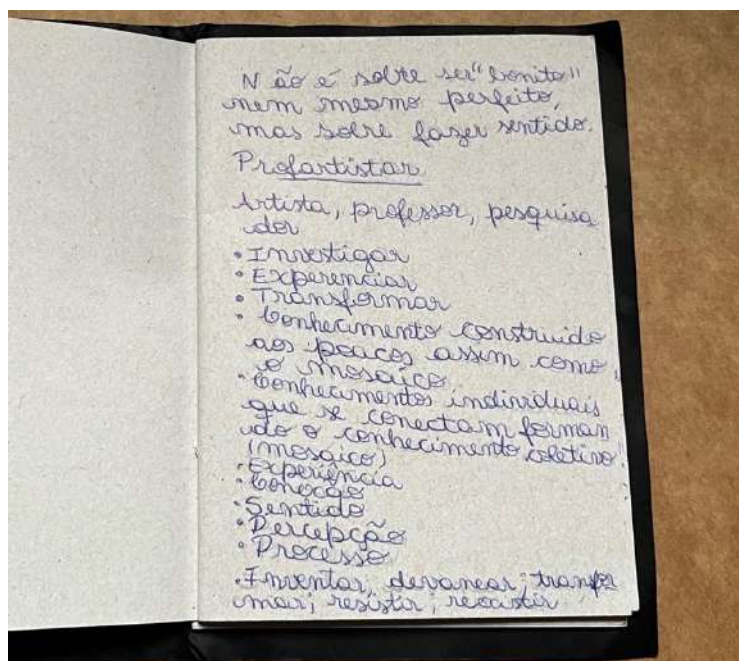


Figura 32. Percepções A/R/Tográficas. Aluna E. Fotografia do diário de bordo da aluna E. Acervo da autora, 2024.

A aluna “E” (Figura 32) traz um pouco das discussões que foram abordadas em sala de aula e registra: “Não é sobre ser bonito, nem mesmo perfeito, mas sobre fazer sentido”. Ela vai além, e registra também um pouco do

processo de criação desta dissertação, onde ela escreve: “*Conhecimento construído aos poucos, assim como o mosaico*”.

A partir dos registros podemos perceber que na pesquisa A/R/Ttográfica, a teoria e a prática andam de mãos dadas. Tudo está conectado, tudo funciona e faz sentido junto, assim como na A/R/Tografia, onde a pesquisa está conectada à produção em arte e à prática do professor/a/r/tógrafo em sala de aula. Logo esta pesquisa transita nesses lugares, fazendo o profartistar acontecer, o que pode ser percebido nos detalhes de cada palavra, colagem ou expressão artística marcadas nos diários de bordo.

A aluna “F” (Figura 33) parece empolgada ao receber o diário de bordo e registra: “*Inauguração do caderninho (lindo)*”. Ela também traz anotações sobre nossas discussões: “*Conecta a arte com a vida, tudo o que a gente vive pode ser trazido para a sala de aula*”. Já no início ela consegue perceber que atravessar os conteúdos ao contexto atual, e as nossas vivências cotidianas é importante. Ela também une o conceito profartistar a um desenho que significa o rizoma, as raízes que se conectam e registra: “*A pesquisa e a aprendizagem como um mosaico que se constrói pedacinho por pedacinho*”. E como podemos ver, na primeira página do diário ela registra palavras e expressões que foram comentadas ou pronunciadas em aula, como: potência, devanear, resistir, vida, pontos de vista, mosaico, espelho, entre outras.



Figura 33. Percepções A/R/Tográficas. Aluna F. Fotografia do diário de bordo da aluna F. Acervo da autora, 2024.

Entre outros registros, como podemos perceber na imagem a seguir (Figura 34), nota-se que a metodologia, o conceito profartistar e o fazer sentido também apareceram com frequência. Parece ser algo que os atravessou

coletivamente, porém cada um com a sua própria singularidade, a partir de sua própria subjetividade. Assim como nos diz Larrosa (2002, p.26-27):

O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. [...] Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

Eles vivenciaram e experienciaram o mesmo acontecimento, mas cada um deles o significou à sua maneira, de acordo com tudo aquilo que carregam na bagagem do seu próprio viver. É incrível perceber tanta participação e envolvimento das turmas que assumi como estagiária, principalmente por ter ministrado apenas cinco aulas durante o semestre. Será o início de uma trajetória de trocas de vida e experiências potentes?



Figura 34. Percepções A/R/Tográficas. Alunos G, H, I, J. Fotografia dos diários de bordo dos alunos G, H, I, J. Acervo da autora, 2024.

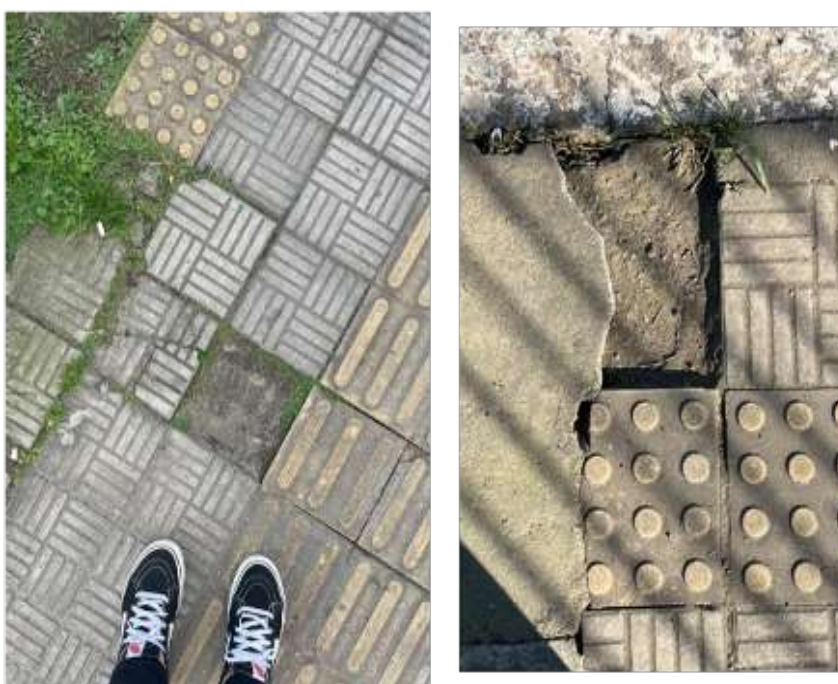
A proposta do segundo encontro com as turmas era ir para a rua e construir os próprios mosaicos em grupos¹³, pensando no entre, naquilo que está entre a universidade e a vida, entre o ser aluno e ser professor, pensando naquilo que está entre arte, vida e educação. Pois assim como nos diz Mirian Celeste Martins:

Entrevistas estamos nós, como propositores inquietos que tem na arte, especialmente a contemporânea, alimento para o repensar-se constante, para além do senso-comum, com o cuidado e tensão criadora de quem, com olhar estrangeiro, estranha o familiar e

¹³ A ideia inicial da atividade prática com mosaicos, era que os alunos construíssem um único mosaico em coletivo entre toda a turma. Porém esta proposta foi adaptada por conta do grande número de alunos matriculados no componente curricular, pois acredito que se a atividade envolvesse apenas um grande grupo, talvez nem todos quisessem participar, ou acabassem se dispersando da atividade.

problematiza o que já sabe, com cuidado e atenção por onde e com quem atravessa a vida (Martins, 2006, p.238).

Habitamos este entre, a partir de um profartistar que também se encontra entre arte, vida e educação. Pensar no familiar (calçada da universidade) a partir de outros olhares, visando criar sentido e significado, em busca de vivenciar experiências estéticas junto com aqueles que atravessam nossas vidas (educandos). Por isso, a ideia era de que eles encontrassem um “entre” nas calçadas em volta do Centro de Artes (UFPel), ou seja, buracos, rachaduras, espaços que estivessem por ser preenchidos, espaço que estivessem faltando algo. Podemos ver o exemplo nas imagens abaixo (Figuras 35 e 36):



Figuras 35 e 36. Exemplo de rachaduras que eles poderiam preencher com o mosaico. Fotos da calçada em torno do Centro de Artes da UFPel. Acervo da autora, 2024.

Primeiro nos encontramos em sala de aula, onde pude explicar um pouco da técnica para que eles conseguissem realizar a atividade. Pareciam estar encantados. Sinalizei para eles que em alguns lugares o cimento não fixa tão bem, assim como em cima de superfícies que tenham muita areia. Falei também sobre a colocação das pecinhas (tesselas), onde eles deveriam colocar com cuidado, pois elas poderiam afundar no cimento, e assim interferir na construção do mosaico como um todo. Pedi que eles formassem cinco grupos, e então distribuí os materiais – um saquinho com os azulejos coloridos (Figura 37), um potinho para colocar o cimento e uma colher de sopa para espalhar o cimento.



Figura 37. Preparação dos materiais para distribuir para as turmas. Acervo da autora, 2024.

Preparei o cimento em uma bacia, e eles observavam tudo com atenção. Cada grupo encheu seu potinho de cimento e foi em busca da “rachadura perfeita”.

Percebi os alunos envolvidos nos trabalhos, mas também socializando em grupos, vivenciando, experienciando e aprendendo em coletivo. O envolvimento com o trabalho foi tanto que eles buscaram materiais alternativos para complementarem seus mosaicos (vidros, pedrinhas e outros azulejos encontrados ao entorno), ou então para construção de outros novos mosaicos. Enquanto eles construíam eu observava e os ajudava a espalhar o cimento, pois, dependendo do lugar escolhido era um pouco mais difícil de acimentar. Eles separavam e escolhiam as tesselas com cuidado e atenção. A escolha dos lugares para construção do mosaico se deu principalmente por conta da quantidade de tesselas que foram distribuídas para os grupos. Calculei o espaço de apenas um azulejo da calçada, mas alguns grupos foram além e escolheram rachaduras com espaços maiores. Logo após desenvolverem o trabalho, sobraram algumas tesselas em alguns grupos que foram compartilhadas com os colegas de outros grupos. Aqueles que já tinham finalizado o trabalho ajudaram os grupos que faltavam, enquanto outros procuravam materiais alternativos para a construção de um novo mosaico. Realmente foi um trabalho coletivo. Além da

experiência singular, a aprendizagem/experiência em coletivo é importante para que os estudantes interajam com os demais colegas, compartilhem conhecimentos, diferentes perspectivas e pensamentos. Assim, eles também aprendem uns com os outros, fazendo então com que assumam um papel ativo em sua própria maneira de aprender. Algo que vai ao encontro das ideias de Paulo Freire (1996), que diz que precisamos cada vez mais de uma construção coletiva do conhecimento, que proporcione autonomia, criticidade e que aproxime os educandos do mundo.

A experiência/vivência foi incrível para eles, mas também para meu processo de trans(formação), pois acredito que nós formamos, mas também nos transformamos. A experiência aconteceu para os educandos, mas também em meu corpo. A partir daqui meu ser A/R/Tógrafo clama por espalhar intervenções de mosaicos pela cidade (ver p.100-101). Experiências de caráter estético que nos fazem aprender, nos transformam como seres sensíveis, que faz sentir e faz sentido.

Ao final da atividade, nos reunimos e olhamos todos os mosaicos. Um dos alunos brincou dizendo que era a nossa “Calçada da Fama¹⁴”, o que gerou sentimento de pertencimento dos alunos para com a universidade e seu curso. Aqui é importante lembrar que eles são alunos do primeiro semestre, estão ainda se acostumando com o ambiente acadêmico, com os colegas, com os professores e com as mudanças do ensino médio para a graduação.

A partir do registro da aluna “K” (Figura 38), podemos perceber como o sentimento de pertencimento se fez presente nesta atividade. Ela relata em seu diário de bordo: *“Quando fizemos mosaicos essa experiência mudou a minha visão sobre a minha relação com a universidade e com a cidade. Através dessa experiência pude me sentir pertencente a universidade e a cidade de Pelotas”*.

Essa experiência transformou os sentimentos e as relações que a aluna tinha com a cidade e com a universidade, fazendo com que ela se sentisse mais familiarizada com o novo local, o qual habitará por pelo menos quatro anos

¹⁴ A Calçada da Fama de Los Angeles (Hollywood Walk of Fame) foi criada em 1958. O trecho mais famoso do Hollywood Boulevard conta com cerca de 2.500 celebridades imortalizadas às quais presta homenagem através das estrelas com seus nomes gravados. As celebridades fazem parte do cinema, música, teatro, rádio e televisão.
Fonte: <https://www.tudosobrelosangeles.com/calcada-fama> .

(tempo de duração do curso de graduação). Abaixo podemos ver a fotografia deste relato.

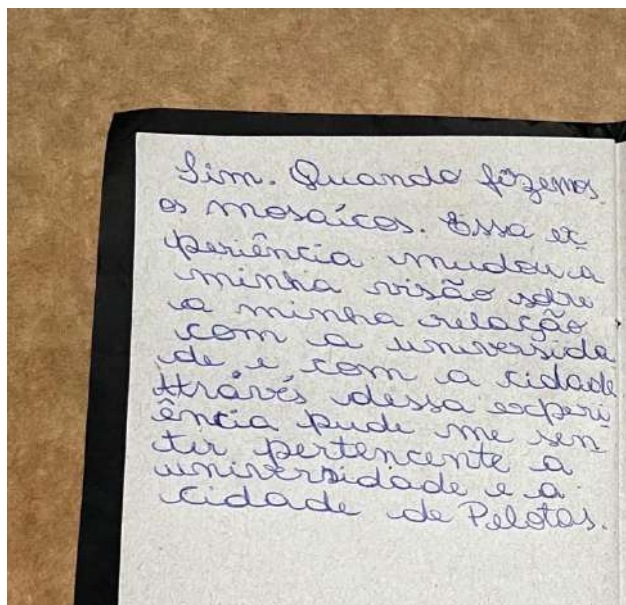


Figura 38. Percepções A/R/Tográficas. Aluna K. Fotografia do diário de bordo da aluna K. Acervo da autora, 2024.

Os alunos puderam deixar seus trabalhos na calçada, como marcas, como pedacinhos de vida que ali se encontravam. Voltamos para a sala e conversamos sobre a experiência. Ela despertou envolvimento, memórias, afetos, fez com que eles percebessem seus corpos cansados por estarem em posições não tão confortáveis, mas ainda assim envolvidos com toda atenção no processo. As duas turmas relataram que a experiência foi incrível e fizeram diversas conexões entre educação, arte e vida. Foi um momento de muito aprendizado e muitas trocas, a partir de uma prática cheia de sentido e significados. Essa atividade também reverberou como potência integrativa e de socialização dos estudantes, que vieram de diferentes lugares, com diferentes culturas, mas que se encontraram neste espaço para uma formação docente em artes visuais.

Abaixo (Figura 39 e 40) podemos ver as fotos do processo, e também o envolvimento de todos os grupos nesta atividade:



Figura 39. Processo de construção dos mosaicos das turmas (1). Acervo da autora, 2024.

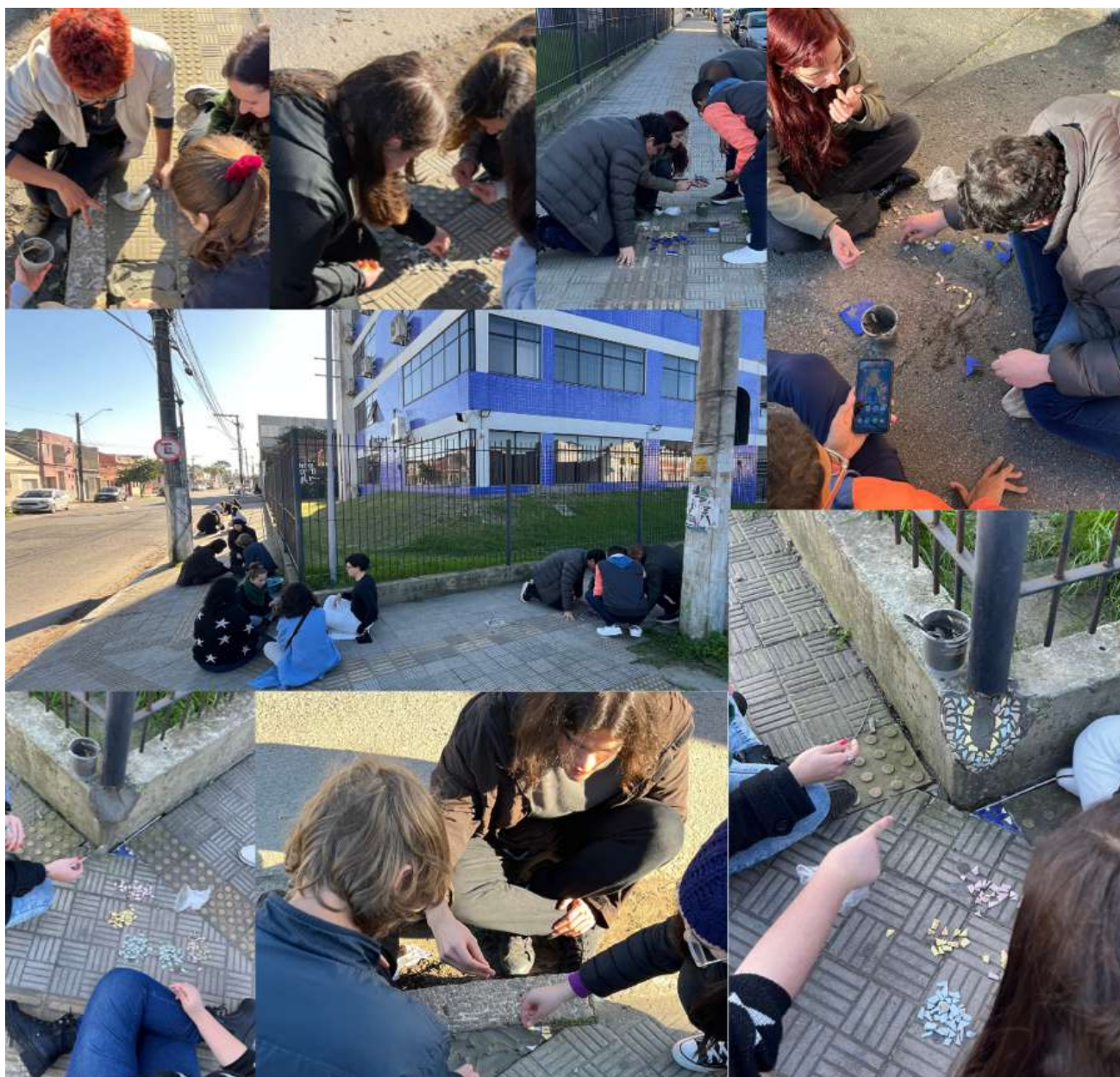


Figura 40. Processo de construção dos mosaicos das turmas (2). Acervo da autora, 2024.

E abaixo (Figura 41 e 42), os resultados da experiência de vivenciar a construção dos mosaicos em um espaço em que eles irão habitar por pelo menos quatro anos (aqui é importante abrir este parêntese para dizer que o azulejo quebra fácil, mas quando conectado ao cimento há uma durabilidade muito maior, ou seja, é um trabalho que poderá durar o tempo de quatro anos da graduação).



Figura 41. Mosaicos (1). Trabalhos das turmas da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais. Acervo da autora, 2024.

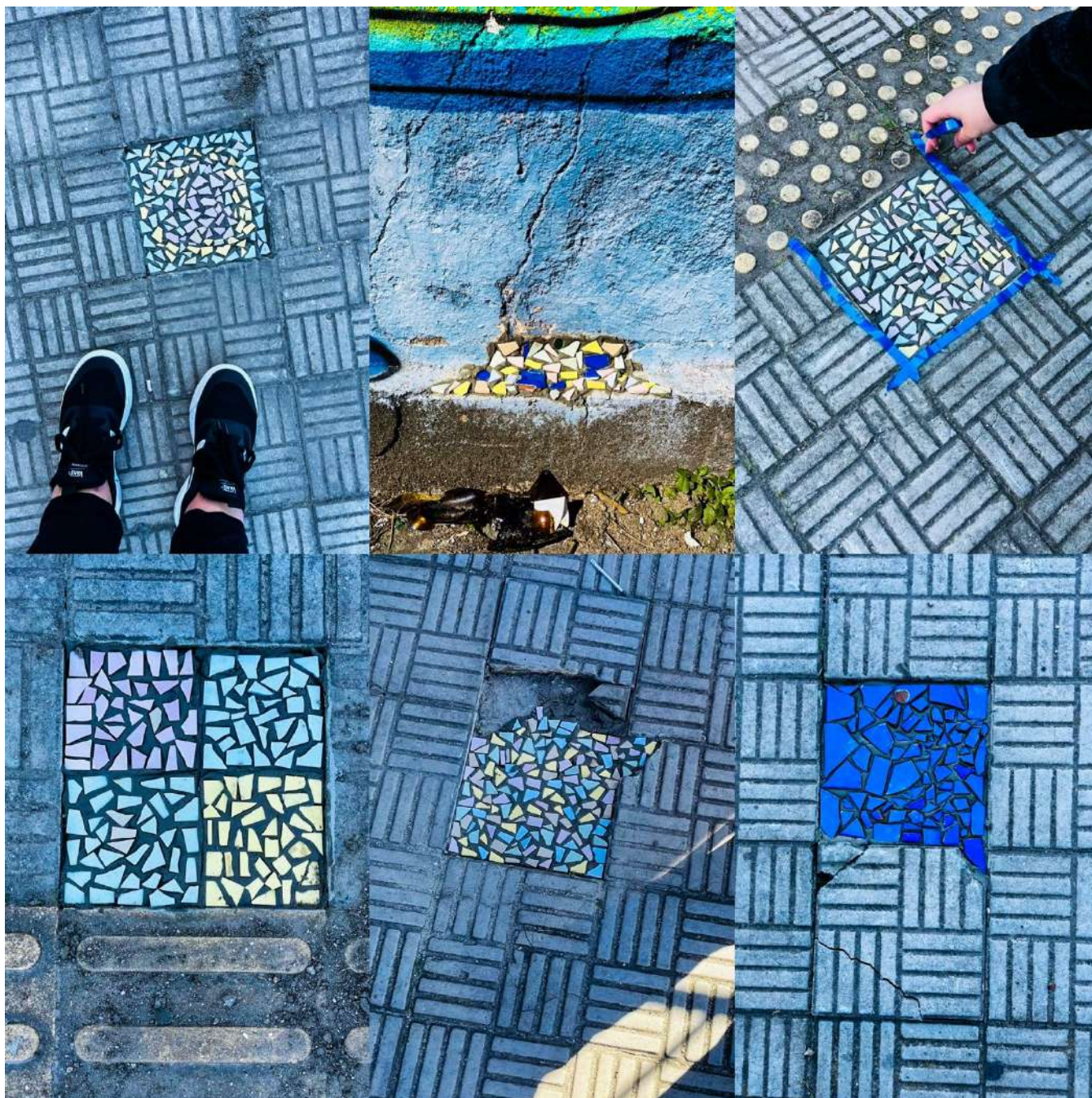


Figura 42. Mosaicos (2). Trabalhos das turmas da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais. Acervo da autora, 2024.

Nas fotografias acima, podemos perceber que alguns grupos seguiram a ideia do entre nas calçadas, porém outros, buscaram outras alternativas (por meio de uma liberdade criativa e de intervenção no espaço), como uma rachadura no muro (Mosaicos [1]) que apoia as grades do Centro de Artes. Outro grupo deslocou para uma rachadura encontrada em uma parede e construiu seu

mosaico neste local (Mosaicos [2]). Podemos perceber também, que há materiais alternativos, diferentes daqueles que distribuí em sala de aula. Assim como encontrei o espelho que construí o mosaico de espelhos descartado na rua por um vizinho (comentei com as turmas em sala de aula no primeiro dia quando eles tiveram contato com o processo de construção da minha produção), eles também foram em busca de materiais descartados, como vidros e pedaços de azulejos jogados no chão. Era visível que eles estavam envolvidos com a atividade e não queriam parar de fazer. Assim como nos diz Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 119) “É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre¹⁵, pois vivem o acontecimento, a experiência”.

Nas fotografias abaixo (Figuras 43, 44 e 45), podemos perceber que os mosaicos reverberaram para além dos materiais que foram distribuídos para as turmas no início da aula. Eles foram em busca de novas possibilidades, de novos modos de fazer e de integrar os novos materiais, como vidro, outro tipo de azulejo e até um objeto encontrado.



Figura 43. Mosaico desenvolvido pelo grupo *Alpha*. Acervo da autora, 2024.

¹⁵ Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo”, alerta Deleuze (1988, p.54).

O mosaico desenvolvido por este grupo foi carinhosamente apelidado de *Snoop* (Figura 43), pois ao nos deslocarmos para visitar todos os trabalhos, percebemos que ficou muito parecido com o personagem do desenho animado – algo que aconteceu espontaneamente, sem ideias prévias. Além disso, podemos observar que os alunos do grupo *alpha* utilizaram vidro para complementar a construção do trabalho, ou seja, se depararam com essa possibilidade, ao encontrar o vidro que foi descartado de maneira irregular, e agora faz parte da obra do grupo *Alpha* (Figura 43).



Figura 44. Mosaico desenvolvido pelo grupo *Beta*. Acervo da autora, 2024.

O grupo *Beta* também foi em busca de materiais alternativos para finalização do seu mosaico (Figura 44), pois aqui foi escolhido um espaço bem grande, logo faltaram azulejos para completar o trabalho. Sendo assim, este grupo também encontrou com facilidade vidros descartados irregularmente e o transformaram no mosaico, ou seja, ressignificaram o material que, até então era descarte, e assim, passou a ser arte.

Abaixo (Figura 45) podemos observar o trabalho desenvolvido pelo grupo *Gama*, onde eles utilizam azulejos encontrados caídos em volta do prédio. Azulejos esses que fazem parte da fachada do Centro de Artes da UFPel, e que

acabam caindo por conta da ação do tempo. Azulejos esses que estão jogados e que acabam prejudicando o visual da parte externa do prédio. Das paredes do prédio às calçadas do entorno. Um azulejo caído... e então é possível fazer nascer mais um mosaico. No centro deste mosaico há um cisne miniatura que também foi encontrado nos arredores e foi carinhosamente inserido a esta obra. Também podemos perceber as assinaturas no azulejo azul, que foram desfeitas e escritas em outro azulejo ao lado.



Figura 45. Mosaico desenvolvido pelo grupo *Gama*. Acervo da autora, 2024.

Abaixo (Figura 46), o registro das assinaturas feito por um dos alunos. O grupo *Gama* prontamente me fez o convite de assinar a obra junto com eles, pois a proposta de atividade foi minha. É possível perceber que eles reconhecem a atividade como sendo também de minha autoria, uma professora-artista-pesquisadora-propositora-mediadora, que propõe, mas que além disso participa dos processos com os estudantes. Ação que me leva a refletir sobre meu próprio processo formativo, sobre trocas e aprendizados que se dão no caminhar.



Figura 46. Mosaico desenvolvido pelo grupo *Gama*. Arquivo de um dos integrantes, 2024.

Então os azulejos azuis começaram a aparecer em mosaicos de outros grupos e invadem as calçadas que envolvem o Centro de Artes. Abaixo (Figura 47), podemos observar que eles se compõem junto aos outros azulejos coloridos. Porém nasce um novo mosaico que é construído apenas com o azulejo azul.



Figura 47. Explorando novas possibilidades. Fotografia dos mosaicos desenvolvidos pelas turmas. Acervo da autora, 2024.

A experiência acontece aí. Exatamente nesse lugar. Um espaço que fez acontecer, que despertou novos olhares para que eles pudessem se envolver de corpo inteiro, explorando outras possibilidades e outras maneiras de experimentar e vivenciar aquela experiência. A experiência estética é um viver que faz sentir, mas que também faz sentido. Experiência que, de acordo com Larrosa (2002, p.24) "afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos", que desperta novos olhares, novas possibilidades, que nos faz perceber aquilo que ainda não conseguíamos enxergar, sentir ou experienciar. Encerrei este dia/encontro/vivência/aula/experiência/ com a experiência ainda latejando em meu corpo. E ao descrever e escrever sobre ela, consigo perceber que ela ainda reverbera aqui dentro deste corpo uma artista-pesquisadora-professora que acredita em uma docência profartista.

Após a experiência de vivenciar a construção dos mosaicos, eles registraram suas percepções e descreveram como a atividade prática reverberou em cada um deles. A partir das análises dos diários deles, pude perceber que esta experiência teve um grande impacto na vida deles, indo além da formação que estão buscando. Dentre os 46 diários analisados, apenas dois alunos (um deles não compareceu neste dia) não fizeram nenhum registro desta atividade - talvez para ele, a experiência apenas tenha passado, assim como nos diz Larrosa (2011).

As marcas deixadas pelos estudantes nas páginas do diário, marcaram também o meu corpo, inspirando ainda mais minha docência profartista. Seus relatos sobre a experiência/vivência do mosaico, afetaram e atravessaram o meu ser A/R/Tógrafo. Abaixo (Figura 48), podemos observar o relato da aluna "L": *"A analogia de mosaicos como pessoas me agrada muito. Acho que todos são um pouco pontudos, às vezes difíceis de lidar, mas é possível adaptar, encontrar uma maneira de "encaixar" com o outro, até com as partes mais complicadas. Outras vezes é como uma missão impossível, mas só porque não combina com os nossos lados, não significa que seja errado, só não é a nossa "praia". Educação pra mim também é assim, procuramos a melhor forma de aprender, de ensinar, de nos conectar com metades que podem não fazer sentido, mas são importantes, valiosas."*

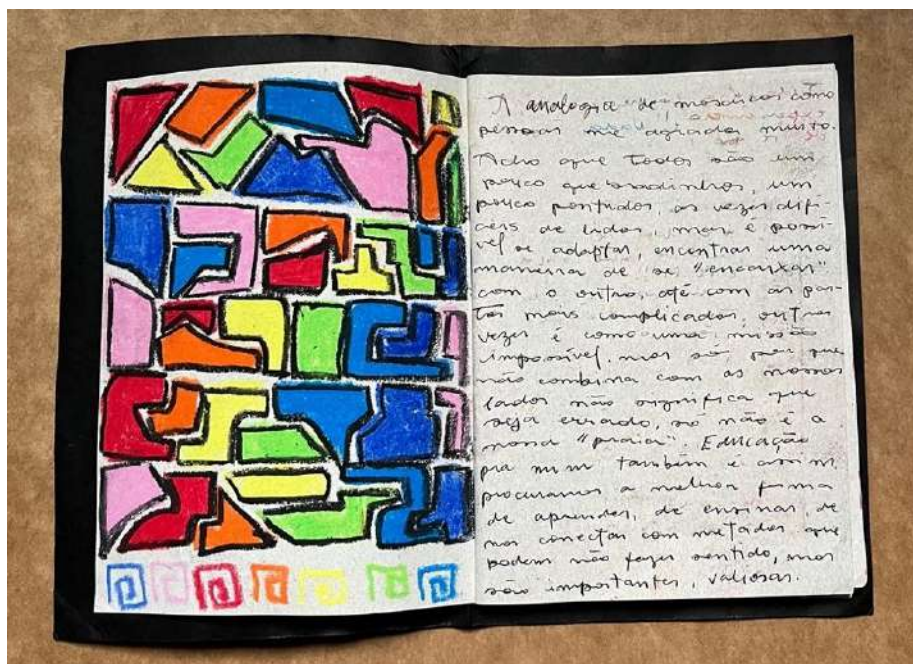


Figura 48. Percepções A/R/Tográficas. Aluna L. Fotografia do diário de bordo da aluna L. Acervo da autora, 2024.

A aluna “L”, faz conexões entre arte e vida (assim como nesta pesquisa), onde o mosaico representa cada um de nós como seres únicos e imperfeitos, e ainda faz menção à importância da educação. Ao lado um desenho que expressa o encaixe e a diferença entre as tesselas, ilustrando a ideia de que somos pontudos e difíceis, mas que em alguns momentos acabamos nos encaixando em algum lugar.

A aluna “M” (Figura 49), também expressa de uma maneira poética a conexão entre o mosaico, a vida e o ser professor. Ela então faz seu registro no diário de bordo, destacando as palavras professores, alunos e sentido: *“Mosaicos e a nossa vivência: Mosaicos são figuras únicas formadas a partir de fragmentos de diversas cores e/ou materiais. Se olharmos por essa perspectiva, também somos como mosaicos: formados por pequenos fragmentos de características, vivências, costumes, pensamentos e ideias que nos foram doados ou agregados ao longo da nossa existência. Por nossos pais, escola, amigos, relacionamentos, lugares, professores e alunos. Esses pequenos pedacinhos que trazemos junto conosco adaptando-os ao nosso sentido e existência, formando assim, que nós somos únicos do nosso jeito. Com imperfeições, com singularidades e com o que faz sentido para cada um de nós, para o nosso viver. Somos mosaicos em constante construção, trocando e*

recebendo fragmentos, e assim também deixando para trás pedacinhos que já não nos cabem mais, em nossa existência e sentido”.

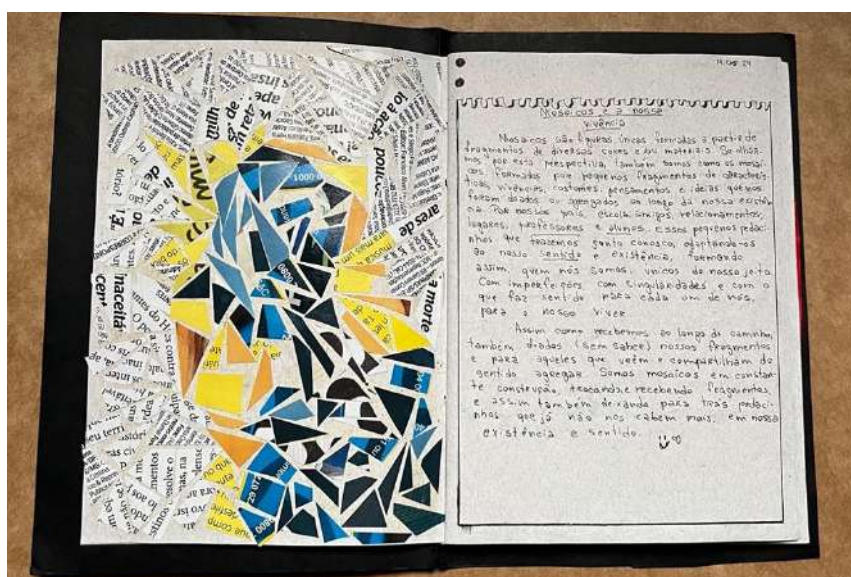


Figura 49. Percepções A/R/Tográficas. Aluna M. Fotografia do diário de bordo da aluna M. Acervo da autora, 2024.

A aluna “M”, transita entre arte, vida e experiência em seu registro, algo que envolve o título desta pesquisa e que potencializa ainda mais essa docência profartista que proponho ao caminhar.

O aluno “N” (Figura 50), não desenvolve uma reflexão afetiva sobre o tema, traz uma pequena frase que é escrita a lápis nas páginas do seu diário de bordo. Pequena, porém com um sentido e um significado enorme.

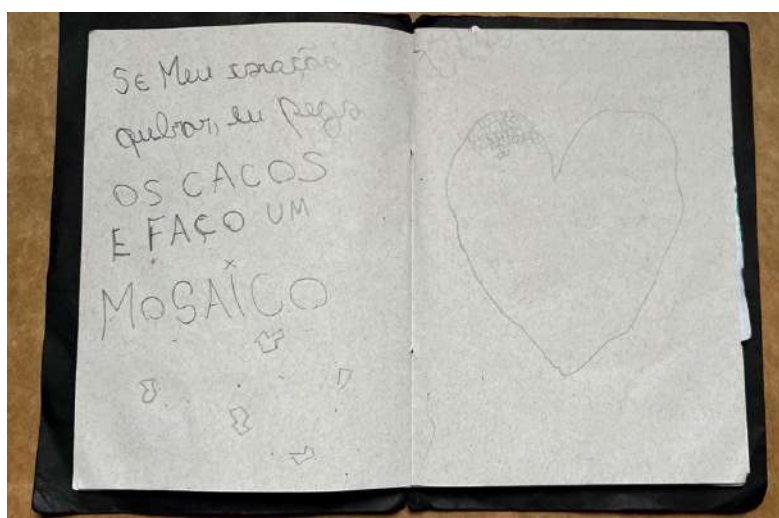


Figura 50. Percepções A/R/Tográficas. Aluno N. Fotografia do diário de bordo do aluno N. Acervo da autora, 2024.

Não é possível sentir o que eles sentem, mas é possível sentir-se afetada com aquilo que eles produzem nos diários, que resulta das nossas trocas de vivências e experiências com arte em sala de aula. De acordo com Martins (2010, p. 119) “O educador pode ser aquele que prepara e participa de um encontro com os alunos, afetando e dedicando-se a afetar nessa vida em grupo”. E ainda é possível complementar:

Pela arte somos impulsionados para um encontro sensível e forte trazido pela experiência do outro, tornada nossa. Experiência distinta, mas não distante; experiência que envolve emoção e pensamento, ação e significação, e por isso dotada de qualidade estética e provocadora da invenção, que lida com o caos, com o não saber, com os ventos que desviam da rota (Martins, 2006, p.234).

Logo, por meio dos registros, relatos, desenhos, conexões, esquemas desenvolvidos nos diários de bordo, é possível perceber que partilhamos das experiências e vivências juntos, que construímos um conhecimento e um mundo só nosso (singular, mas também coletivo). Algo que os provocou e despertou a experiência, deixou rastros de efeitos em seus corpos e também em seus diários de bordo.

Na frase que aparece no diário do aluno “N” (Figura 50), é possível perceber que a experiência de construção do mosaico despertou a paixão e o envolvimento do aluno, mas vai além. Ele registra que *“se o seu coração quebrar, ele pode juntar os cacos e ressignificar seu próprio viver”*. Olhar para estas páginas é perceber que o profartista vai sendo tecido, que ele lateja e reverbera nos corpos aprendentes.

A aluna “O” (Figura 51), também relata sua experiência no diário, e escreve: *“O ato de se fazer presente na criatividade... Peça por peça construindo a minha individualidade. Carregando comigo todas as pessoas que me atravessam deixando um pouquinho de si comigo, e sendo carregada por cada indivíduo que eu pude me fazer presente no caminho. A energia das conexões ecoando na alma”*.



Figura 51. Percepções A/R/Tográficas. Aluna O. Fotografia do diário de bordo da aluna O. Acervo da autora, 2024.

Neste caminho da vida ela encontrou e ainda encontrará professores/artistas/pesquisadores e que irão deixar um pouco de si e levar um pouco dela também. Me coloco como exemplo, pois trocamos e vivenciamos em sala de aula, e então carrego na bagagem da minha vida um pedacinho da passagem dela e ela um pedacinho de mim (os diários de bordo foram devolvidos e a partir deles memórias e saberes poderão ser despertados). Ainda é possível observar o desenho do mosaico que foi construído por ela junto ao seu grupo.

A aluna "P" (Figura 52 e 53), em sua análise, também faz atravessamentos entre arte, vida e experiência. Ela relata o seguinte: "*Somos um grande mosaico formados de experiência e individualidade que preenche cada espaço de nossa composição sobre a vida*". Ainda nesta página ela faz o desenho do mosaico que construiu com seu grupo e comenta ao lado: "*Somos fortes quando montados em coletivo*". Ela traz essa ideia, pois os colegas foram se ajudando com os materiais e com a montagem dos mosaicos, mesmo que não estivessem inseridos no mesmo grupo. Os que terminavam iam ajudando os outros, cedendo azulejos ou cimento que sobrara.

A experiência reverberou em cada um de forma singular, porém na maioria deles é possível notar conexões poéticas e sensíveis que são despertadas durante o processo de formação e que se estende à vida. Na fotografia abaixo podemos perceber o registro da aluna "P".

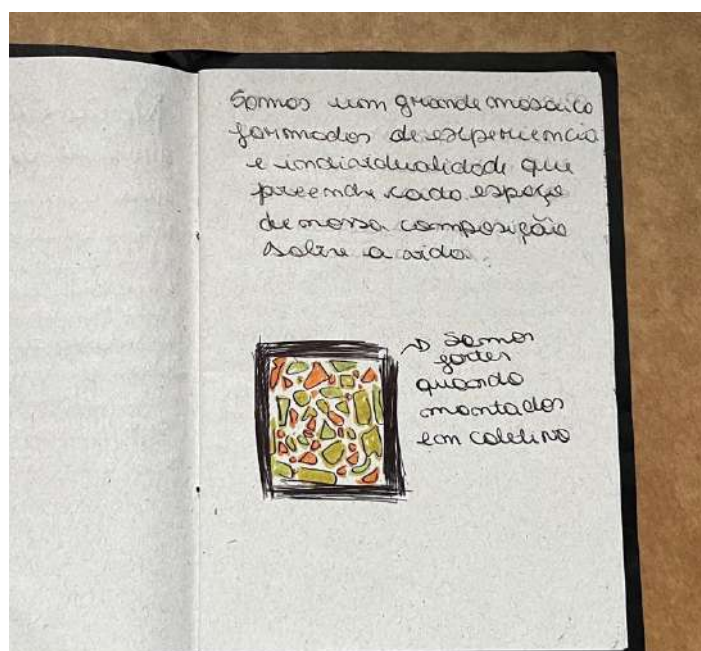


Figura 52. Percepções A/R/Tográficas. Aluna P. Fotografia do diário de bordo da aluna P. Acervo da autora, 2024.

A aluna “P”, faz um registro incrível do momento em que ela montava a composição do mosaico com seu grupo (Figura 53). Um desenho de sua mão, que parece encaixar os azulejos com toda atenção. A partir da imagem podemos perceber onde acaba o limite da calçada (em preto) e inicia o mosaico (colorido).

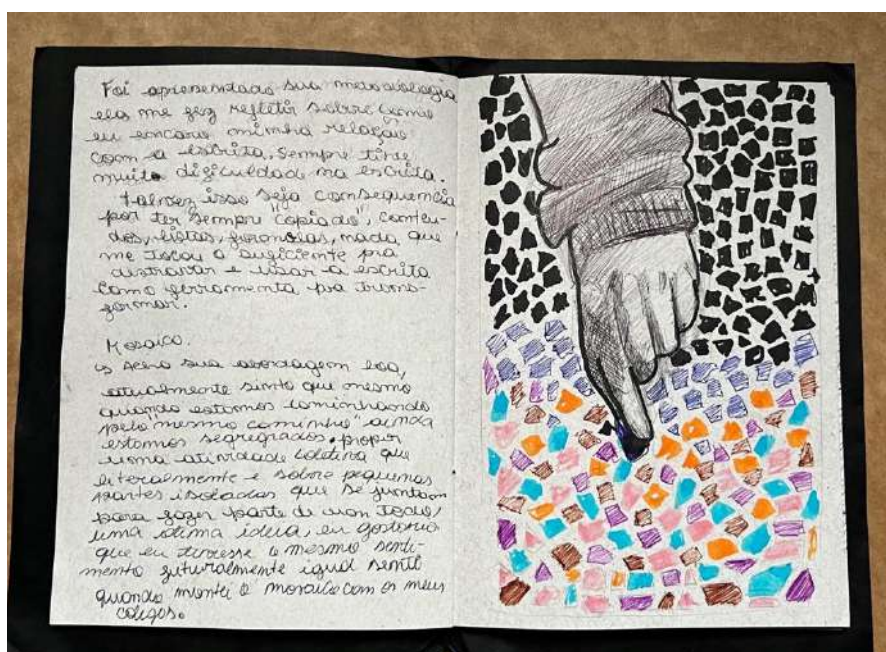


Figura 53. Percepções A/R/Tográficas. Aluna P. Fotografia do diário de bordo da aluna P. Acervo da autora, 2024.

A partir da apresentação da metodologia A/R/Tográfica e da escrita desta dissertação, a aluna “P” reflete sobre a sua própria relação com a escrita e relata: *“Talvez isso seja consequência por ter sempre copiado conteúdos... nada que me tocou o suficiente para destravar e usar a escrita como ferramenta para transformar.”* Aqui podemos observar que a partir da A/R/Tografia é possível despertar outros olhares e outras perspectivas para nossa própria vida. A aluna “P” faz esta reflexão quando apresento a metodologia e exponho um pouco do processo de escrita desta pesquisa.

Abaixo ela fala da experiência do mosaico, de como ela o percebe: *“Acho sua abordagem boa, atualmente sinto que mesmo quando estamos caminhando pelo “mesmo caminho” ainda estamos segregados. Propor uma atividade coletiva que literalmente é sobre pequenas partes isoladas que se juntam para fazer parte de um todo. Uma ótima ideia, eu gostaria que eu tivesse o mesmo sentimento futuramente, igual senti quando montei o mosaico com meus colegas”.*

Aqui podemos perceber que ela deu um sentido a atividade, percebendo que a ideia de uma construção coletiva faz com que o aluno se sinta pertencente ao espaço, que se relacione com os colegas, que aprenda criando e imaginando.

O aluno “Q” (Figura 54), fez registros de escritas em seu diário de bordo. O relato faz com que seja possível identificar que a experiência prática, de criação do mosaico, foi importante para que os significados e os sentidos fossem surgindo, fazendo com que ele então despertasse outros entendimentos, outras possibilidades. E assim aconteceu, pois ele relata: *“O pós sobre o mosaico na calçada – Adorei o trabalho, criatividade, interação e dinâmica fora da sala. Gostei que muitos grupos não se limitaram aos azulejos, mas a uma diversidade de materiais encontrados na rua. Gostaria que o projeto tivesse preenchido a calçada inteira. Foi mais um processo que esclareceu como projeto e metodologia tem sentido com a pesquisa prática e teórica das artes”.*

O aluno “Q”, consegue prestar atenção nas produções dos grupos em geral, e percebe a inserção dos materiais que foram encontrados descartados nos trabalhos. Ele também relata sobre a conexão entre a metodologia, dizendo que ela faz sentido junto a minha pesquisa prática e teórica.

Abaixo podemos ver a fotografia deste relato, e ao lado algumas anotações sobre experiência estética.

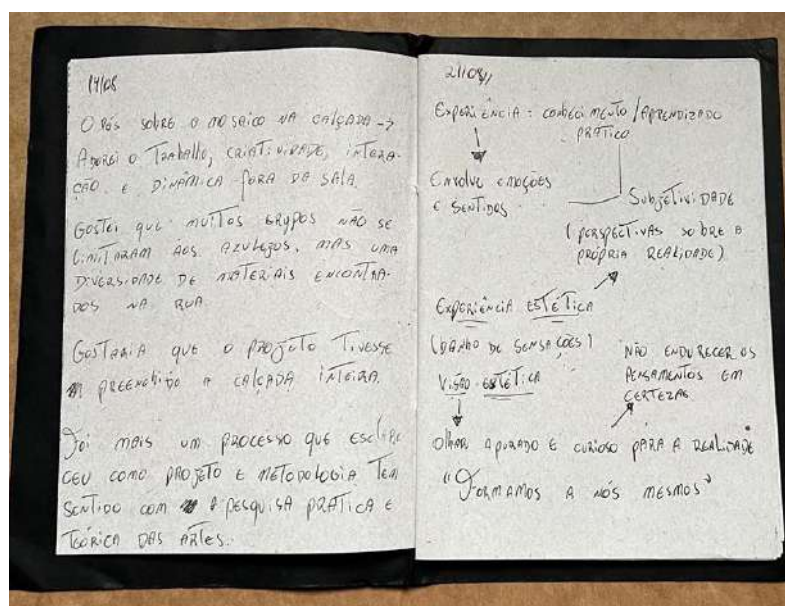


Figura 54. Percepções A/R/Tográficas. Aluno Q. Fotografia do diário de bordo do aluno Q. Acervo da autora, 2024.

Na página com a data do dia 21/08 duas frases me chamaram muita atenção, pois foram discussões que permearam o espaço da sala de aula e que se foram registradas fez sentido para este aluno. Em seu esquema visual essas duas frases se conectam: “olhar apurado e curioso para a realidade → não endurecer os pensamentos em certezas.”

São duas frases que se conectam, mas que também atravessam essa dissertação. Elas se propagam até a docência profartista que propõe esse olhar atento e curioso para o mundo em que vivemos, mas também propõe que possamos experimentar, que sejamos autônomos com nossas escolhas. Uma docência que busca quebrar as certezas estabelecidas, para que possam nascer outras maneiras de olhar, de perceber, de sentir, de viver.

O aluno “R” (Figura 55) relata: “Experiência – Mosaico – Achei muito interessante e divertida a experiência de sair pelo CA (Centro de Artes) e criar mosaicos nas ruas. Foi algo bem diferente do que já fiz, porém muito gratificante. Meu grupo trabalhou muito bem e conseguimos criar o que foi pedido.” Ele faz o desenho de um mosaico, retratando a experiência. Ele ainda relata: “O mosaico sugere uma metáfora para a integração e conexão de diferentes formas na prática docente. Também simboliza a criação, abordando a ideia que a prática é enriquecida pela integração pessoal, criatividade e o papel formativo”. Aqui podemos perceber que a A/R/Tografia aparece implícita. É incrível as conexões

que eles fazem a partir de nossas trocas, vivências, experiências e discussões em sala de aula.

Essas percepções são possíveis pois previamente conversamos sobre eles estarem abertos a ouvir, a sentir, a olhar de outras maneiras, a questionar, a suspender os juízos de valor e as ideias pré-concebidas. Para que assim seja possível traçar outros caminhos, significar ressignificar nossa existência, fruir e adentrar no mundo da arte, assim como nos diz Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 120), “Desvelar/ampliar e propor desafios estéticos são como poção mágica, pó de pirlim-pim-pim, na possível experimentação lúdica e cognitiva, sensível e afetiva do poetizar, do fruir e do conhecer arte”.

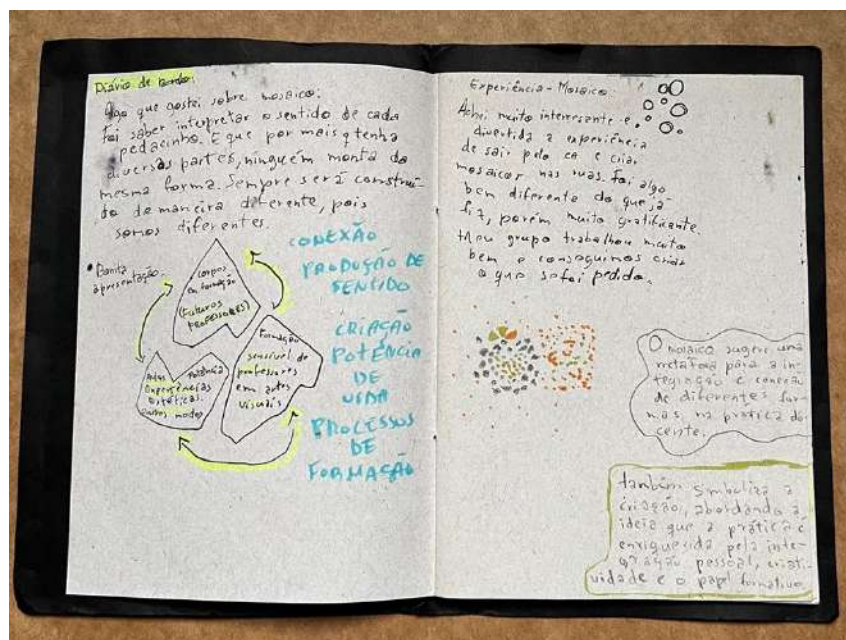


Figura 55. Percepções A/R/Tográficas. Aluno R. Fotografia do diário de bordo do aluno R. Acervo da autora, 2024.

Na escrita da aluna “S” (Figura 56), podemos perceber que a experiência do mosaico e a vivência deste dia foi cheia de sentido e significado para o seu próprio processo formativo profissional, mas também pessoal. A partir da sua escrita podemos perceber que houve interação, trocas, reflexões, ressignificação. Ela ainda finaliza este relato dizendo que durante sua volta pra casa ela sempre se recorda de mim, pois há um estabelecimento com a fachada de mosaicos (na verdade é uma casa toda de azulejos [pastilhas] coloridos). A memória afetiva também é despertada. E assim como nos diz Ana Mae Barbosa:

[...] aprender por meio da arte faz parte de uma educação integral, inclusive porque ajuda a desenvolver outras áreas do conhecimento, uma vez que os estudantes precisam mobilizar diversas habilidades, como a capacidade de interpretação, criatividade, imaginação, e os aspectos afetivos e emocionais, além da própria inteligência racional e das habilidades motoras (Barbosa, 2018).

A partir dessa ideia, e dos processos elaborados em sala de aula e aqui apresentados, podemos perceber que a aprender por meio da arte possibilita uma ampliação de pensamento. Logo, conteúdos, discussões, sensibilidade, criticidade, afetos, memórias acabam se conectando e passam a significar, ressignificar e fazer sentido em nossas vidas.

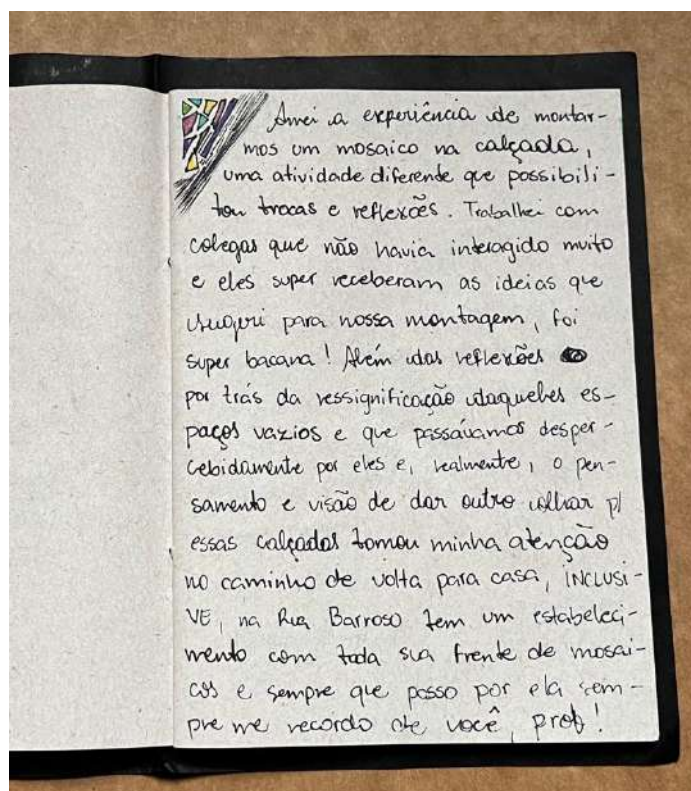


Figura 56. Percepções A/R/Tográficas. Aluna S. Fotografia do diário de bordo da aluna S. Acervo da autora, 2024.

No geral podemos perceber muitas conexões entre arte e vida, a experiência é consequência de todas essas conexões, ela vai acontecendo aula por aula, vai sendo significada e sentida, vai sendo esculpida por todas as partilhas que vivenciamos. Uma educação que é estética, que é sensível, que acolhe e respeita a diversidade e as diferentes realidades. Uma educação que integra, que os mostra que eles são capazes de ir além do que imaginam e tem força e potência para transformar. E aqui cito Paulo Freire (1979, p.84) “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas

transformam o mundo”. Percebemos formações, transformações, inspirações, criatividade, pensamento crítico e corpos afetados a partir dos estímulos lançados na minha ação de profartista. Abaixo (Figura 57), podemos ver de forma mais geral, mais alguns relatos deixados nos diários de bordo dos alunos sobre a experiência de construir/criar/partilhar o mosaico.



Figura 57. Mural de relatos. Diários de bordo das turmas. Acervo da autora, 2024.

Esses relatos também se conectam a ação de uma profartista em formação. No diário de número 1 a aluna relata: “Trabalhar com mosaicos na calçada foi super divertido! Foi ótimo fazer algo fora da sala com meus amigos, ficamos colocando musiquinhas engraçadas e tentando aprender a lidar com o cimento. Ela continua: “Ver o mosaico pisadinho foi tão incrível quanto fazer, saber que algo que eu ajudei a fazer tá incorporado na rua e sendo modificado e visto pelos outros é ótimo”.

No diário de número 2, a aluna relata: “Fazendo o mosaico: foi uma experiência em grupo muito satisfatória e única para mim”.

No diário de número 3, a aluna relata: *Cada um fez um pouquinho que no final ficou grandioso. Alguns grupos dividindo os mosaicos para que outros conseguissem acabar o trabalho. Uma grande equipe. Nosso grupo gostou tanto que fizemos um com pedaços que achamos no lixo do CA. A professora Jordana está de parabéns por nos proporcionar (ou me proporcionar) essa experiência que com certeza vai contribuir para nossa formação.*

No diário de número 4, a aluna relata: *“Experiência de fazer o mosaico foi no geral uma atividade enriquecedora... a interação com os colegas foi divertida”.*

No diário número 5, a aluna relata: *“Pertencimento. Percepção do espaço. Cooperação. Experiência. Trabalho conjunto. Arte e vida”.*

No diário de número 6, o aluno relata: *“A experiência de criar um mosaico coletivamente foi super interessante, mentes distintas criando junto, respeitando e acolhendo o espaço do outro”.*

A partir destes registros podemos perceber que a experiência em grupo realmente resultou sentido e significado, os levando a uma experiência de aprendizagem coletiva, mas também singular, que se deu em cada corpo de diferentes maneiras.

No último encontro com as turmas ministrei uma aula sobre a ditadura militar no Brasil. Este encontro aconteceu, para que fosse possível o entendimento de que a arte não é somente poética e agradável, mas ela é também política, podendo nos desestabilizar, nos causando até mesmo repulsa. Contextualizei a época, apresentei obras e algumas intervenções artísticas, como a obra *Trouxas Ensanguentadas* (1970) de Arthur Barrio, por exemplo.

Abordei o tema da censura na época, fazendo atravessamentos com a atualidade, pois ela ainda interfere na realidade em que vivemos hoje. Logo após fiz uma retomada das aulas anteriores, daquilo que partilhamos juntos, das trocas de experiências e dos conteúdos/discussões abordados. Então fiz uma atividade de encerramento, pedindo para que eles escrevessem em *post-its* que foram distribuídos: “Ser professor(a) é...”. E logo após, eles os colaram aleatoriamente em uma folha A3 (Figura 58). As frases e palavras foram escritas e coladas sem identificação dos estudantes, pois aqui, o importante é perceber o que eles acreditam que é ser professor(a) a partir de todas as nossas vivências e experiências. A partir da fotografia abaixo, podemos notar que muito do que eles trouxeram, também faço acontecer em minha prática docente.



Figura 58. Atividade Ser professor(a) é. Acervo da autora, 2024.

As palavras e frases escritas pelas turmas foram: Ser paciente e saber ensinar respeitando todos os pontos de vista; educar; é reconhecer e aprender sobre e com os alunos; troca de conhecimentos/vivências/experiências; comprometimento; inovação; estar sempre aprendendo; se reinventar e descobrir o mundo a cada dia; passar o conhecimento sem machucar; é um escultor de mentes; encantar e despertar; transformação; aprender enquanto ensina e ensinar enquanto aprende; saber amar; saber ouvir o aluno e ter paixão em ensinar; ter conhecimento do seu impacto na vida dos alunos; realinhar o conhecimento ao contexto; compartilhar conhecimentos; incentivar a criatividade; despertar o melhor lado; ser guia; fazer a diferença; instigar e cultivar; entender as realidades; conexão; apresentar o mundo aos alunos; resistir; se entregar para ensinar.

Após a atividade, conversamos sobre o ser professor, sobre aquilo que foi registrado nos *post-its*. A partir dos relatos e das falas pude perceber que eles enxergaram/sentiram que aquilo que foi registrado também faz parte da minha docência profartista. Nesse sentido, acredito que a resposta do problema de pesquisa, que está voltado para a experiência estética, se conecta fortemente ao conceito profartista, o qual proponho nesta dissertação. Aqui falamos o tempo inteiro de experiências, de vivências, de partilhas, de afetos, de docência, de educação, de diversidade e diferentes realidades. Aqui é possível perceber que o aprendizado aconteceu, que a sensibilidade aflorou, que eles se conectaram aos temas e práticas que desenvolvemos ao longo deste processo.

Gostaria também de mostrar alguns dos resultados das aulas que não conseguimos realizar atividades práticas em conjunto, pois o semestre estava com tempo reduzido e era preciso cumprir alguns conteúdos. Não tivemos prática coletiva, porém alguns dos estudantes faziam anotações e desenhos em seus diários durante a aula. Podemos perceber que nesses registros aparecem frases dos textos que trabalhamos, desenhos, conexões entre arte, vida e educação.

No mural de imagens sobre a aula com o tema “Ser professor” (Figura 59), podemos observar diversos esquemas, frases, desenhos, colagens. Durante essa aula comentei com as turmas sobre a metamorfose da lagarta, que forma a ela mesma, se tornando uma borboleta. Fiz atravessamentos com aquilo que falam as autoras Amorin & Castanho (2008, p.1167) “é-se professor ao construir-se professor”. Nos diários então, aparecem imagem (borboleta) e frases que se referem a esta passagem. Outra percepção é a questão da sensibilidade que inclusive, aparece com frequência nos registros, atravessando a ideia de uma educação sensível, tema que também foi desenvolvido e discutido em sala de aula.

No mural de imagens da aula sobre o tema “Modos de vida contemporâneo e capitalismo” (Figura 60), podemos perceber diversos desenhos críticos voltados para este assunto. Desenhos que nos mostram sobre poluição, sobre a nossa vida que parece ser programada (modo automático), inclusive sobre o uso excessivo das telas, que nos tornam zumbis. O personagem Sonic aparece trazendo a ideia de que estamos vivendo e que as coisas passam rápido demais. Uma das alunas cria uma *playlist* com base na

aula e sobre a sociedade em que vivemos, entre as músicas selecionadas por ela, está a canção Geração Coca-Cola, do grupo Legião Urbana que inicia a letra dizendo “Quando nascemos fomos programados”, entre outras que também dizem sobre a sociedade contemporânea.

No mural de imagens da aula sobre o tema sobre a “Ditadura Militar no Brasil” (Figura 61), aparecem registros sobre liberdade artística, desenhos que criticam a censura, e registros sobre o que foi apresentado e discutido em sala de aula. Este encontro foi desenvolvido para que as turmas tivessem outro tipo de contato com a arte, deixando evidente que ela é política, e que pode nos causar estranhamento.

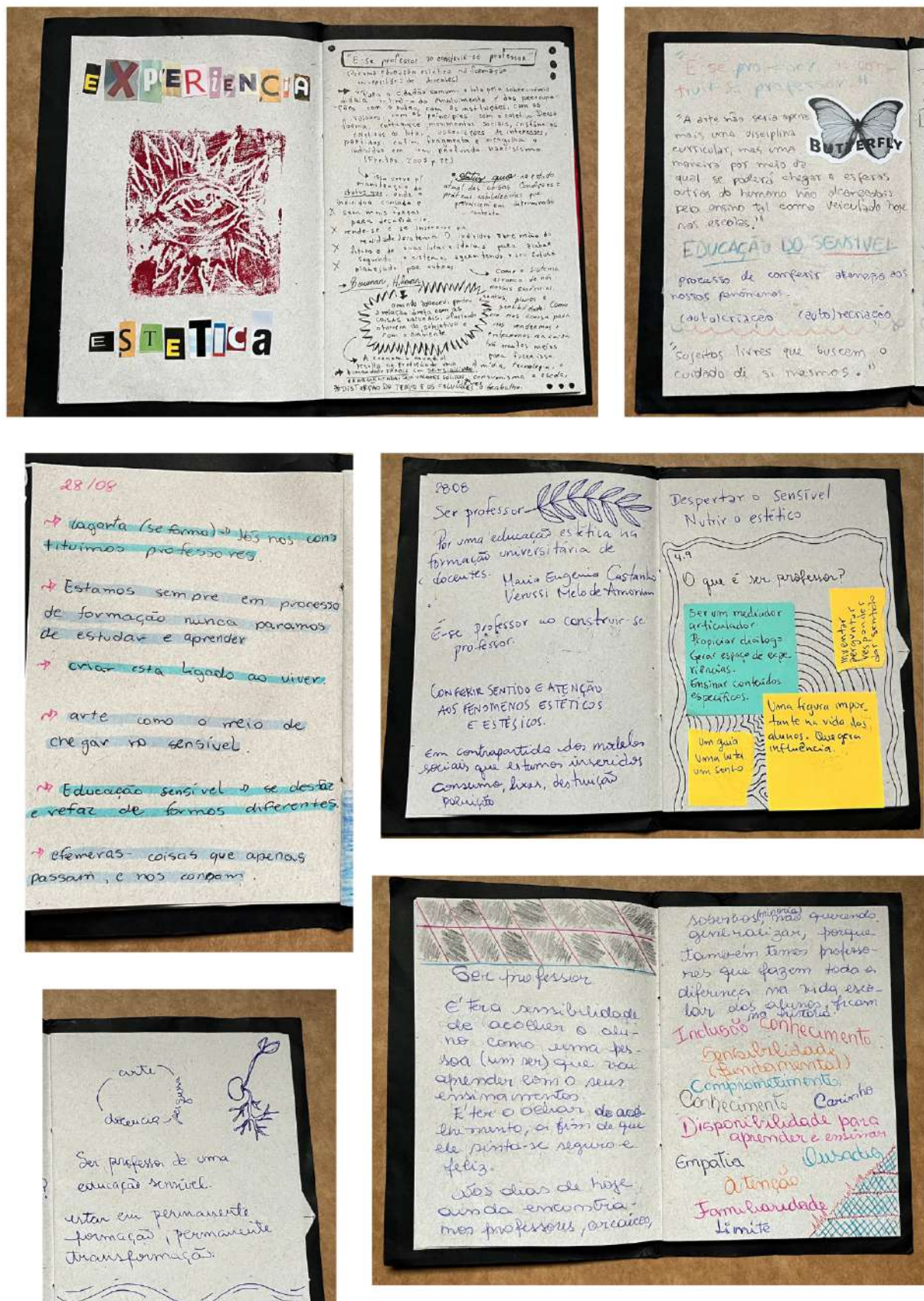


Figura 59. Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema "Ser professor".
Acervo da autora, 2024.



Figura 60. Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema “Modos de vida contemporâneo e capitalismo”. Acervo da autora, 2024.



Figura 61. Registros das turmas nos diários de bordo sobre o tema "Ditadura Militar no Brasil". Acervo da autora, 2024.

Após essas atividades, a professora titular assumiu novamente as turmas e em uma das últimas atividades do semestre ela propôs que os alunos fizessem duas fotografias, uma delas representando a escola que temos e a outra representando a escola que queremos. As turmas podiam se deslocar dentro e fora do prédio para fazer as fotos. Na última aula do semestre um dos alunos (Z) se dirigiu até mim e mostrou o trabalho que ele desenvolveu, o qual podemos ver abaixo (Figuras 62 e 63):

A escola que temos:

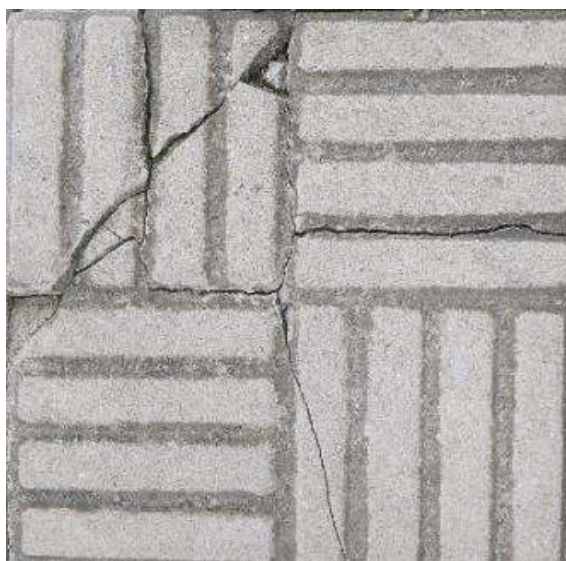


Figura 62. Fotografia representando a escola que temos. Arquivo de aluno, 2024.

Visualidade: A imagem retrata um ladrilho cinza, com quadrados e linhas geométricas e simétricas, de cor cinza, com uma rachadura em quase todo o material. Está localizado no chão, perto da porta de entrada da segunda unidade do Centro de Artes (Aluno Z, 2024).

Símbolo: A imagem representa a escola como um sistema padronizado e controlador, simbolizado pelo uso do cinza e de formas geométricas e simétricas, que mostram como a criatividade e a individualidade são reprimidas. No entanto, as rachaduras presentes revelam as falhas do sistema, sugerindo que, apesar da tentativa de uniformizar os alunos, a individualidade sempre encontra uma forma de escapar (Aluno Z, 2024).

A escola que queremos:



Figura 63. Fotografia representando a escola que queremos. Arquivo de aluno, 2024.

Visualidade: A imagem retrata um mosaico, com diversos fragmentos de ladrilhos de cor rosa, azul, amarelo, bege e verde, ligados por uma massa de cimento. Está localizado no chão, na calçada em frente à segunda unidade do Centro de Artes. (Este mosaico foi feito pelo meu grupo, para a aula da professora Jordana) (Aluno Z, 2024).

Símbolo: A imagem do mosaico, com suas cores e formas diversas, simboliza a escola ideal: um espaço inclusivo, onde cada indivíduo, com suas singularidades e “falhas”, é valorizado. Assim como o mosaico, a escola é construída coletivamente, acolhendo todas as perspectivas e promovendo uma educação que celebra a diversidade e a colaboração, tornando o ambiente mais rico e completo (Aluno Z, 2024).

A partir da escrita deste aluno, podemos perceber como esta prática de criar o mosaico e perceber o processo de criação desta dissertação fizeram sentido para ele, para além dos conteúdos. Essa significação adentra em sua vida, fazendo com que ele idealize a escola que deseja, a simbolizando com uma fotografia do mosaico construído pelo seu grupo.

Aqui o profartistar se faz presente em potência e se conecta com a poética dos mosaicos, com prática em sala de aula e também com a vida. É gratificante acompanhar estas significações e trans(formações) e perceber que a minha docência profartista sensibiliza e reverbera em seus corpos.

Além de todos esses relatos e registros de experiência, ainda identifiquei diversas mensagens que estavam escritas nos diários de bordo, direcionadas a mim. Julgo importante partilhar estas mensagens, pois elas também refletem uma docência profartista. Não podemos negar que experiências estéticas aconteceram, e que a partir delas é possível despertar também, o interesse e a paixão por lecionar, é possível inspirar para a docência. Abaixo podemos ver o recado da aluna “T” (Figura 64).

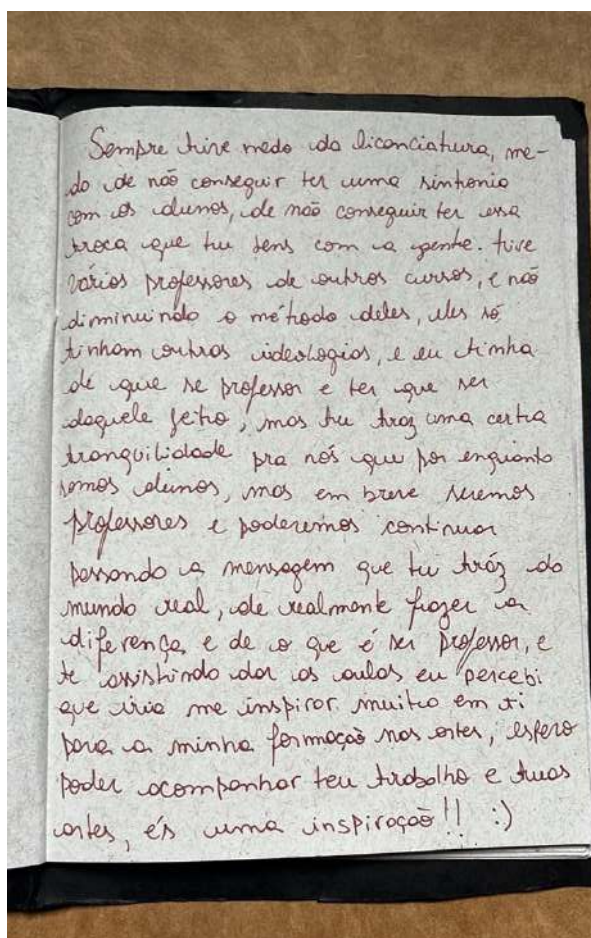


Figura 64. Recadinhos. Aluna T. Acervo da autora, 2024.

Palavras que atravessaram meu corpo e inspiraram ainda mais minha busca por uma trans(formação) sensível, estética, criativa e crítico-reflexiva, que compõem essa artista-pesquisadora-professora. Consegui de fato me conectar com os estudantes. A experiência aconteceu.

E seguem os recadinhos (Figura 65):

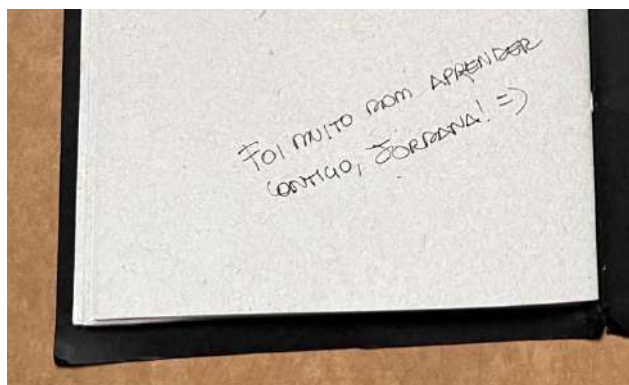
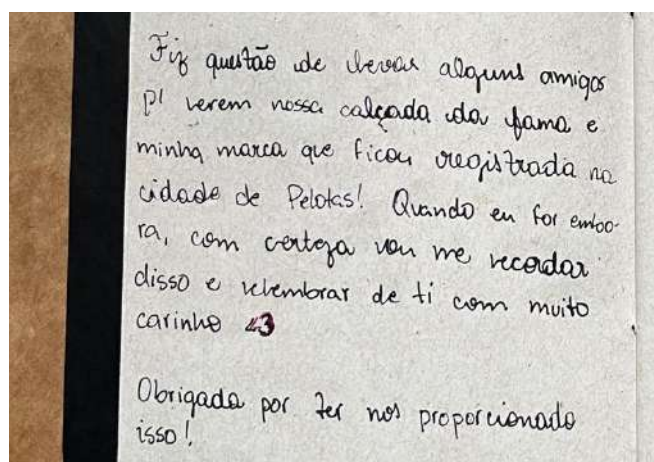
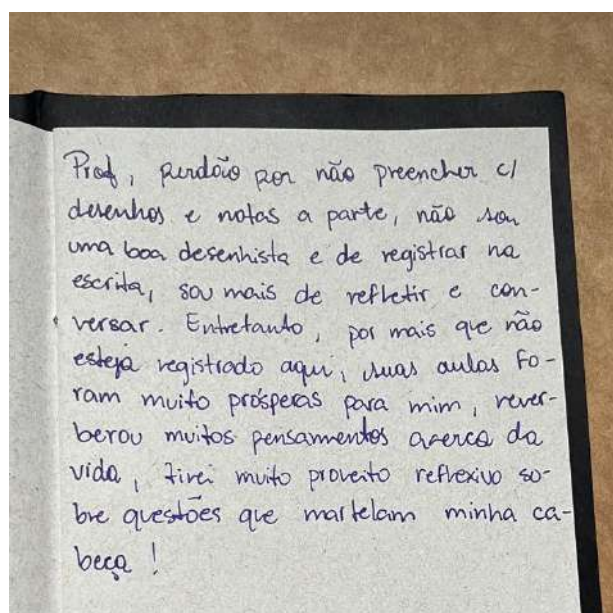
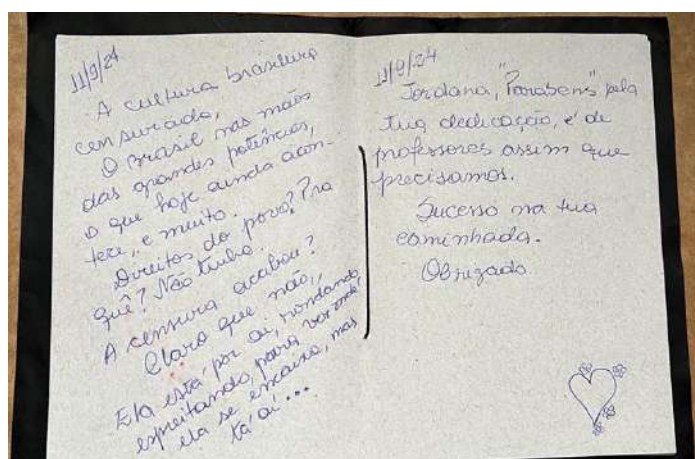


Figura 65. Mural de Recadinhos. Acervo da autora, 2024.

O aluno "U" (Figura 66), deixa um recado na última página preenchida do seu caderno e relata: "Muito obrigado Jordana, pelas ótimas aulas que ministrou, adorei sua metodologia de ensino, acho que nos integrou bastante. Queria terminar o semestre com você, mas o que já vivemos foi demais. Uma experiência incrível".

Esse relato vai além do direcionamento a mim como pessoa, mas também fala sobre o significado e a potência das experiências e vivências que tivemos neste curto período em que tive o prazer de ministrar.

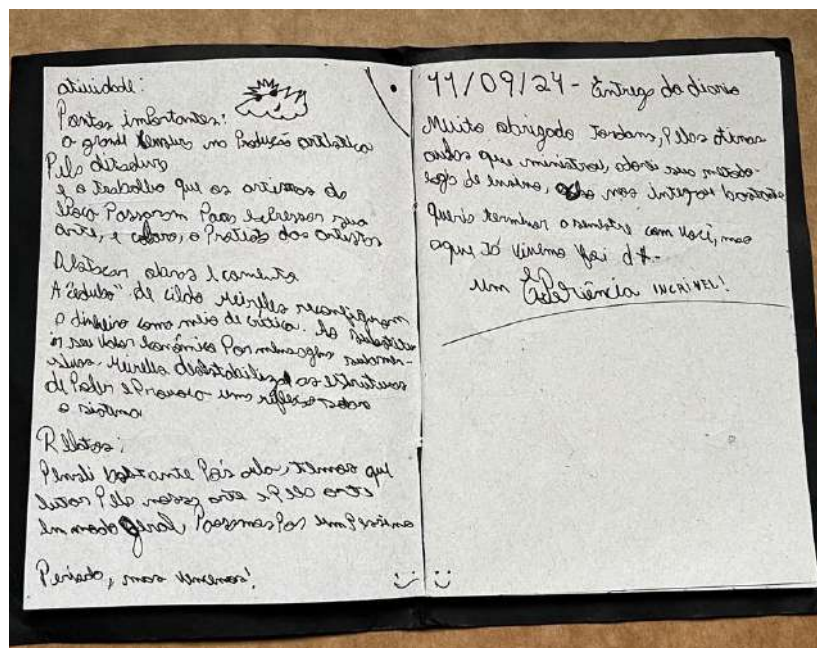


Figura 66. Recadinhos. Aluno U. Acervo da autora, 2024.

Além desses registros lindos e potentes, fui presenteada por uma das alunas com tesselas (Figuras 67 e 68). Diferentes azulejos que ela relatou ter em casa e que lembrou de mim, da minha pesquisa e da nossa atividade, e então resolveu me presentear. Essas pecinhas (azulejos) serão utilizadas para dar vida a um novo mosaico futuramente.



Figuras 67 e 68. Fotografias dos azulejos que uma aluna me presenteou. Acervo da autora, 2024.

Profartistando chegamos ao desfecho desta pesquisa. Foi possível perceber que o profastistar é uma docência sensível, que atua sobre os corpos dos estudantes, despertando afecções, trocas, potência de vida e experiências estéticas. Essas, nos possibilitam expandir nosso olhar, nos tomam por inteiro, produzem efeitos e deixam marcas e vestígios em nossos corpos. Conceito aberto, e que também se refere ao modo desta artista-pesquisadora-professora de tramar sua ação docente, com sua pesquisa e a partir daí desenvolver sua própria produção em arte. Essa é uma das principais características pelo qual o profartistar se diferencia. Antes de vivenciar a experiência de ser mestrande, ainda não me reconhecia como artista. Foi algo que se deu no entre, entre a pesquisa (A/R/Tografia) e a docência. A experiência então, acontece em meu corpo e ele se forma e se transforma em uma profartista.

Acredito que a experiência estética aconteceu, o espaço da sala de aula se tornou um espaço de afetos e efeitos sobre os corpos. Um dos principais motivos por pensar desta maneira, se deu no processo, na construção daquilo que foi coletivo (mosaicos), mas também individual (diários de bordo), e que se estende até nossas vidas, assim como foi possível perceber nos relatos e registros deixados nestes diários. A partir de nossos olhares também sentimos, experimentamos, significamos, refletimos e registramos, acerca daquilo que foi visto. Os registros são modos de corporificar aquilo que percebemos, de construir um pensamento criativo, o que também é importante de ser desenvolvido em sala de aula. Os diários de bordo refletem a diversidade de pensamentos, sentido e significação que as aulas despertaram.

Foi possível perceber que a prática docente sem a experiência estética, sem a vivência, não faz tanto sentido para eles, do que quando eles experienciam, quando vivem aquela aula, quando experienciam aquele fazer, que mesmo sendo técnico é também artístico e fruidor. Por mais que as aulas expositivo-dialogadas tenham sido importantes, reflexivas e críticas, pude perceber o quanto a prática significou. A experiência estética desperta memórias, afetos, sensações, sentidos, estesia... ela faz sentir e, por isso, acaba fazendo sentido, cria conexões, os faz pensar enxergar por outras perspectivas.

Ainda por meio dos registros que aparecem nos diários de bordo, é possível perceber o envolvimento com o componente curricular. Houveram reflexões por meio de diferentes técnicas. O pensamento crítico se fez presente

em frases, desenhos, esquemas, escritas, etc. Os resultados foram surpreendentes para turmas que estão chegando no ambiente universitário, onde recentemente cursaram primeiro semestre. Por meio destas análises diversos desdobramentos se tornaram possíveis, diversas conexões que aconteceram entre arte, educação e vida.



5. ÚLTIMAS REVERBERAÇÕES POR AQUI...

5. ÚLTIMAS REVERBERAÇÕES POR AQUI...¹⁶

Concluir¹⁷ esta dissertação de mestrado foi um enorme desafio, mas também, uma potente experiência que ainda reverbera em meu corpo, e continuará a reverberar durante meu viver. O sensível aflorou (nos corpos docente/discentes), e então foi possível perceber a potência e a importância de proporcionarmos experiências de caráter estético nos ambientes educativos, para uma aprendizagem com mais sentido e mais significativa.

Esta escrita esteve voltada para a importância da potência das experiências estéticas para a formação discente/docente¹⁸ em Artes Visuais, e foi realizada na Universidade Federal de Pelotas/RS. Teve como sujeitos de pesquisa, turmas de discentes do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais do ano de 2024.

Através deste trabalho foi possível perceber que a experiência estética é de suma importância nos processos educativos de todos os níveis, porém o foco desta pesquisa está voltado para estudantes que estão ingressando no primeiro semestre da graduação, e que no futuro irão se tornar professores de Artes Visuais. É possível perceber também que o contexto de mundo contemporâneo em que vivemos realmente anestesias os corpos e o poder de reflexão crítica dos estudantes. Porém a maneira profartista de abordar os conteúdos, realizando atividades que fizeram sentido e que foram significativas para os estudantes, fez com que a experiência estética acontecesse, potencializando o pensamento, a criticidade, a criatividade, a autonomia e o ser sensível que habita em cada um deles.

Essas experiências transitam entre a teoria e a prática, transformam nosso (docente e discente) fazer em um fazer A/R/Tográfico. Experiências que fazem do aprender mais sensível, mais significativo e integral. Experiências e

¹⁶ O título deste capítulo, se refere às últimas reverberações que apareceram no texto, mas ainda assim continuarão a reverberar em meu corpo e possivelmente também nos corpos dos estudantes - futuros professores de artes visuais. E talvez em vocês leitores, após trilharem esta escrita. A forma como cada leitor vai significar o que venho escrevendo nestas páginas é singular, por isso as tesselas que abrem o capítulo estão dadas, para que cada um possa transformá-las em seu próprio mosaico, fazendo suas próprias conexões.

¹⁷ Acredito que esta dissertação não é uma escrita conclusa, mas um lugar de abertura que poderá possibilitar transformações.

¹⁸ Discente pois também me coloco como corpo ativo e aprendente desta pesquisa.

vivências que nos formam, mas também nos transformam de forma profissional, mas também pessoal, que nos possibilitam enxergar por diferentes perspectivas e olhar para o mundo de maneiras diferentes, com pensamentos mais críticos e reflexivos.

Ao me deslocar e fazer pesquisa, começo a me enxergar não só como professora/pesquisadora, mas também como artista. Quando no caminhar começo a pensar sobre a relação da construção do conhecimento como mosaico, e passo a dar vida para o mosaico de azulejos e para o mosaico de espelhos (Reflexo do Viver). Ainda neste processo de A/R/Tografar, desloco os mosaicos para o cotidiano, como intervenções urbanas, algo que acontece paralelamente as aulas ministradas, pois as trocas em sala de aula potencializam ainda mais meu fazer artístico.

Foi possível pensar, perceber e refletir sobre a minha própria formação, sobre meu fazer como docente, mas também como artista. E ainda foi possível refletir sobre a formação em arte dos futuros professores, que foram sujeitos desta pesquisa, observando que o modo autoral que proponho (profartistar) despertou experiências sensíveis, estéticas e únicas para os estudantes.

Retornando à questão de pesquisa “Qual a potência das experiências estéticas na formação de professores em Artes Visuais?”, pude perceber que as experiências de caráter estético formam os alunos além dos conteúdos da universidade, indo de encontro à suas vidas. Elas deixaram afetos, marcas e vestígios em nossos corpos. Elas potencializam nosso ser para a criação de sentido e significado, para o pensamento crítico e reflexivo, para uma educação mais integral e mais sensível. Experiências que nos desnudam por inteiro, fazendo com que proposições pedagógicas se tornem experiências de vida, carregadas de sensações, sentido e sentimento. Dar significado ao conhecimento, perceber por diversas perspectivas, partilhar diferentes visões de mundo, experienciar práticas que se tornam vivência. Mas além das palavras aqui escritas, podemos perceber que o espaço da sala de aula se torna um espaço do acontecer, onde experiências, vivências, partilhas, aprendizados, formações acontecem simultaneamente, e em conexão. Os resultados são os mais diversos e podemos perceber pelos registros nos diários de bordo artesanais, pelo envolvimento das turmas nas atividades propostas e nas discussões em sala de aula, pela relação de conexão que tivemos durante

nossos encontros. A potência das experiências estéticas, tornam-se também, potência de vida. Percebi o processo de formação dos estudantes, mas também meu próprio processo de formação. Nesse percurso me constituí e me tornei artista-pesquisadora-professora. Experienciamos, vivenciamos, sentimos e construímos em coletivo. Por meio do profartistar e do tripé de tesselas – [1] Corpos em processo de formação, [2] Formação sensível de professores em Artes Visuais, [3] Aulas potência/experiências estéticas - que o sustentam, foi possível proporcionar um espaço de sala de aula mais atrativo, sensível e estético. Tesselas para afetar os corpos, para potencializar a produção de sentido, para sensibilizar, para olhar a vida por diferentes perspectivas e para despertar experiências e vivências estéticas. Uma proposição pedagógica aberta, que potencializa o espaço da sala de aula a se tornar um espaço do acontecer, que é regado de arte, de vida, de saberes, de conhecimento, de sensibilidade, de pensamento crítico-reflexivo, abrindo espaço para diferentes possibilidades de se trabalhar com o ensino de arte.

Por meio dos dados analisados, pude perceber que os alunos se envolveram com as atividades propostas, A/R/Tografaram em seus diários de bordo e contribuíram para que esta pesquisa pudesse acontecer e o profartistar pudesse viver. Relatos, registros, desenhos, colagens... que demonstram a relação que estabelecemos durante o semestre, durante as práticas, durante as discussões e falas em sala de aula, e até durante os encontros aleatórios nos corredores da universidade. O contato com a diversidade de alunos foi incrível, cada um me ensinou algo a partir das discussões, das práticas, das experiências, e das trocas que vivenciamos.

Construir mosaicos nas calçadas do entorno da universidade foi uma experiência que atravessou os corpos e despertou nos mesmos a ideia em que penso o profartistar e a construção do conhecimento. Nos diários de bordo das turmas, aparecem relatos deslocando a ideia do mosaico para suas próprias vidas, ou seja, eles criaram um sentido próprio para o mosaico a partir de suas próprias vivências.

As trocas foram mútuas. O profartistar aconteceu. Vivenciamos experiências, dialogamos, pensamos criticamente sobre os temas abordados, e então a sala de aula se transformou em um espaço de acontecimento, de vivência, de experiência. Que seja sempre possível transformar, vivenciar,

experimentar, trocar, discutir, pensar.... Que a arte e a educação sejam sempre potência de vida.

O professor se torna professor ao constituir-se, ao formar-se, ao escolher os caminhos da docência. Caminhos que o transformam por inteiro, e que ao nos transformar, também nos formam.

Diante desta atuação neste processo, também pude fortalecer e refletir sobre os conhecimentos adquiridos no caminhar de minha formação acadêmica, pois ao ensinarmos também aprendemos. Ao ensinarmos há diversas possibilidades para que as trocas entre docente e discentes sejam potencializadas. No cerne dessas trocas está o aprendizado, tanto profissional, quanto pessoal, pois antes de sermos professores, somos sujeitos que vivem, atuam e podem transformar a realidade. E aqui, minha realidade como docente também se transforma, pois logo mais poderei atuar em um contexto universitário, que é diferente do contexto escolar. Poderei formar professores de Artes.

O caminhar artista-pesquisador-professor me possibilitou experiências que não irão se repetir, mas que ficarão inscritas e marcadas em meu corpo, em meu ser. Experiências que me formam como professora, mas também como artista, pesquisadora, e acima de tudo como mulher, como ser sensível. Experiências de caráter sensível, estético. Experiências de vida, trocas do viver.

Ministrar aulas na universidade é um misto de sensações, estesias... É um aprender para a vida e com a vida. É estar aberto a acolher, a sensibilizar, a educar, a conscientizar, a respeitar. Este processo de me enxergar entre ser aluna (mestranda) e professora, é o que me possibilita perceber que serei eternamente aluna, pois continuaremos sempre em transformação, e então virão novos aprendizados. A partir daqui, irei seguir caminhando em busca de uma formação sensível, estética, contextualizada, criativa, para que seja possível complementar ainda mais o meu processo formativo como docente em Artes.

Inventar e reinventar minha própria maneira de ser e estar em sala de aula, minha própria maneira de ser professora, buscando disparar experiências que afetem os corpos dos alunos. Experiências os formem e os transformem, que atinjam suas subjetividades e os façam pensar diferente do que pensavam, os façam sentir diferente do que sentiam, os façam ressignificar e buscar novos significados, e que os façam desenvolver suas potencialidades ao máximo, tanto

as sensíveis como as críticas e reflexivas. Uma pesquisa em educação baseada em arte, que é capaz de abrir possibilidades de espaços propositores em sala de aula, fazendo emergir novas formas de pensar/ser/estar/atuar no mundo. Inventar, devanear e continuar transformando pensamentos por meio da educação e da arte, é também um modo de resistir e de re(existir).

6. REFERÊNCIAS

Acervo Lygia Clark. **Obra: Nós somos os propositores, 1968.** Disponível em <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59279/nos-somos-os-propositores>>. Acesso em 21 de junho de 2023.

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada.** Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008b.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES, Daniele de Sá. **Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas.** 2019. 155 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ALVES, Rubem. **“Sabedoria bovina”**, em Correio Popular, Campinas, 19/04/1998.

AMORIN, V. CASTANHO, M. **Por uma educação estética na formação universitária de docentes.** Revista Educação Social. Vol. 29. N. 115. (p.1167-1184). Campinas/SP, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística.** São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200p.: 33il. p&b - (Arte & Ensino). ISBN: 978-85-87073-55-6.

BARBOSA, A.M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2018. [e-book].

BETLINSKI, Carlos. **Notas sobre cinema e experiência de formação estética.** In: PUCCI, Bruno. et. al. A atualidade da Teoria Crítica na era global. São Paulo: Nankin, 2016.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 30/09/2024.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura.** LDB - Lei no 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em 30/09/2024.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens: filosofia da diferença e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica**. Revista DA FUNDARTE, Montenegro, ano 11, n. 21, janeiro/junho 2011. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221018/000820192.pdf?se> . Acesso em 29/09/2024.

COSTA, Rita; PILLOTTO, Silvia; STRAPAZZON, Mirtes. **A pesquisa A/R/Tográfica no território da pedagogia e das sensibilidades**. Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.35, p.31-52, fev-mai 2023.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

DIAS, Belidson. "Preliminares: A/R/Tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. (L.Orlandi & R. Machado, Trads). Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. **Espinosa – Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DESCARTES; R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEWEY. J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. **Entrevista João Francisco Duarte Júnior**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 12, n.3, p.362-367, set./dez. 2012.

DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

DUARTE JR, João-Francisco. **Porque arte-educação?** São Paulo: Papirus, 1991.

DUARTE JR, João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Papirus, 1988.

FARINA, Cynthia. **Políticas do sensível no corpo docente** - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. Revista Thema. v.7, n.1, p.01-13, 2010.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FURMANN, Ivana; JUNGE, Lindamir. **Corpo Arte: Uma provocação de transmutação**. In: SOUZA, Marco Aurélio; CARVALHO, Carla (Orgs). **Arte e estética na educação: Corpo sensível e político**. Editora CRV. Curitiba, 2020.
- GOMBRICH, Ernst H. **A História da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- HILST, Hilda. **Cascos e carícias**. São Paulo: Nankin, 1998.
- IRWIN, Rita. **A/R/Tografia: uma mestiçagem metonímica**. In: BARBOSA, A. M.; AMARAL, L. (org.). **Interritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Senac; Edições Sesc, 2008. p. 87-104.
- JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução de Fulvia M. L. São Paulo: Ática, 1996.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- KASTRUP, V. **Aprendizagem, arte e invenção**. Revista Psicologia em Estudo, v.6 n.1, p. 17-27, jan/jun de 2001.
- LARROSA, B. Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n.19 (Jorge Larrosa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística).
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**. Revista educação, v.31, n.02, 2006. Universidade Federal de Santa Maria/RS. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1540/852> . Acesso em 20/09/2024.
- MARTINS, Mirian Celeste (org). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro de 2005.
- MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria. **Teoria e prática do ensino de arte: A língua do mundo**. Coleção Teoria e Prática - Editora FTD S.A, São Paulo/SP, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste. **Arte, só na aula de arte?**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

MATURANA, H., & Varela, F. (1995). **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy II.

MENDES, SAVIO DAMATO. **Acontecimento: A Aula como Obra de Arte'** 14/03/2019 177 f. Doutorado em LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFJF. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7988177>. Acesso em 19 de setembro de 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. (2005). **O visível e o invisível**. São Paulo, Editora Perspectiva.

MERLEAU-PONTY, Maurice. (2006). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche Hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Stuenausgabe*. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim; Nova York: Walter de Gruyter, 1988.

NÓVOA, António, coord. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

PEREIRA, V. Marcos. **O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação**. *Pro-Posições*, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 183-195, fev. 2012.

RAMIRES, Mario. **Formação docente e potência das imagens como pensamento**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2023.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). *O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.

ROCHA, J; MORARES, D. **Intervenção Urbana: a liminaridade entre arte e espaço público**. *Revista Ponto de Vista*. N.8, V.1. 2019.

RODEGHIERO, Thiago. **Obra-Aula: Processos, procedimentos e criação de uma docência passarinho'** 17/07/2019 154 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7923610>. Acesso em 19 de setembro de 2023.

SILVA, Luciana B. **Instalação: espaço e tempo**. Tese. Doutorado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, U. R.; LORETO, M. L. S. **Elementos de Estética**. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, v. 01. 120p, 2003.

SPRINGGAY, S ; IRWIN, R . L; LEGGO, C; GOUZOUASIS, P. (Org.). **Being with a/r/tography**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

VALIM, F.C. Natália. **Professor-Pesquisador-Artista. Reflexões para uma prática pedagógica artística**. São Paulo, 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, orientada pelo professor Dr. Agnus Valente.

APÊNDICE I - GALERIA VISUAL DE PERCEPÇÕES A/R/Tográficas

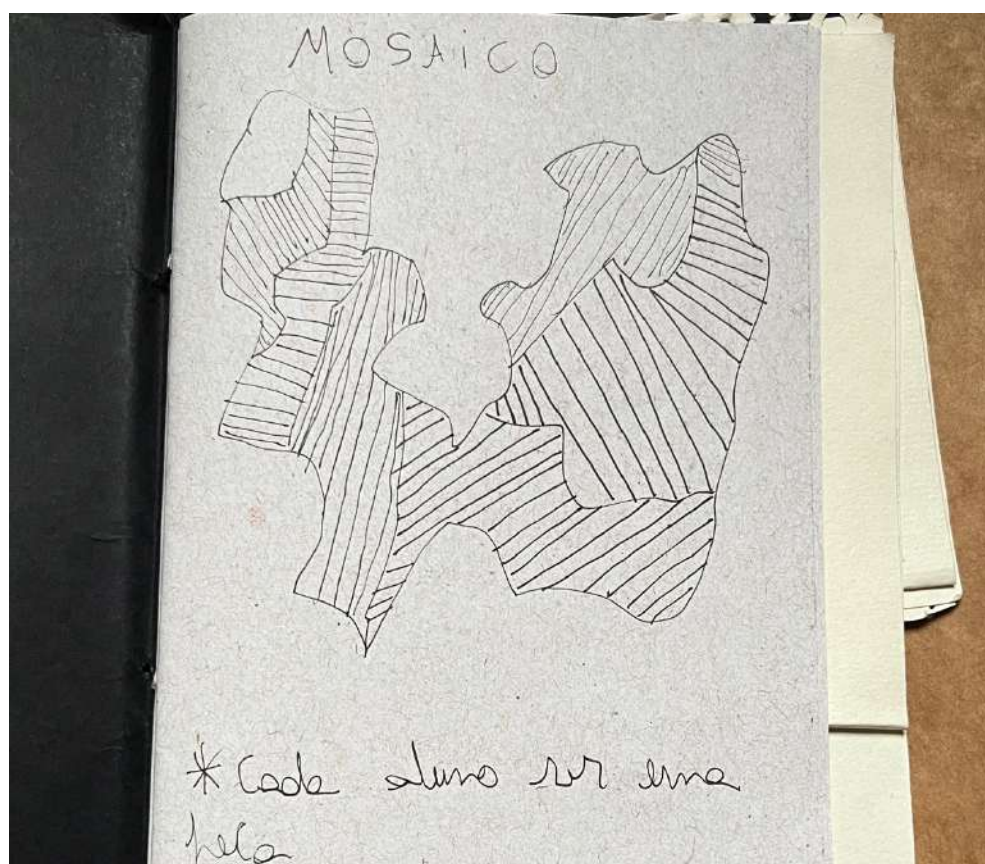


Figura 69. Fotografia do diário de bordo do aluno 1. Acervo da autora, 2024.



Figura 70. Fotografia do diário de bordo da aluna 2. Acervo da autora, 2024.



Figura 71. Fotografia do diário de bordo da aluna 3. Acervo da autora, 2024.

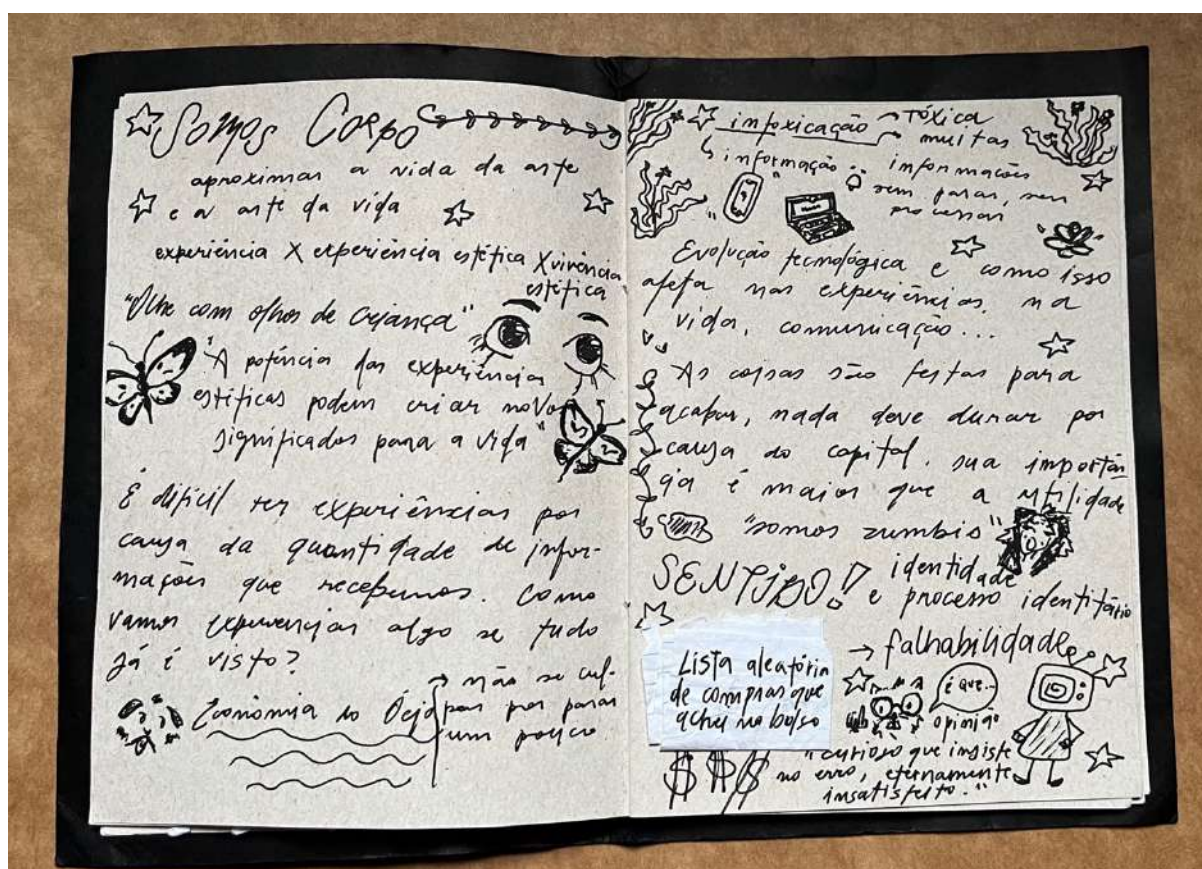


Figura 72. Fotografia do diário de bordo da aluna 4. Acervo da autora, 2024.

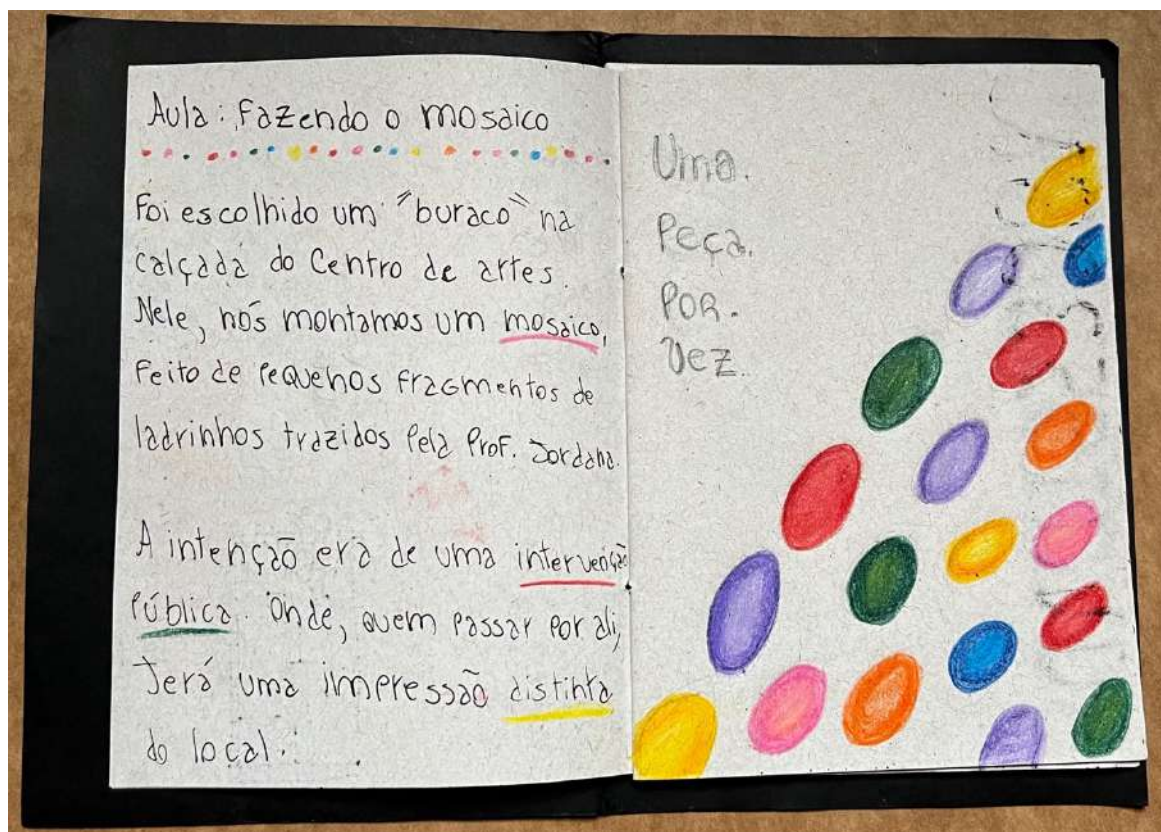


Figura 73. Fotografia do diário de bordo da aluna 5. Acervo da autora, 2024.

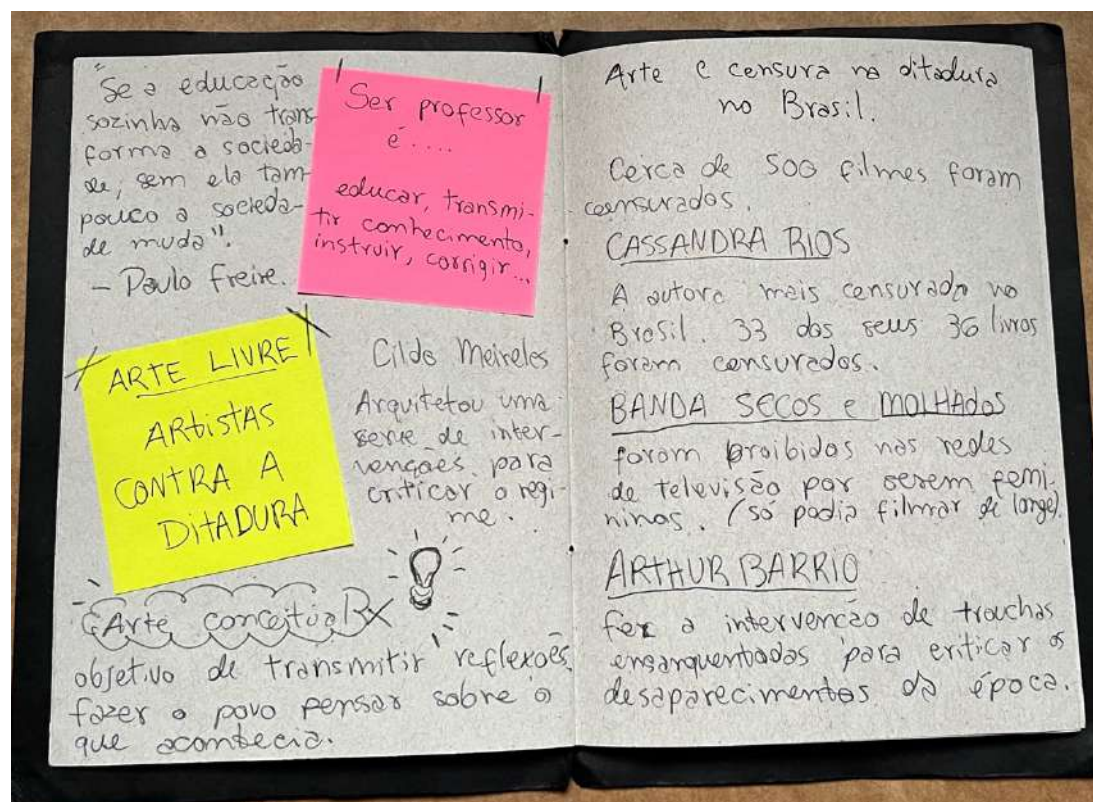


Figura 74. Fotografia do diário de bordo da aluna 6. Acervo da autora, 2024.

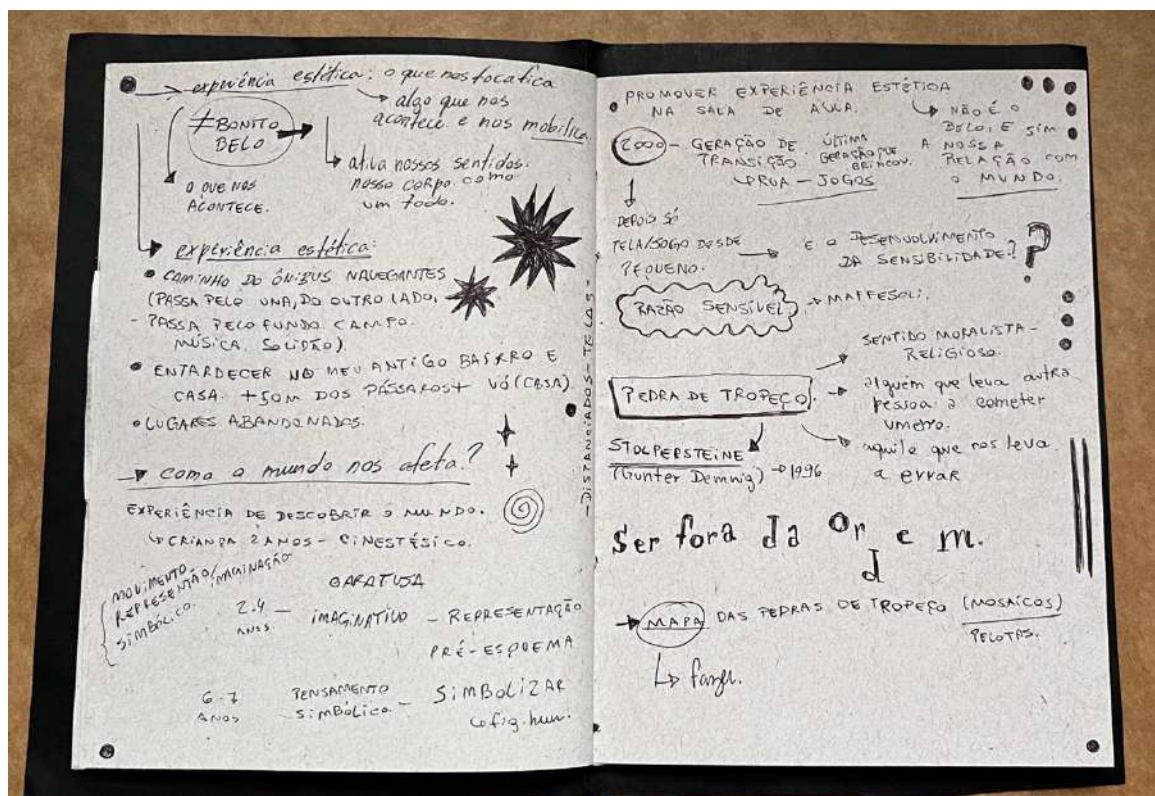


Figura 75. Fotografia do diário de bordo da aluna 7. Acervo da autora, 2024.

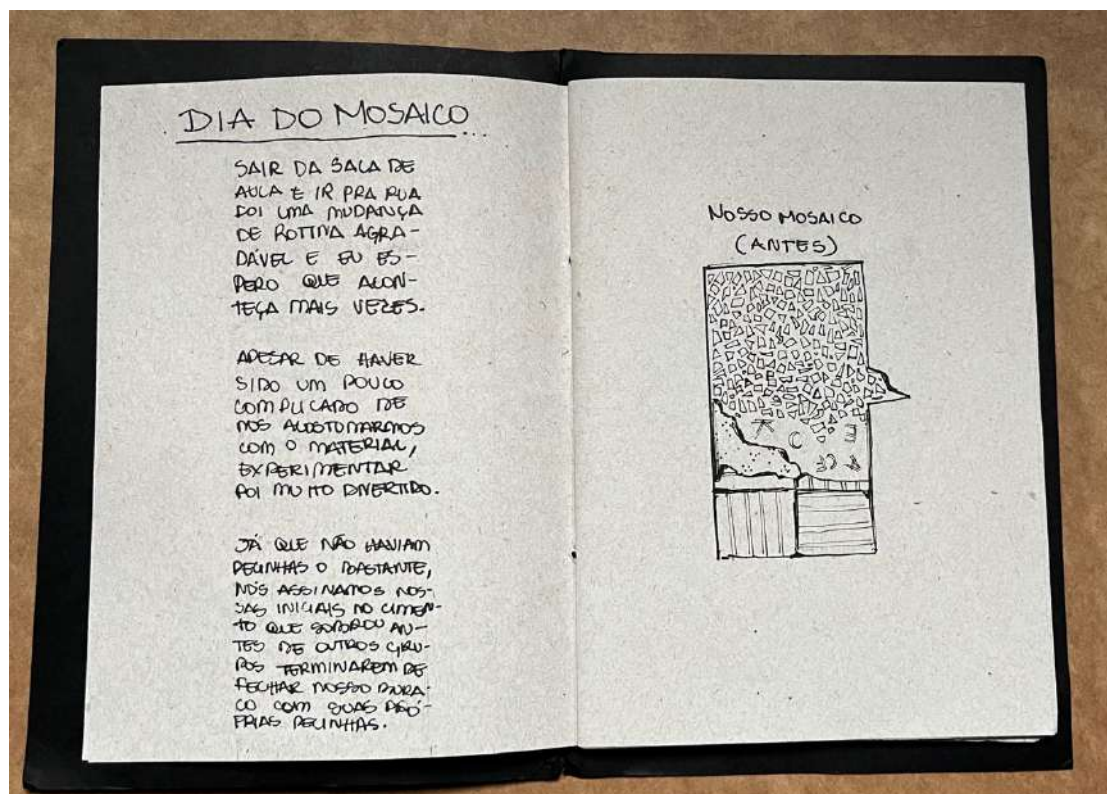


Figura 76. Fotografia do diário de bordo da aluna 8. Acervo da autora, 2024.



Figura 77. Fotografia do diário de bordo do aluno 9. Acervo da autora, 2024.



Figura 78. Fotografia do diário de bordo da aluna 10. Acervo da autora, 2024.

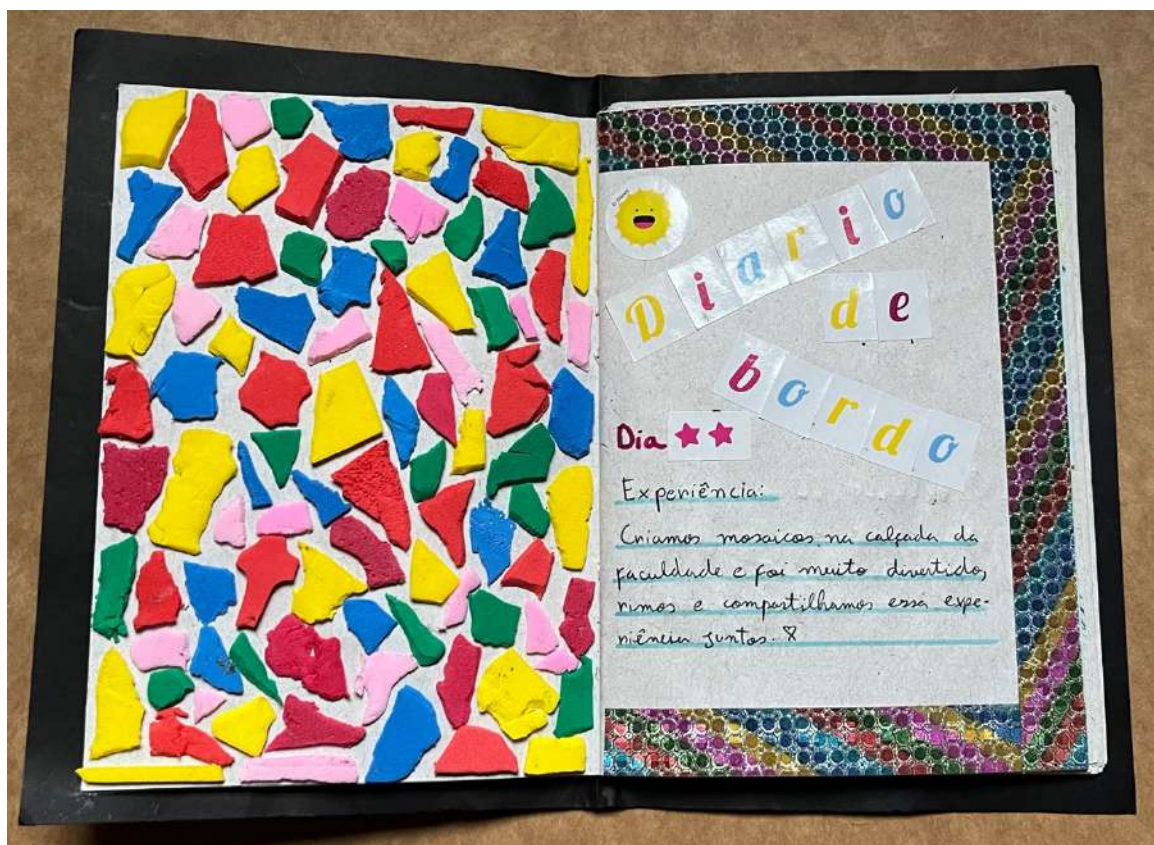


Figura 79. Fotografia do diário de bordo da aluna 11. Acervo da autora, 2024.

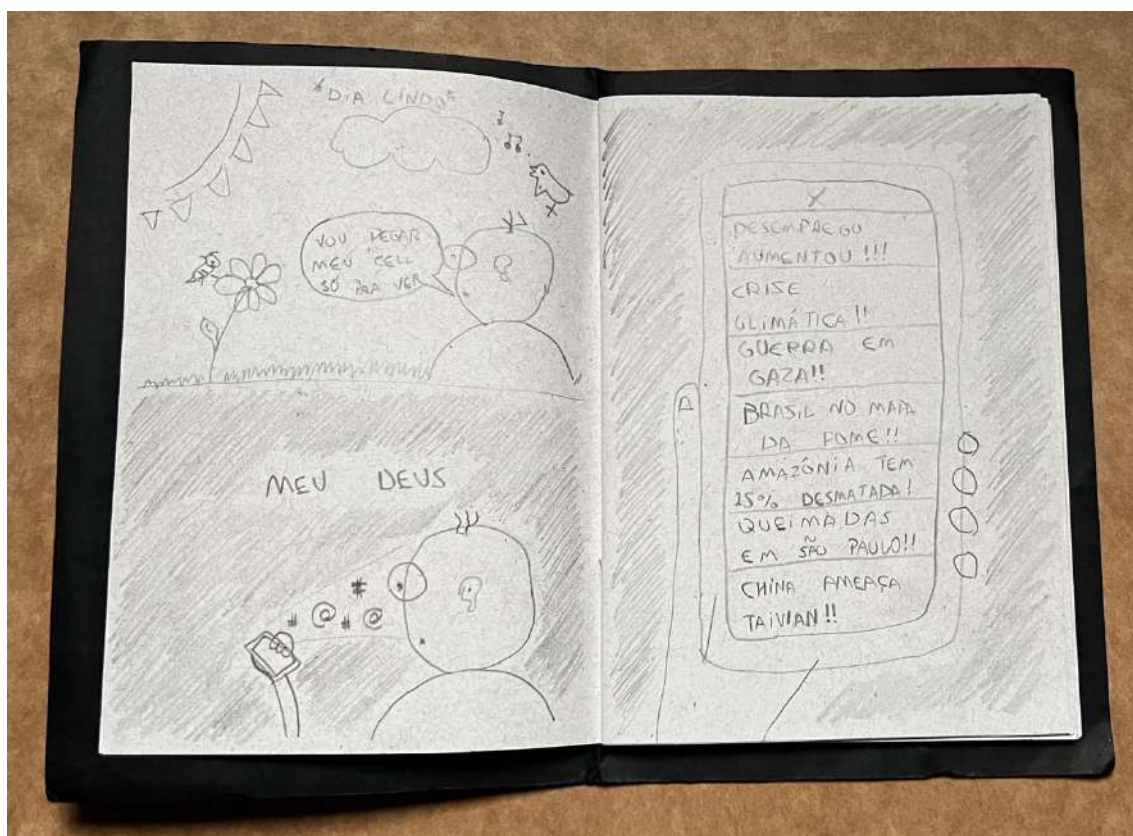


Figura 80. Fotografia do diário de bordo do aluno 12. Acervo da autora, 2024.

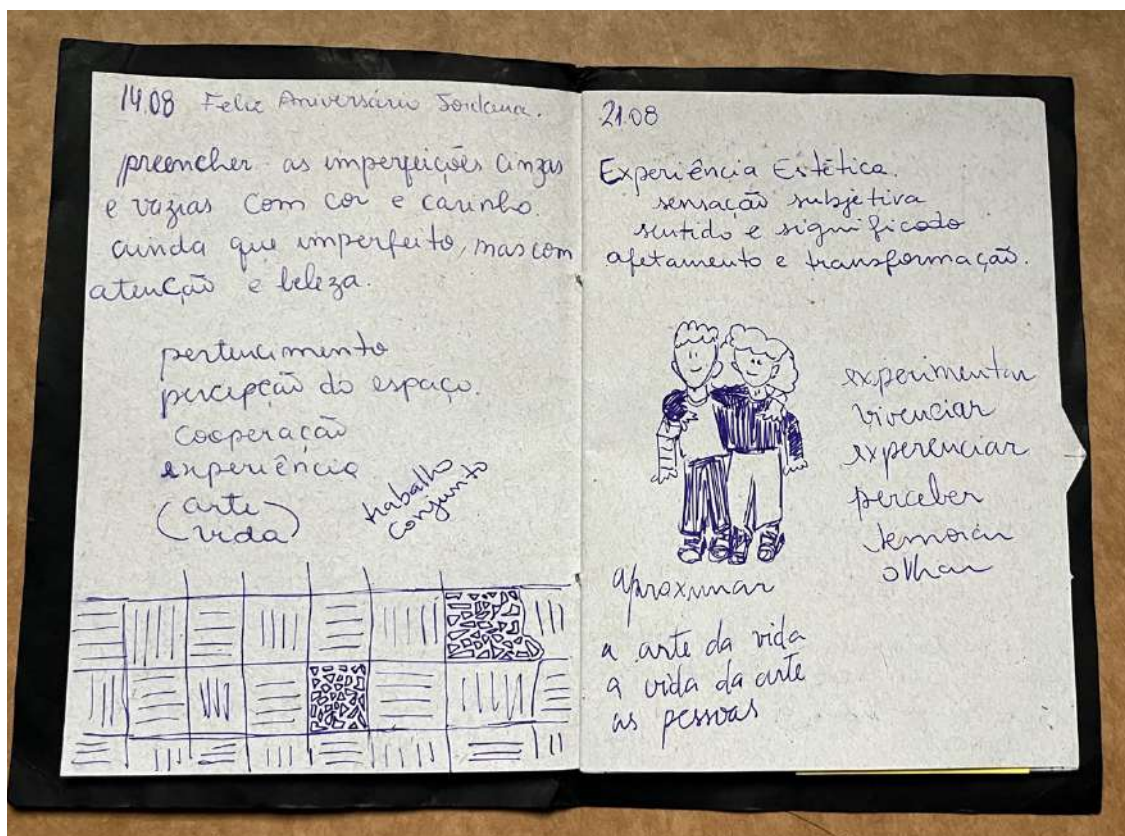


Figura 83. Fotografia do diário de bordo da aluna 15. Acervo da autora, 2024.

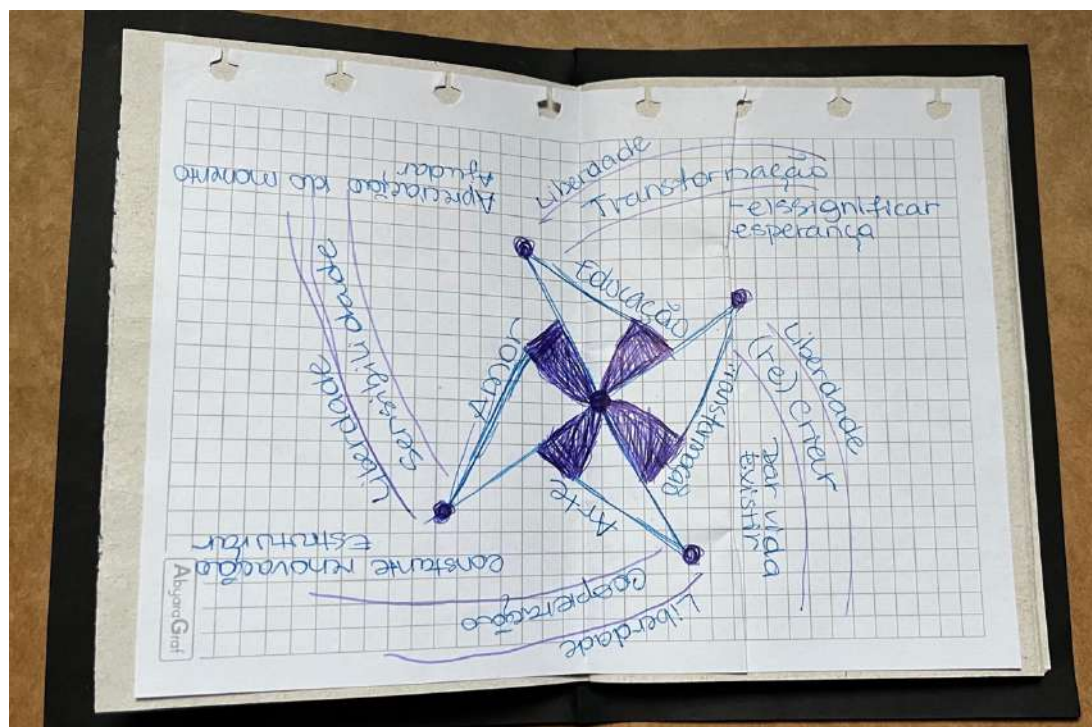


Figura 84. Fotografia do diário de bordo da aluna 16. Acervo da autora, 2024.

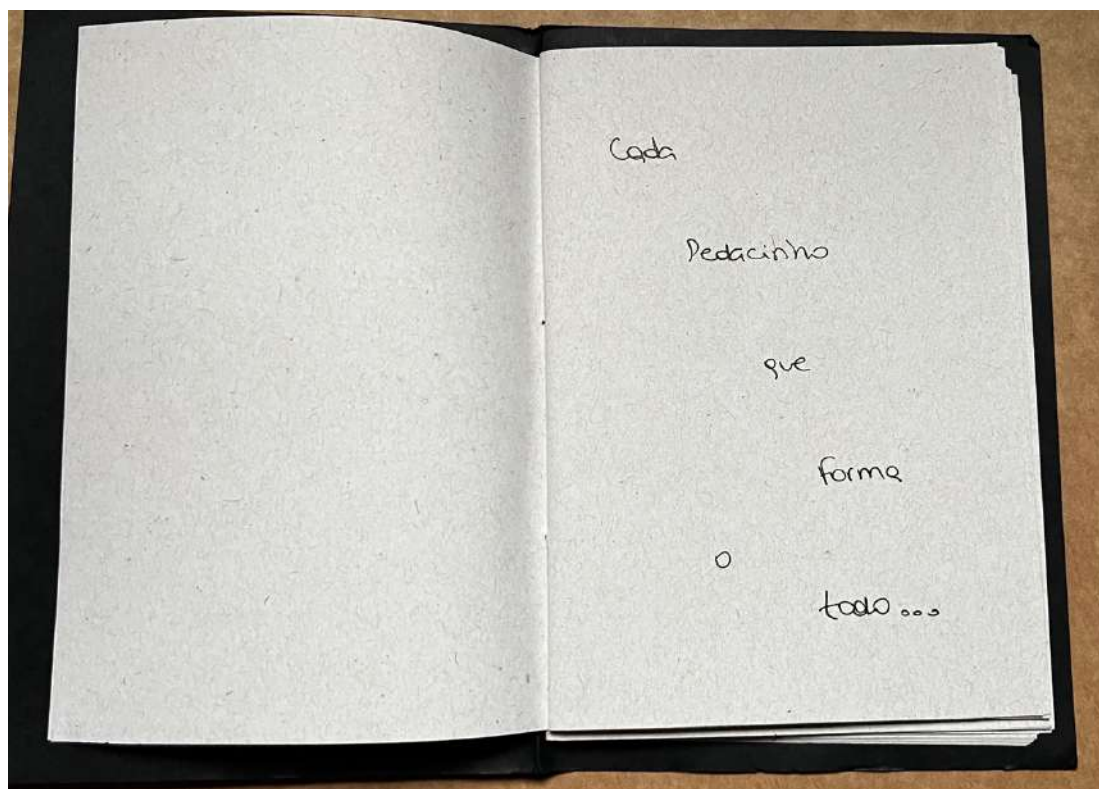


Figura 85. Fotografia do diário de bordo do aluno 17. Acervo da autora, 2024.

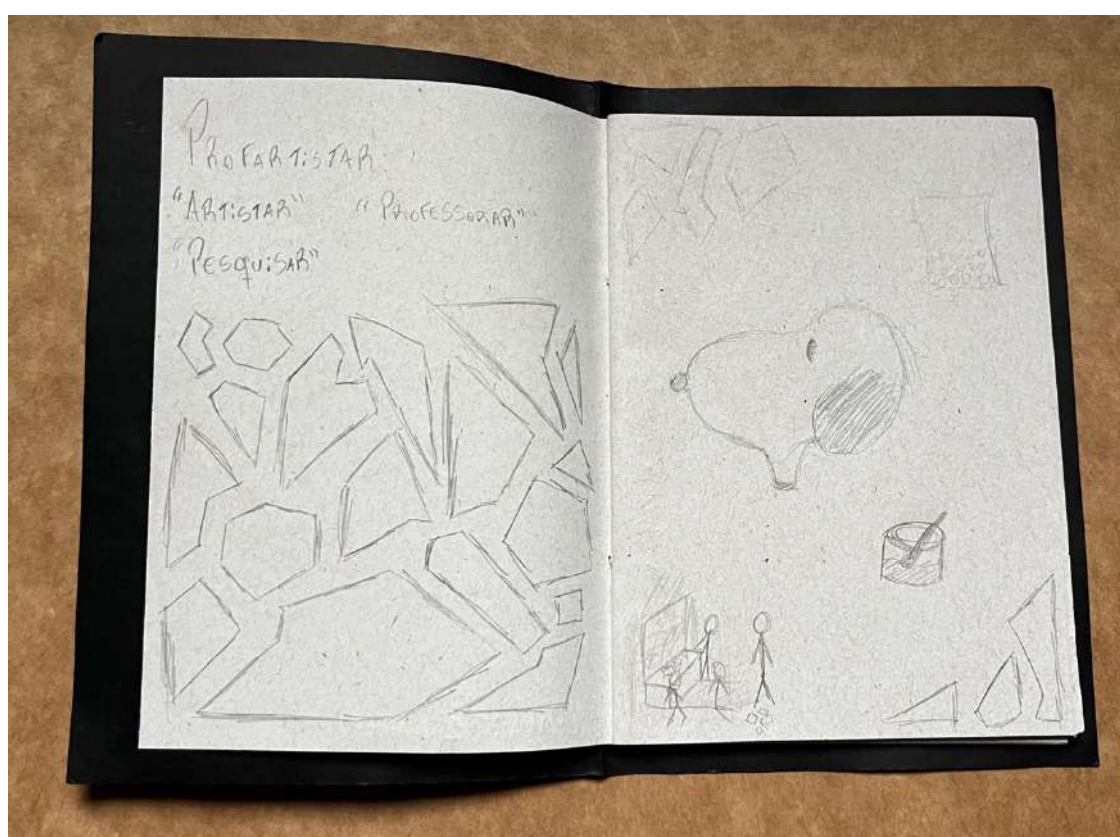


Figura 86. Fotografia do diário de bordo do aluno 18. Acervo da autora, 2024.

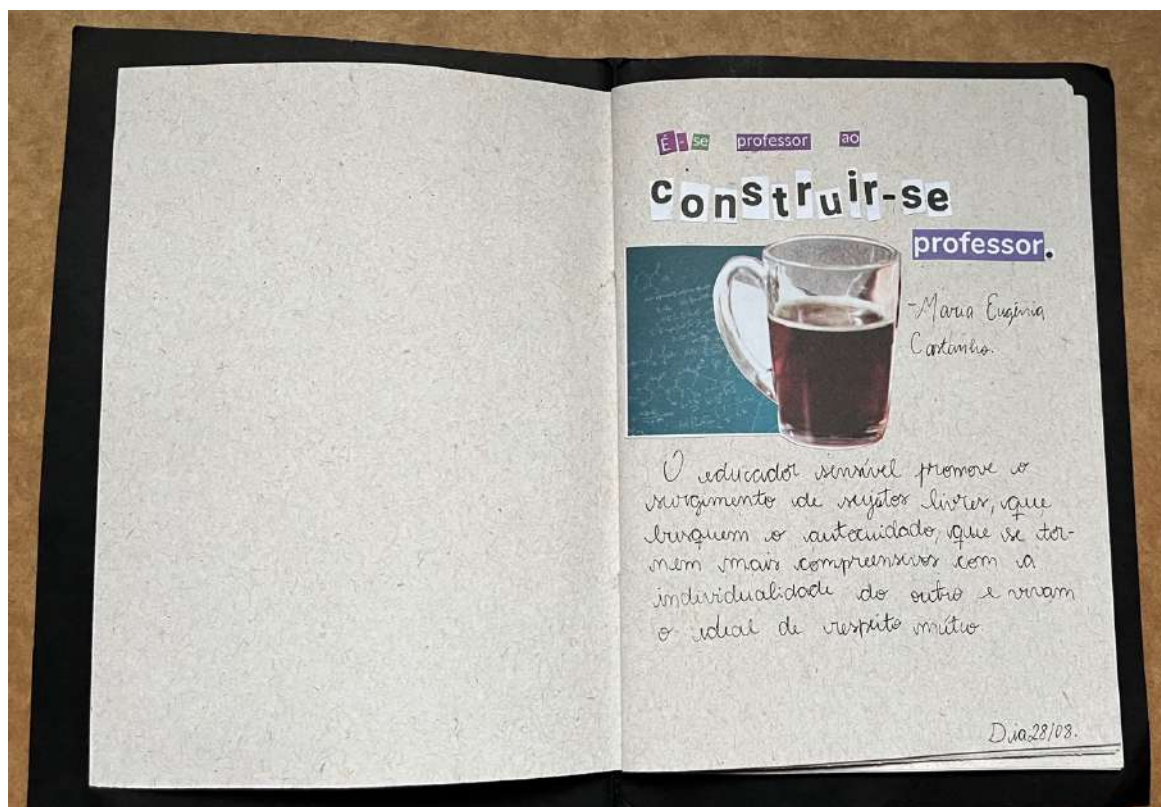


Figura 87. Fotografia do diário de bordo do aluno 19. Acervo da autora, 2024.



Figura 88. Fotografia do diário de bordo da aluna 20. Acervo da autora, 2024.

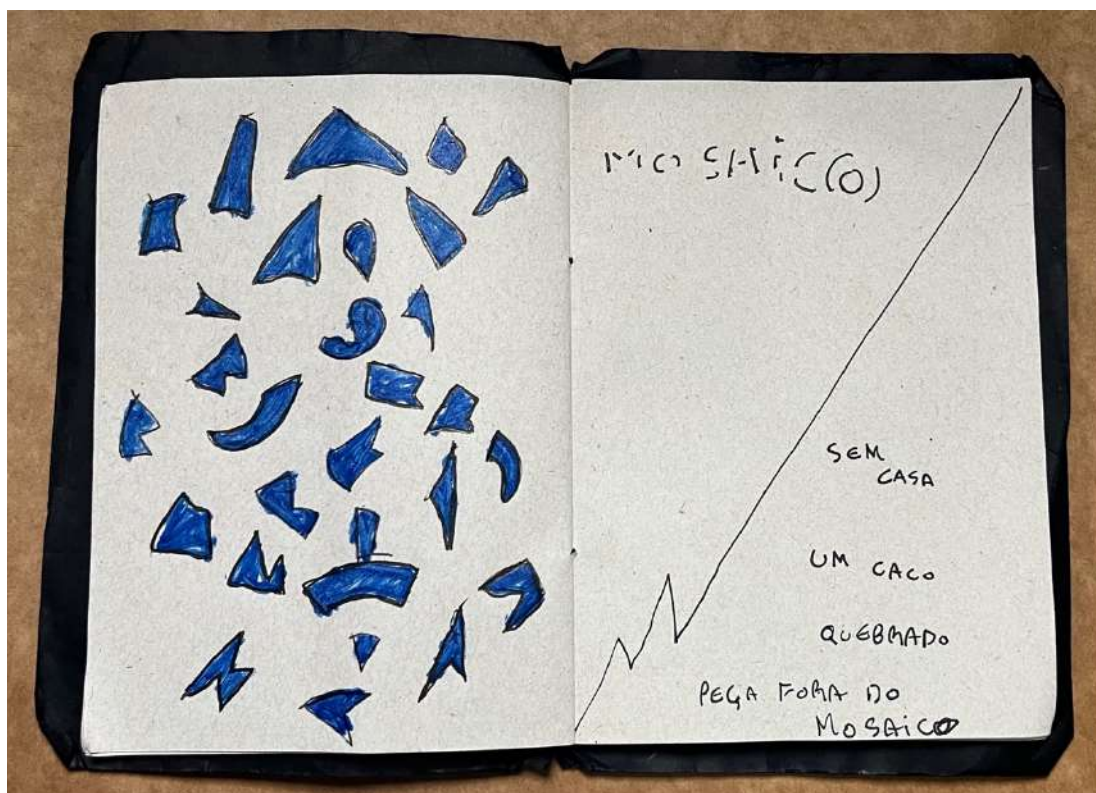


Figura 89. Fotografia do diário de bordo da aluna 21. Acervo da autora, 2024.

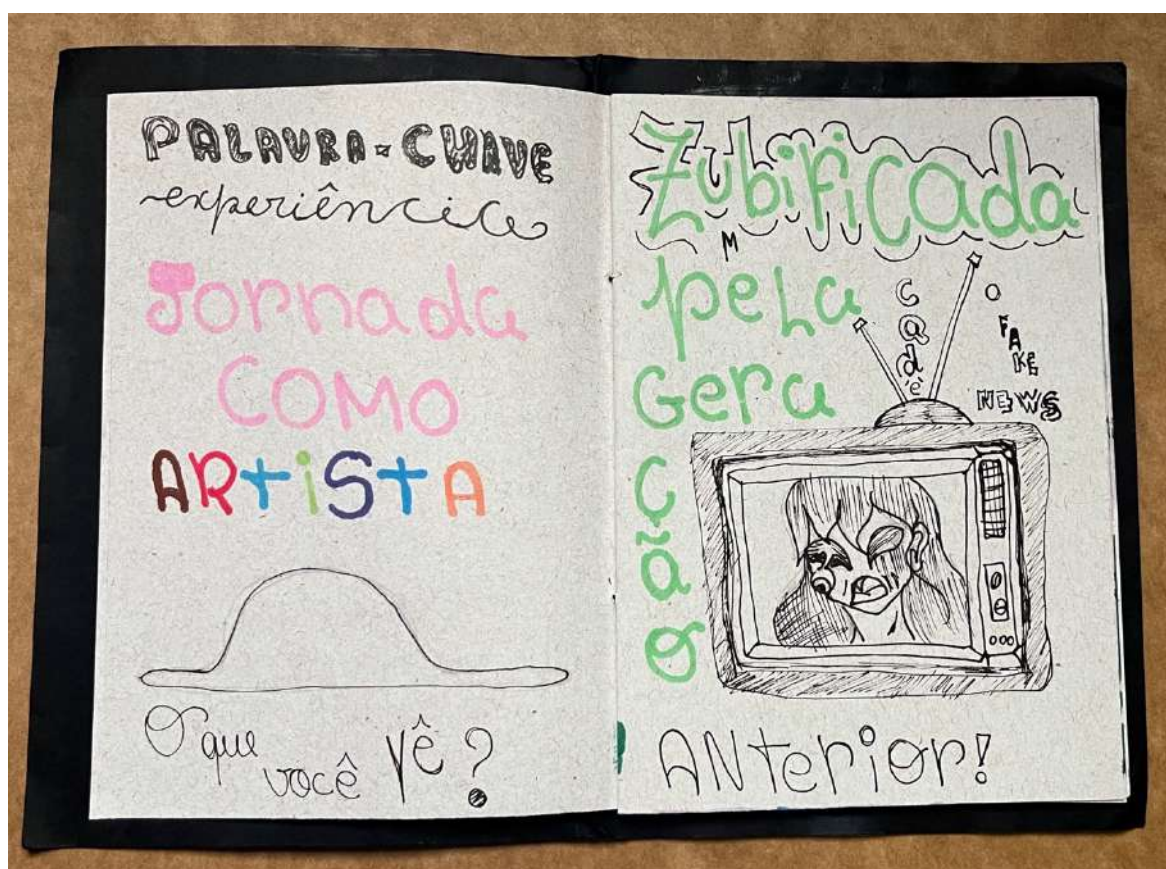


Figura 90. Fotografia do diário de bordo da aluna 22. Acervo da autora, 2024.

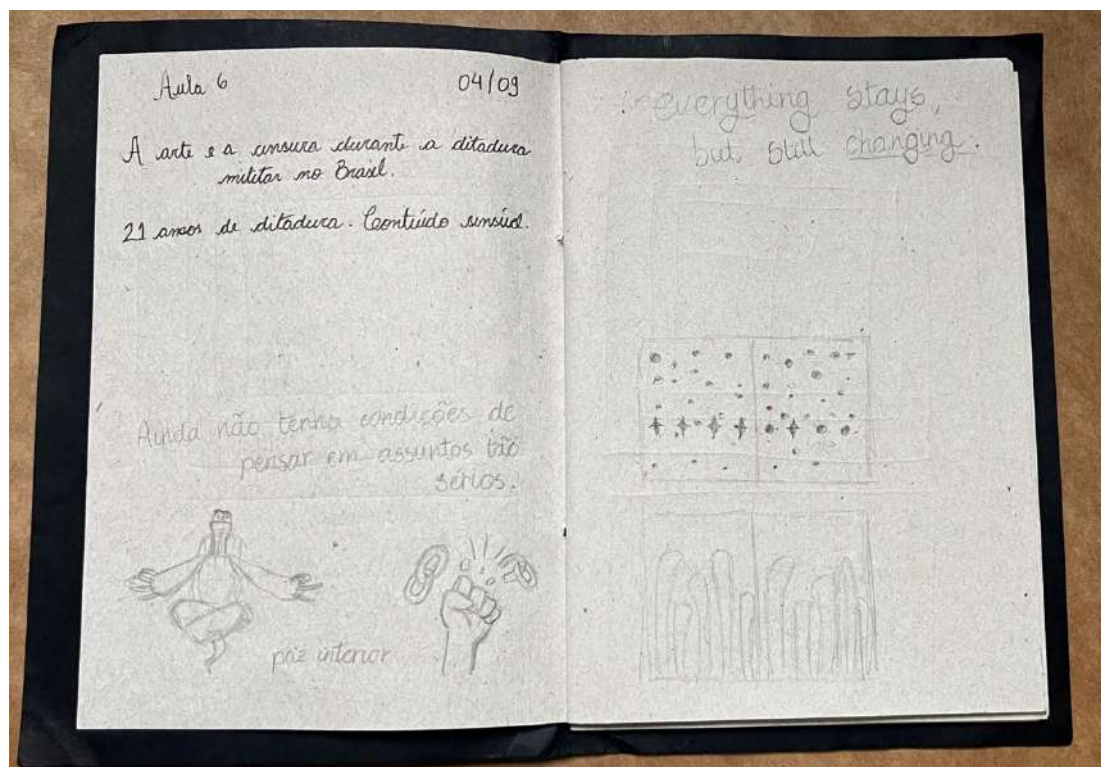


Figura 91. Fotografia do diário de bordo do aluno 23. Acervo da autora, 2024.



Figura 92. Fotografia do diário de bordo da aluna 24. Acervo da autora, 2024.



Figura 93. Fotografia do diário de bordo da aluna 25. Acervo da autora, 2024.



Figura 94. Fotografia do diário de bordo da aluna 26. Acervo da autora, 2024.

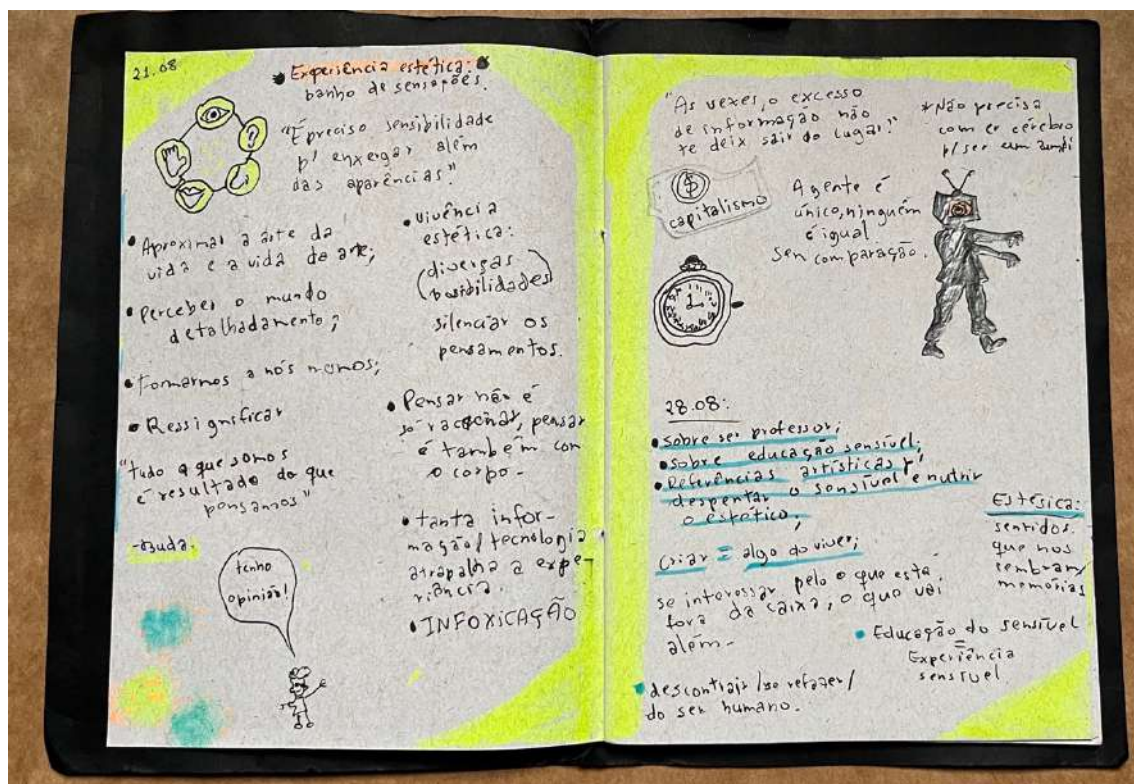


Figura 95. Fotografia do diário de bordo da aluna 27. Acervo da autora, 2024.

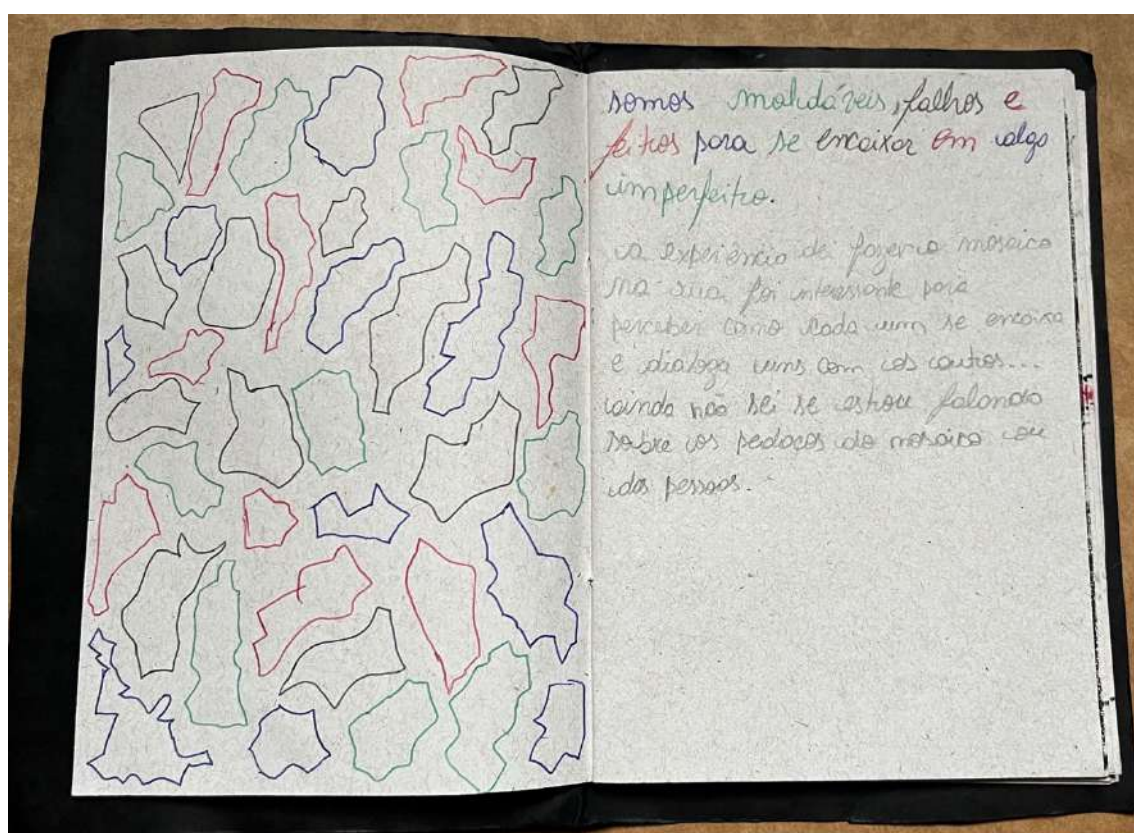


Figura 96. Fotografia do diário de bordo da aluna 28. Acervo da autora, 2024.

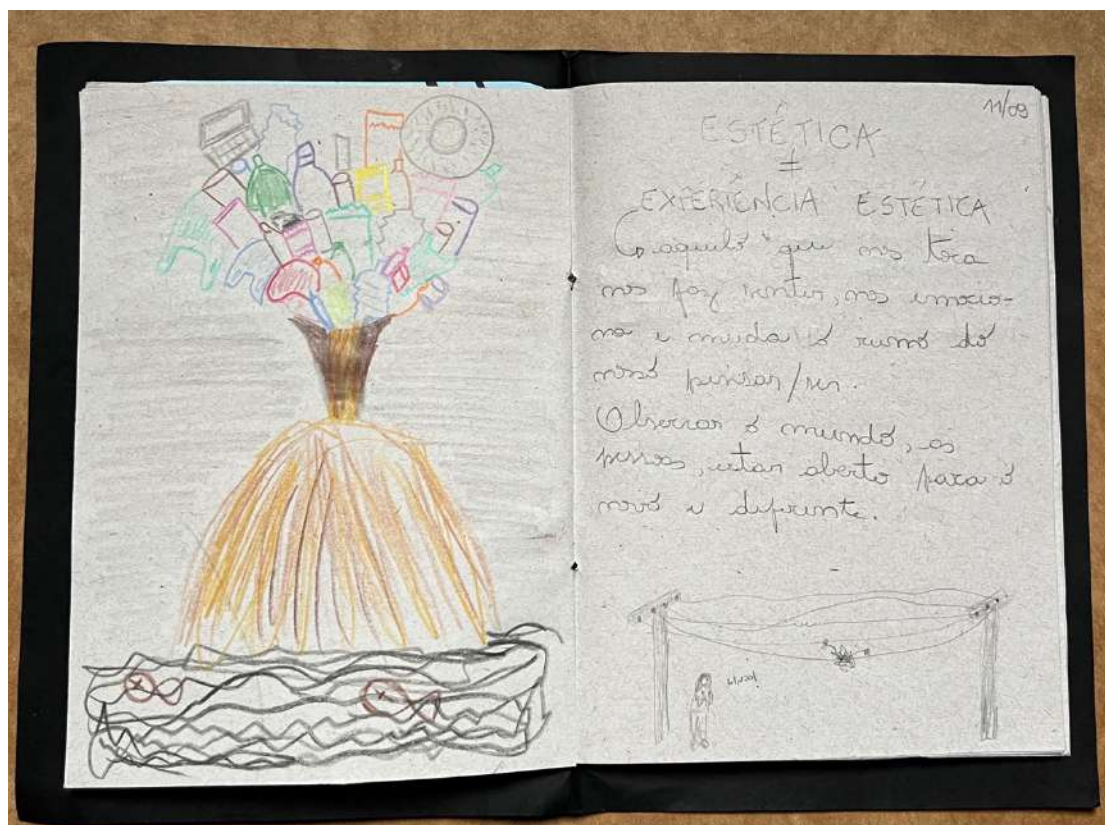


Figura 97. Fotografia do diário de bordo da aluna 29. Acervo da autora, 2024.

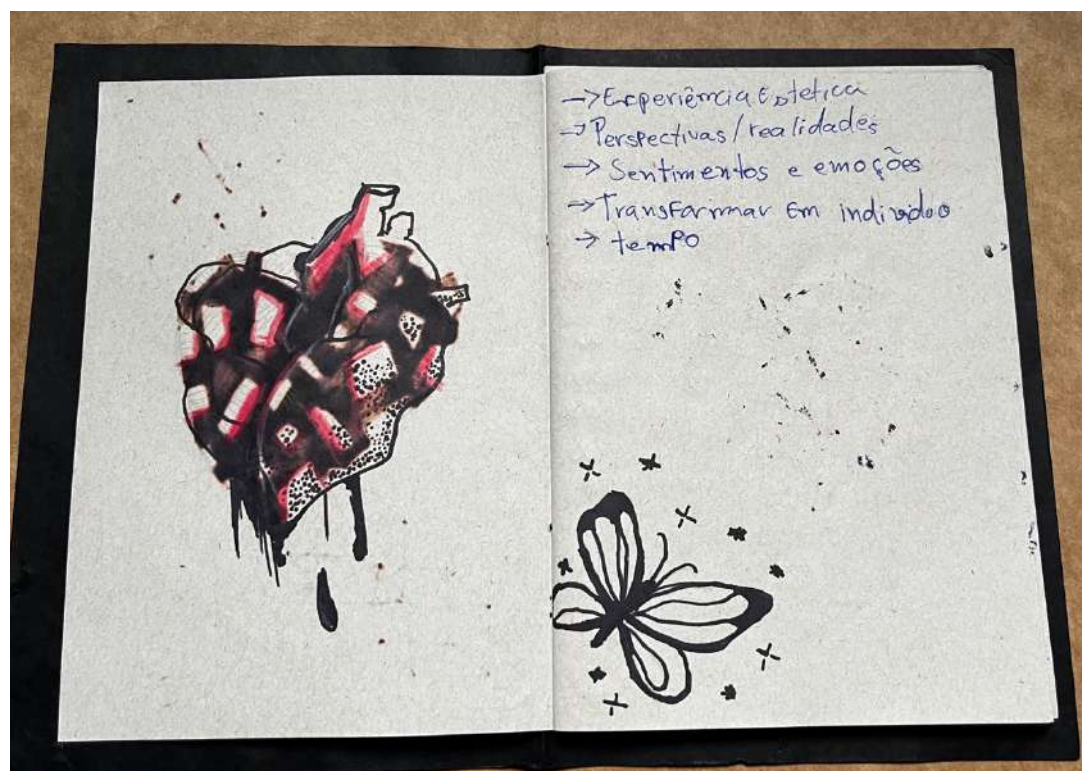


Figura 98. Fotografia do diário de bordo da aluna 30. Acervo da autora, 2024.

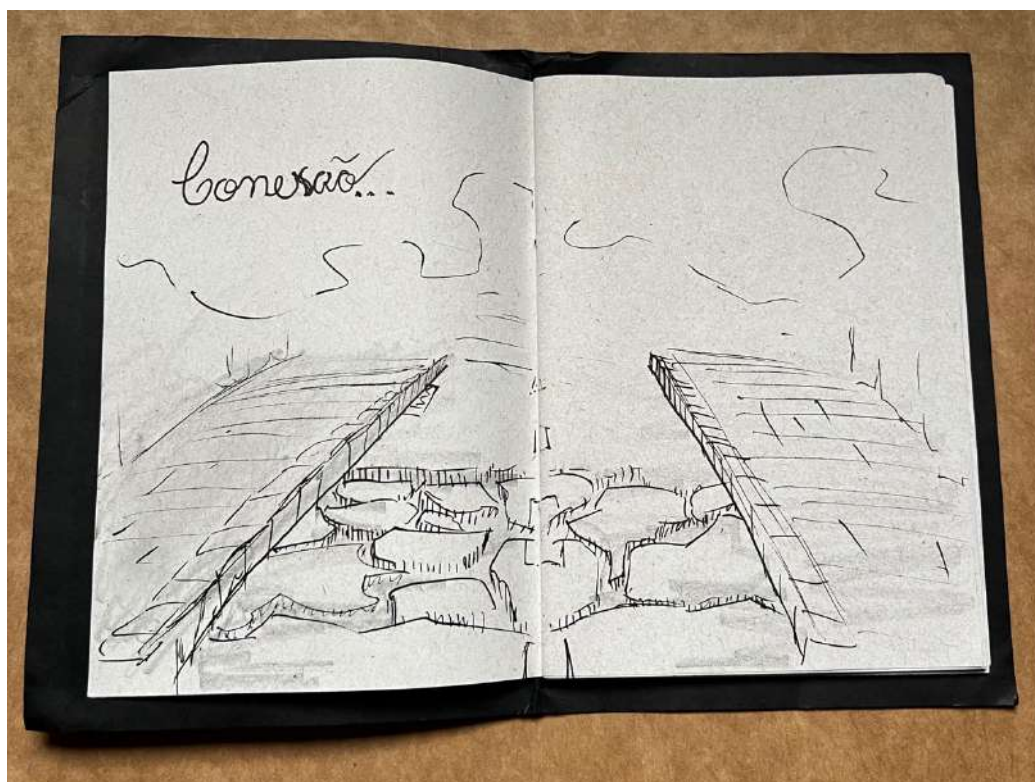


Figura 99. Fotografia do diário de bordo do aluno 31. Acervo da autora, 2024.

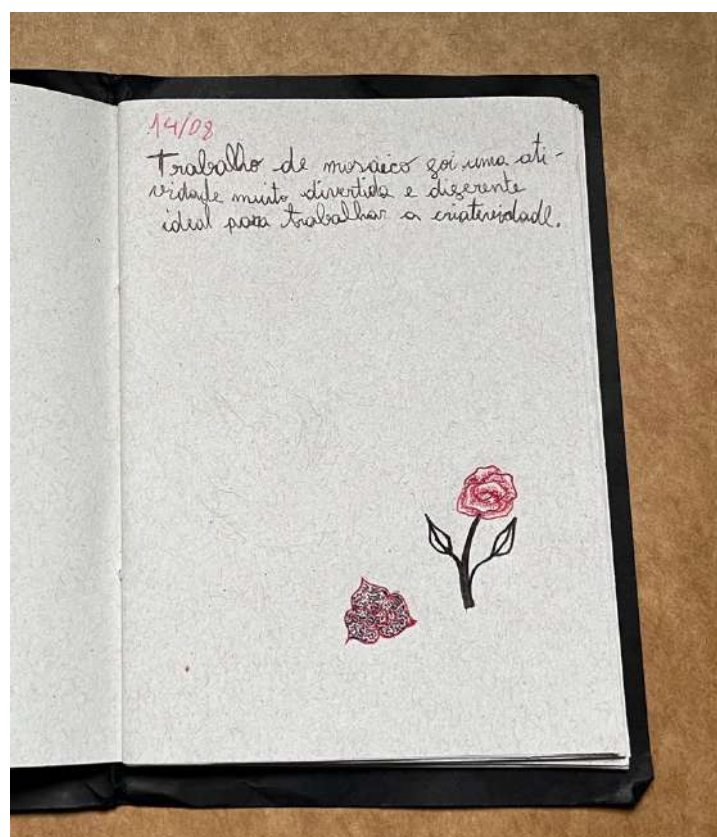


Figura 100. Fotografia do diário de bordo da aluna 32. Acervo da autora, 2024.

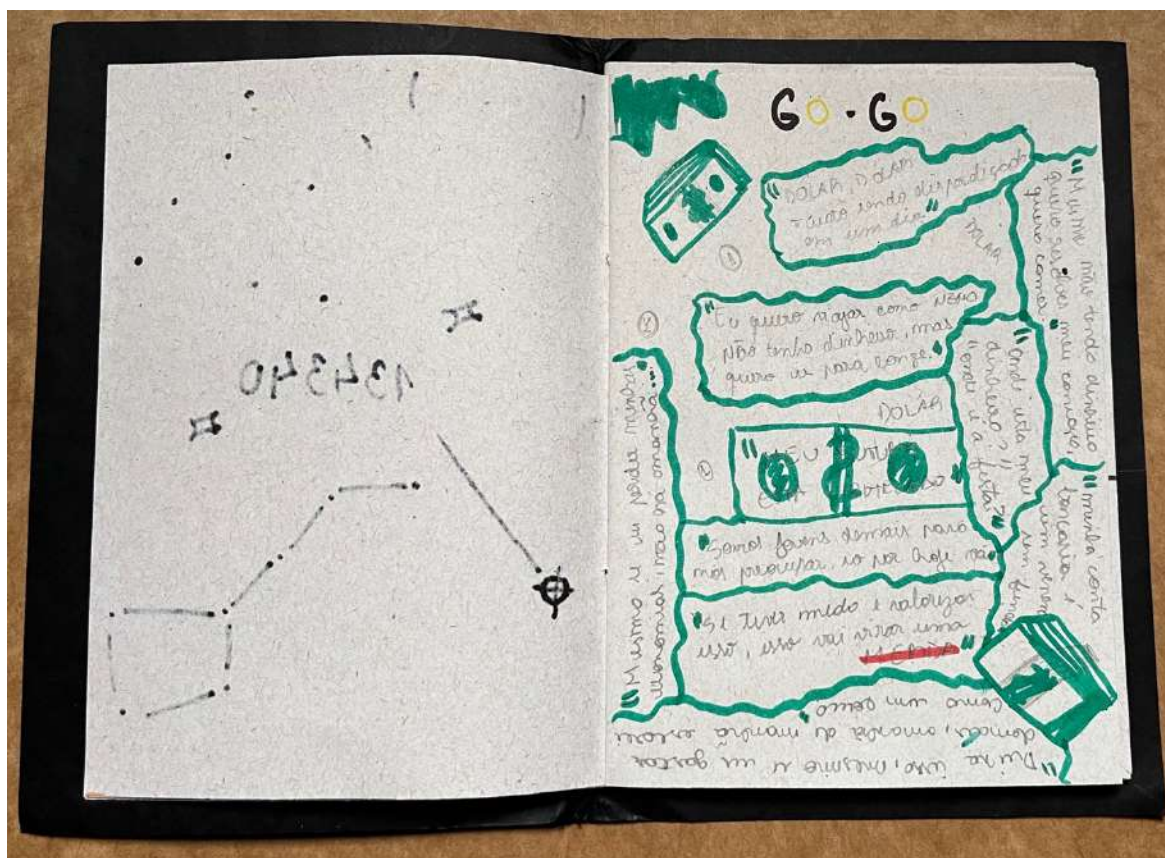


Figura 101. Fotografia do diário de bordo da aluna 33. Acervo da autora, 2024.

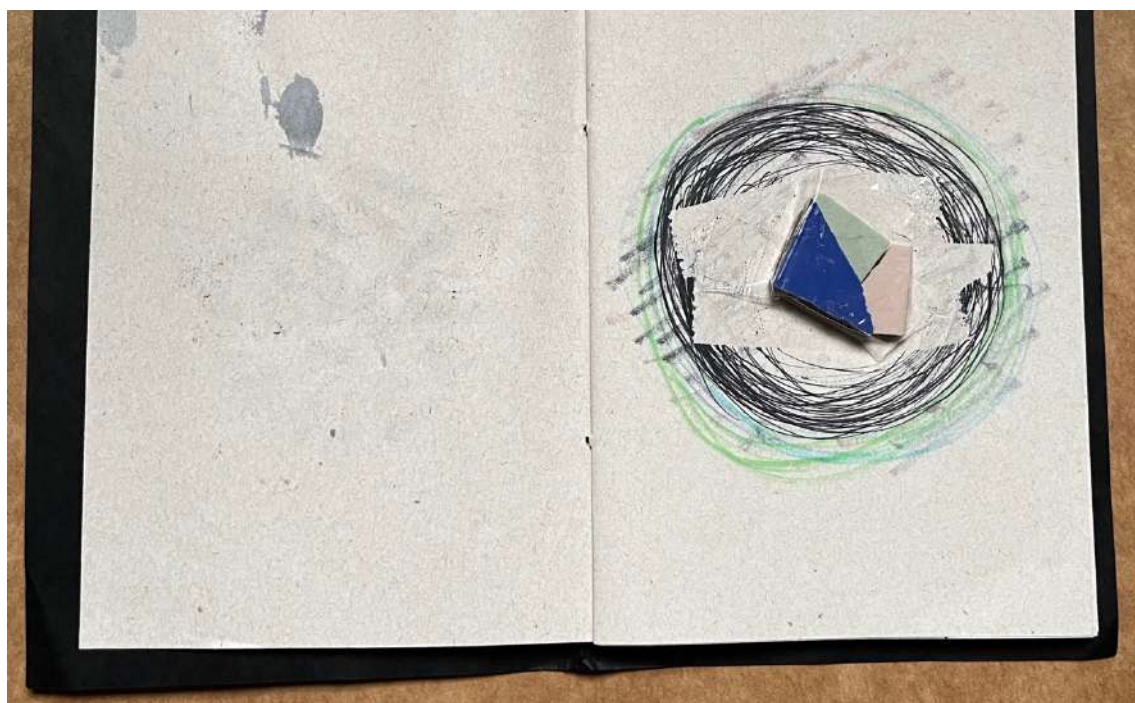


Figura 102. Fotografia do diário de bordo da aluna 34. Acervo da autora, 2024.

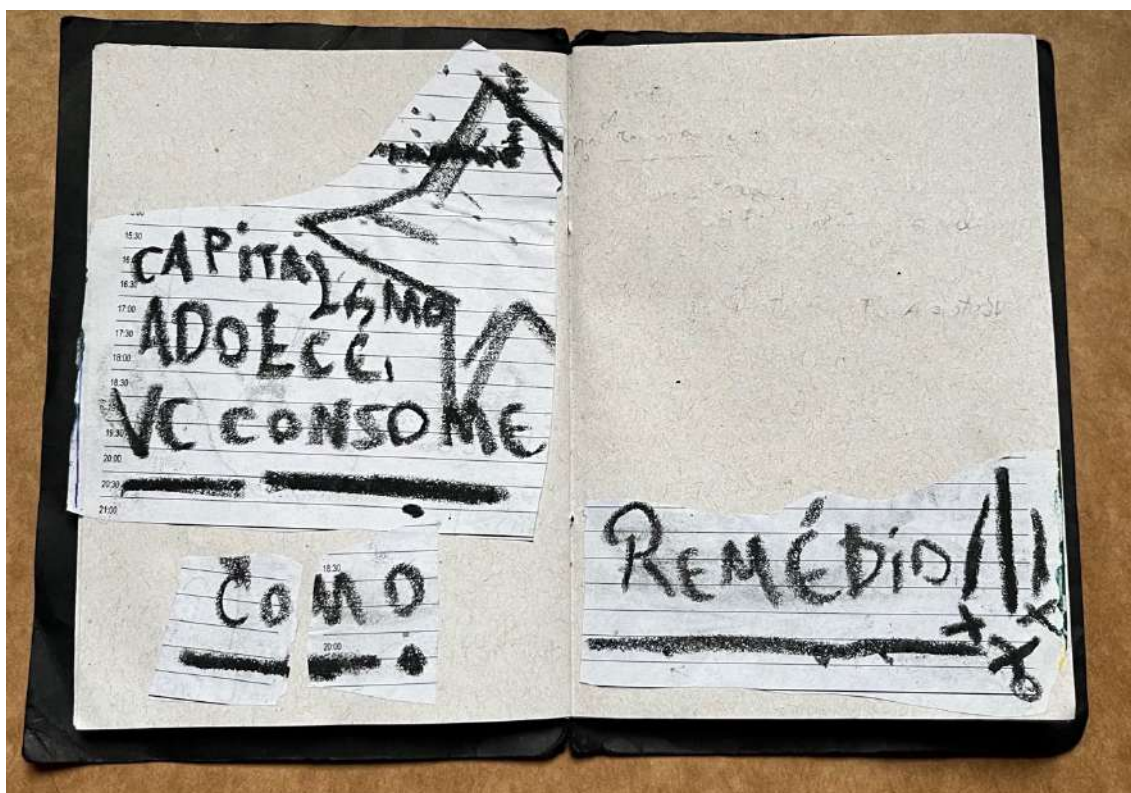


Figura 103. Fotografia do diário de bordo do aluno 35. Acervo da autora, 2024.



Figura 104. Fotografia do diário de bordo da aluna 36. Acervo da autora, 2024.

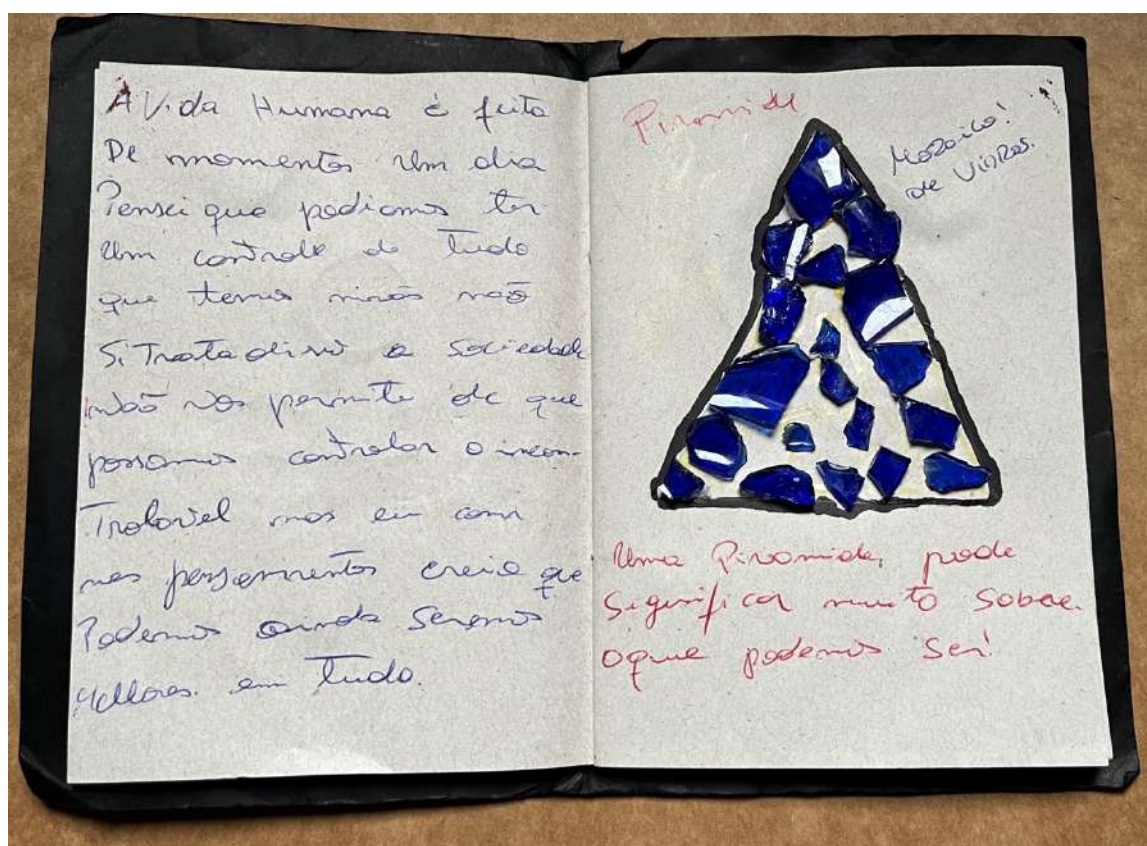


Figura 105. Fotografia do diário de bordo do aluno 37. Acervo da autora, 2024.

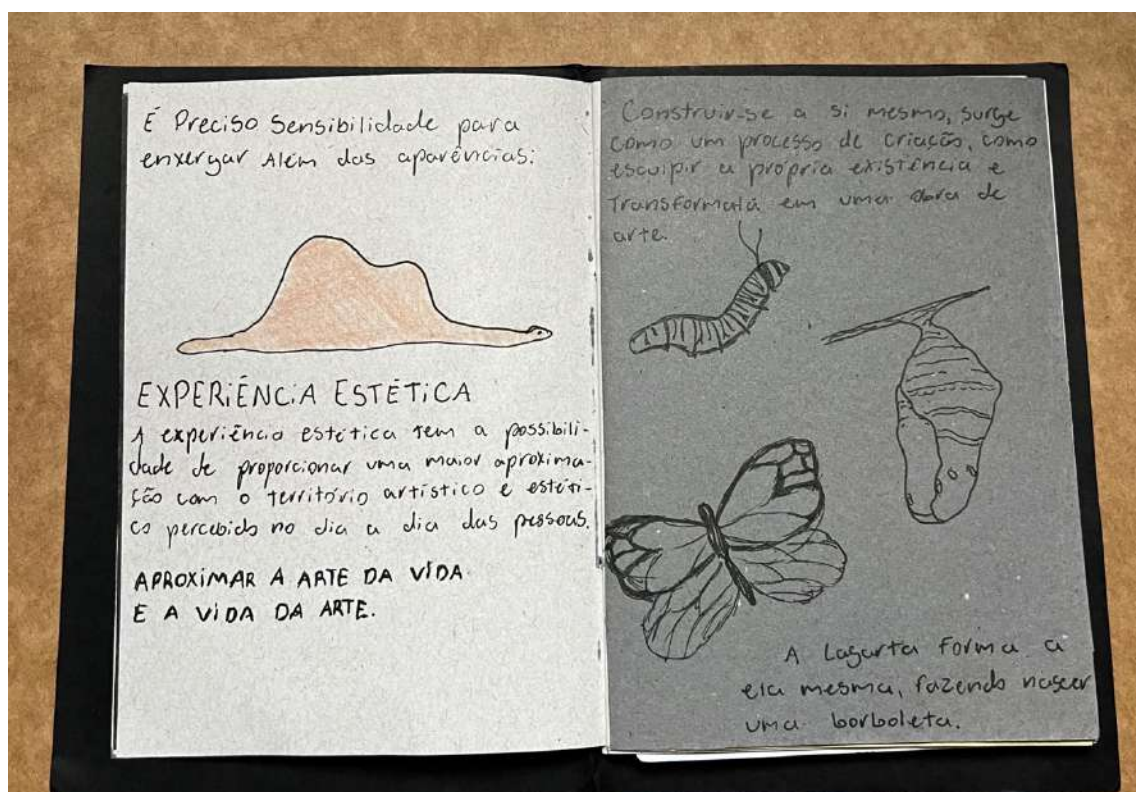


Figura 106. Fotografia do diário de bordo da aluna 38. Acervo da autora, 2024.



Figura 107. Fotografia do diário de bordo do aluno 39. Acervo da autora, 2024.



Figura 108. Fotografia do diário de bordo do aluno 40. Acervo da autora, 2024.

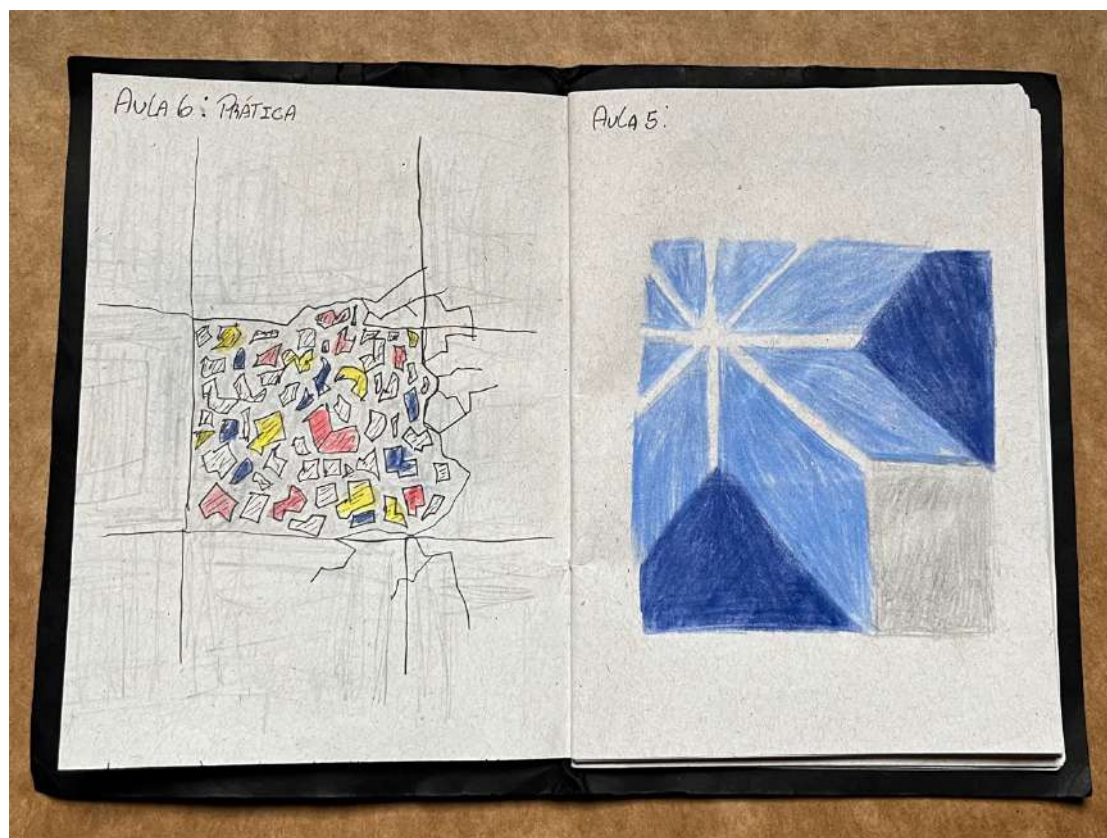


Figura 109. Fotografia do diário de bordo do aluno 41. Acervo da autora, 2024.

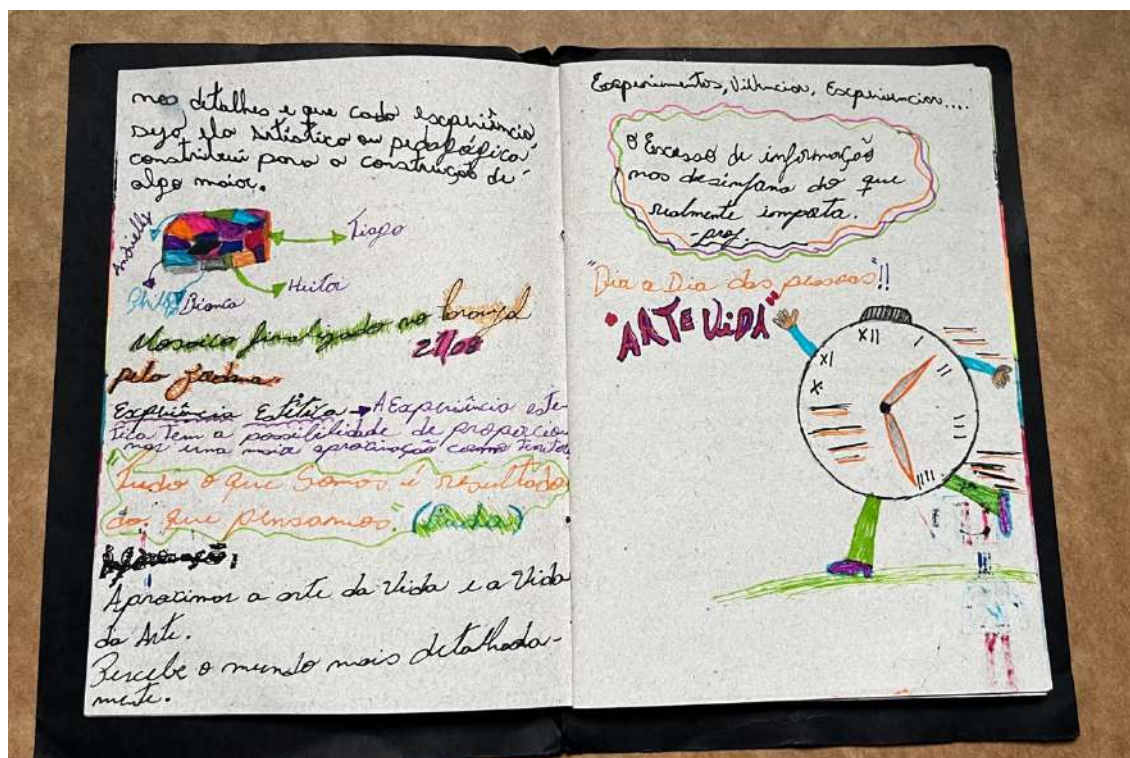


Figura 110. Fotografia do diário de bordo do aluno 42. Acervo da autora, 2024.

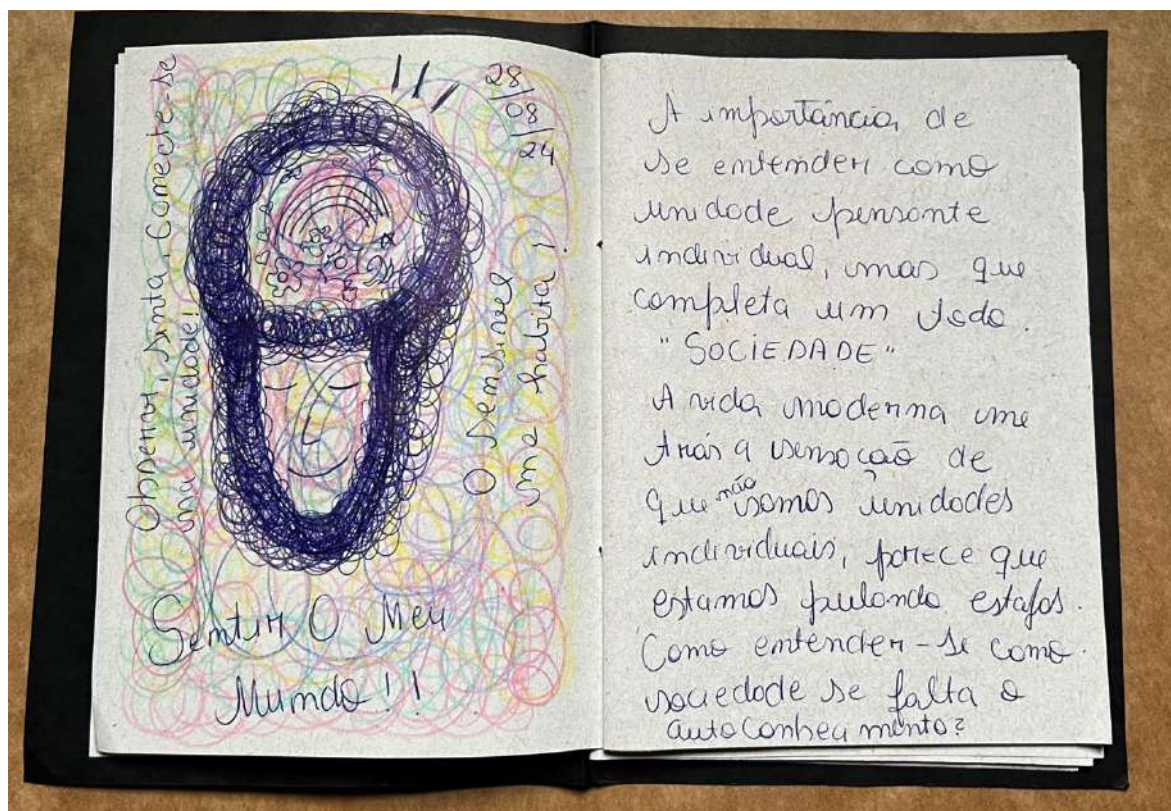


Figura 111. Fotografia do diário de bordo da aluna 43. Acervo da autora, 2024.

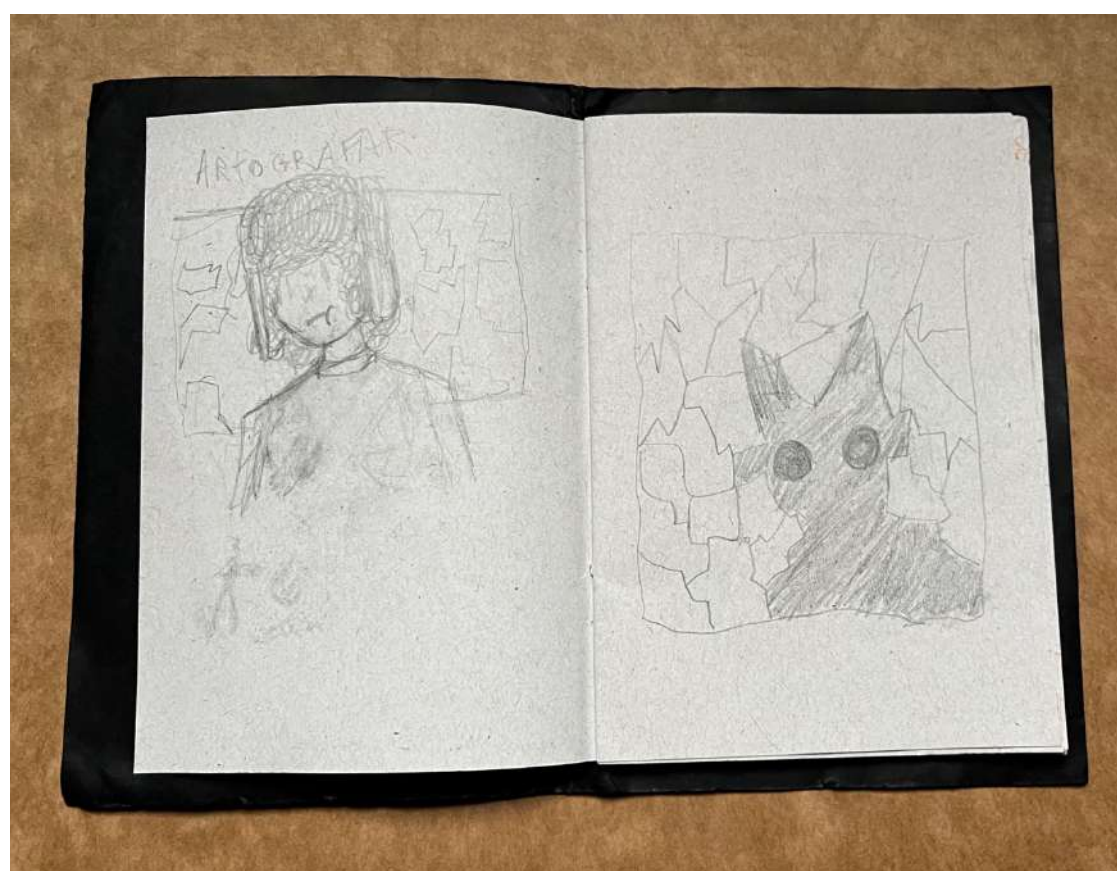


Figura 112. Fotografia do diário de bordo da aluna 44. Acervo da autora, 2024.



Figura 113. Fotografia do diário de bordo da aluna 45. Acervo da autora, 2024.

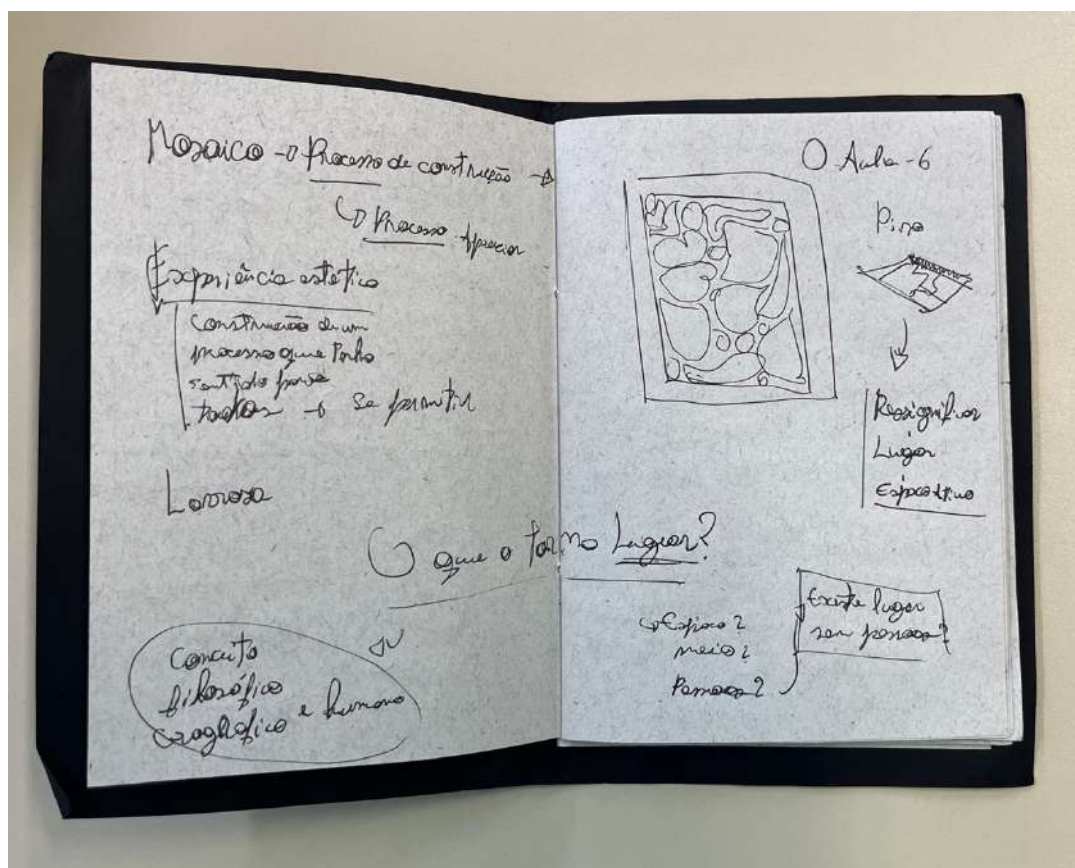


Figura 114. Fotografia do diário de bordo da aluna 46. Acervo da autora, 2024.

APÊNDICE II

Galeria Digital

Processos de criação de uma Profartista A/R/Tógrafa



Aponte a câmera do seu celular para o QR CODE e acompanhe alguns vídeos dos processos artísticos - mas também pedagógicos - que compõem esta dissertação.

Figura 115. QR CODE gerado para revelar alguns processos de criação. Acervo da autora, 2024.

APÊNDICE III – PLANOS DE AULA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CENTRO DE ARTES – ARTES VISUAIS LICENCIATURA FUDAMENTOS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

PLANO DE AULA 1 e 2

1. Tema

A escolha dos temas se deu de maneira a fazer com que todos eles se atravessassem uns com os outros, mas também trazendo atravessamentos entre formação, subjetividade, arte, vida, política e cotidiano. Os temas também foram escolhidos para se dedicarem a proporcionar possibilidades diversas dentro do espaço de sala de aula, para que seja possível habitarmos diferentes mundos a partir do exercício de experimentar e experienciar. A partir daí sendo possível aguçar a sensibilidade e desenvolver criticidade sobre tais assuntos, entre outros que poderão surgir ao caminhar.


O primeiro encontro com a turma terá como tema a importância da arte e da experiência estética para a formação de professores.

2. Objetivo

Conceituar questões sobre a formação de professores no ensino das artes visuais, visando despertar o interesse pelas experiências de caráter estético e a sua importância nos processos formativos e de subjetivação dentro dos ambientes educativos.

3. Metodologia

A aula será desenvolvida através de exposição dialogada, com a utilização de recursos visuais por meio de uma apresentação de slides em data show. Em um



primeiro momento será feita a abordagem inicial do tema. Logo após o tema será problematizado através de discussões com a participação dos estudantes, visando despertar a sensibilidade (olhar sensível), a criticidade e a autonomia de cada um deles sobre os assuntos abordados.

4. Avaliação

A avaliação será de maneira processual, ou seja, os estudantes serão acompanhados pela professora durante as aulas, e a participação dentro do processo é de suma importância. Dentro da avaliação ainda é importante destacar: o envolvimento nas discussões levantadas, participação ativa nas atividades propostas, pontualidade nas entregas de trabalhos.

Essa aula em específico terá uma atividade prática presencial: construção de um mosaico coletivo, buscando atravessar a ideia da formação de professores, onde construímos nosso processo de formação junto ao coletivo e junto com outros professores e profissionais da educação. Logo após a atividade prática, desenvolver uma escrita sobre a experiência e a potência dos nossos encontros.

5. Materiais

Cimento cola, pedrinhas coloridas.

Pedir aos alunos que tragam objetos para compor o mosaico compartilhado, podem ser quaisquer tipos de objetos que seja possível anexar com cola.

6. Referências

DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

LARROSA, B. Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n.19 (Jorge Larrosa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística).

MEIRA, Ribeiro Marly; PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **Arte, Afeto e Educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES – ARTES VISUAIS LICENCIATURA
FUDAMENTOS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

PLANO DE AULA 3

1.Tema

No terceiro encontro atravessando a ideia de experiência estética proponho uma conversa e um encontro sobre a experiência dentro da formação do(i)scente. Que seja possível questionar a formação que ainda hoje está focada para o mercado de trabalho, visando a mão de obra e o lucro para o capital. Quanto mais perto dessa formação, estaremos cada vez mais longe de uma formação para a vida, focada no saber sensível dos corpos.

2. Objetivo

Despertar novas maneiras de pensar por meio da arte, visando a importância de inventar outras maneiras de ser professor, de ser/estar/atuar no mundo em que vivemos.

3. Metodologia

A aula será desenvolvida através de exposição dialogada, com a utilização de recursos visuais por meio de uma apresentação de slides em data show. Em um primeiro momento será feita a abordagem inicial do tema. Logo após o tema será problematizado através de discussões com a participação dos estudantes, visando despertar a sensibilidade (olhar sensível), a criticidade e a autonomia de cada um deles sobre os assuntos abordados.

4. Avaliação

A avaliação será de maneira processual, ou seja, os estudantes serão acompanhados pela professora durante as aulas, e a participação dentro do



processo é de suma importância. Dentro da avaliação ainda é importante destacar: o envolvimento nas discussões levantadas, participação ativa nas atividades propostas, pontualidade nas entregas de trabalhos.

Discussão coletiva sobre o tema em sala de aula.

Olhar sensível sobre o cotidiano diante da correria do dia a dia, diante do tempo que não temos e por não podermos parar. Parar para pensar, para refletir e fotografar aquilo que pode ser matéria e potência para a arte em nosso cotidiano e que muitas vezes passa despercebido diante da correria. Observar e trazer uma palavra-chave para cada fotografia, tentando fugir dos estereótipos.

Não reproduzir assim como no exemplo - Palavra-chave: amor – fotografia de um coração.

5. Referências

DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FARINA, Cynthia. **Políticas do sensível no corpo docente** - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. Revista Thema. v.7, n.1, p.01-13, 2010.

LARROSA, B. Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n.19 (Jorge Larrosa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística).

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES – ARTES VISUAIS LICENCIATURA
FUDAMENTOS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

PLANO DE AULA 4

1.Tema

No quarto encontro, o tema será atravessando a ideia de experiência, de arte, de estética, de política e cotidiano, tudo isso fazendo uma abordagem histórica das artes brasileiras no contexto da Ditadura Militar. Mostrando obras e artistas de grande importância e aproximando dos dias atuais, onde em um passado muito próximo também passamos por tempos sombrios.

2. Objetivo

Despertar novas maneiras de resistir dentro do sistema em que vivemos por meio da arte, visando a abordagem do tema como uma estética que também é política e atravessando a ideia de que toda arte é política.

3. Metodologia

A aula será desenvolvida através de exposição dialogada, com a utilização de recursos visuais por meio de uma apresentação de slides em data show. Em um primeiro momento será feita a abordagem inicial do tema. Logo após o tema será problematizado através de discussões com a participação dos estudantes, visando despertar a sensibilidade (olhar sensível), a criticidade e a autonomia de cada um deles sobre os assuntos abordados.

4. Avaliação

A avaliação será de maneira processual, ou seja, os estudantes serão acompanhados pela professora durante as aulas, e a participação dentro do



processo é de suma importância. Dentro da avaliação ainda é importante destacar: o envolvimento nas discussões levantadas, participação ativa nas atividades propostas, pontualidade nas entregas de trabalhos.

Discussão coletiva sobre o tema em sala de aula.

5. Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea – uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSTA, Cacilda Teixeira da. **A arte no Brasil 1950-2000 movimentos e meios**. São Paulo: Alameda, 2006.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas & movimentos - Guia enciclopédico da arte moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.